

17

Militarium Ordinum Analecta



Militarium Ordinum Analecta

FONTES PARA O ESTUDO DAS ORDENS RELIGIOSO-MILITARES

17

2013

Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional

Noudar e Vera Cruz de Marmelar



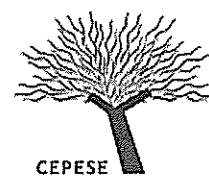
FRONTEIRA DO CAOS
EDITORES

Militarium Ordinum Analecta
FONTES PARA O ESTUDO DAS ORDENS RELIGIOSO-MILITARES

**Comendas das
Ordens Militares:
perfil nacional e inserção internacional**

Noudar e Vera Cruz de Marmelar

Luís Adão da Fonseca
(coordenação)



FRONTEIRA DO CAOS
EDITORES

Título

Comendas das Ordens Militares: perfil nacional e inserção internacional
Noudar e Vera Cruz de Marmelar

Direção da Coleção

Luís Adão da Fonseca

Introdução e Coordenação

Luís Adão da Fonseca

Revisão

Maria Cristina Pimenta

Paula Pinto Costa

António Pestana de Vasconcelos

Todos os Direitos Reservados

CEPESE e Fronteira do Caos Editores Lda.

Capa

Maria Adão

Impressão e Acabamento

Barbosa e Filhos, Lda.

Depósito Legal

366 442/13

ISBN CEPESE

978-989-8434-21-0

ISBN Fronteira do Caos

978-989-8647-12-2

1ª Edição

PORTO – 2013

CEPESE

Rua do Campo Alegre, 1021

4169-004 Porto

cepese@cepese.pt

www.cepese.pt

FRONTEIRA DO CAOS EDITORES LDA.

Apartado 52028

4202-801 Porto

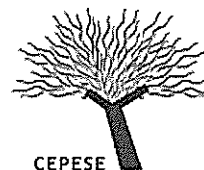
fronteiradochaos@netcabo.pt

www.fronteiradochaoseditores.pt

**Comendas das
Ordens Militares:**
perfil nacional e inserção internacional

Noudar e Vera Cruz de Marmelar

Luís Adão da Fonseca
(coordenação)



CEPESE



FRONTEIRA DO CAOS
EDITORES

A COMENDA DE MARMELAR

E o Sul continuava a nutrir, de facto, a vertente eremítica. Enquanto ocorrem as mutações acima descritas, do lado dos guerreiros, recrudescera, com uma impressionante vitalidade, o lado dos eremitas. Não há infelizmente fontes que corroborem a hipótese provável de uma continuidade de base em relação aos séculos moçárabes e da Reconquista. De todo o modo, os numerosos eremitas que *emergem documentalmente* – na expressão do mais recente e aprofundado estudo sobre o assunto, de João Luís Fontes –, a partir de 1366, denominando-se *da pobre vida*, com epicentro na Serra de Ossa, têm sem dúvida diferenças em relação aos anteriores¹¹⁶⁶. Defende o autor que o franciscanismo, em especial na linha mais radical, dos *fraticelli*, terá marcado estes novos eremitas de forma impressiva; e julga também muito provável a influência de ordens de matriz eremítica, em especial a dos Jerónimos (embora recusando a opção cenobítica desta e resistindo longamente a tal forma de inserção eclesial). Seria quanto a nós interessante investigar ainda tanto a permanência do eremitismo carismático, como a eventual presença de *heréticos* entre estes pobres. Como demonstra João Luís Fontes, proliferaram longamente *fundações espontâneas*, não ligadas diretamente à Serra de Ossa¹¹⁶⁷.

Terminamos com uma palavra para a mais subjetiva de todas as perspetivas meridionais. Aquela que é constituída como local de fuga, mundo ao inverso, ou espaço de redenção, pelos inquietos, insatisfeitos e atormentados. Para o espaço dessa perspetiva tentaram ou sonharam partir D. Afonso V, D. Manuel, D. Jaime de Bragança e, seguramente, todo um mundo de personagens menores, que por isso não deixaram o mesmo lastro documental¹¹⁶⁸. Alargando-se das extensas planícies alentejanas ao Norte de África, esse espaço foi de algum modo também Oriental, no sentido em que uma parte da imaginação do Oriente pelos ocidentais teve características análogas e alimentou este imaginário: um mundo suficientemente estranho para ser possível perder-se nele, não mais ser encontrado, mas talvez encontrar-se. Afinal, do que falámos ao longo de todo este texto se não de formas de busca, redefinição e reinvenção de identidades perdidas?

¹¹⁶⁶ FONTES, 2012: 47 e ss.

¹¹⁶⁷ FONTES, 2012: 77 e ss.

¹¹⁶⁸ ROSA. 2006: 44 e ss.



Património artístico

1. Arquitetura da igreja e do conjunto monumental¹¹⁶⁹

O estudo diacrónico da arquitetura do conventual de Vera Cruz de Marmelar coloca muitas interrogações. A reforma da Igreja nos séculos XVI e XVII, a permanência de parcelas datáveis da época visigótica ou moçárabe, o estado ruinoso do paço do comendador e de outras dependências conventuais, a ausência de intervenções arqueológicas e as obras de restauro efetuadas no século XX, são alguns dos fatores que dificultam assazmente uma análise do conjunto arquitetónico. A inacessibilidade ao piso superior das capelas laterais e à designada *Casa da Tumba* construída a Norte é, contudo, um dos principais constrangimentos ao estudo deste templo, porque é precisamente na zona da cabeceira que se colocam as maiores dúvidas sobre a campanha construtiva no século XIII. É também nesta parcela que se configura o aspeto fortificado da igreja (Fotografia 7), único argumento até agora aduzido para tipificar o templo de Vera Cruz na categoria das igrejas-fortaleza.

¹¹⁶⁹ Texto de Lúcia Rosas.

Parece evidente que os muros das capelas laterais foram alteados posteriormente à sua construção original, formando assim, com a torre encostada a Oriente, um maciço turriforme de três volumes elevados à mesma altura e coroado por merlões. Este arranjo confere à cabeceira um aspeto fortificado que aparenta semelhanças com a planimetria e, principalmente, com o alçado oriental da igreja do mosteiro, também hospitalário, da Flor da Rosa (Crato), cuja primeira campanha de obras foi iniciada nos meados do século XIV por iniciativa de D. Álvaro Gonçalves Pereira¹¹⁷⁰. A cabeceira turriforme do templo de Marmelar tem sido, como vimos, considerada como a parcela que enquadra esta igreja na tipologia das igrejas-fortaleza. Segundo P. Pereira e J. Rodrigues, o conceito de igreja-fortaleza está patente nos três corpos verticalizados da cabeceira coroada por merlões, dada a sua semelhança com a morfologia da cabeceira do convento da Flor da Rosa, o que pode indicar um princípio orientador da Ordem do Hospital¹¹⁷¹.

Apesar das dificuldades expostas consideramos que o mosteiro de Marmelar deve ser analisado tendo em conta três questões fundamentais: a datação visigótica/moçárabe dos dois absídiolos, o apuramento de quais as obras levadas a cabo no conventual hospitalário nos anos 60 do século XIII por frei Afonso Peres Farinha (ou anos 70, de acordo com a hipótese que Paula Pinto Costa apresenta em capítulo anterior), conforme parece indicar a epígrafe situada na atual sacristia, e a inclusão do templo na tipologia das igrejas-fortaleza definida por Mário Tavares Chicó¹¹⁷².

Não existem dúvidas relativamente à pré-existência de um mosteiro anterior à doação à Ordem do Hospital do padroado da Igreja de Portel, assim como das igrejas do seu termo entre as quais se incluía Marmelar, por D. João de Aboim. Da doação documentada em 2 de abril de 1271 constam, entre outros bens, três cálices de prata, três pares de muito boas vestimentas e doze livros¹¹⁷³. Contudo, a referência documental mais antiga sobre a existência de um mosteiro em Marmelar data de 1258, quando o concelho de Évora faz doação de uma herdade no seu termo a D. João Peres de Aboim e à sua mulher e filhos: *est positus in via que venit de Begia pro ad monasterium/de Marmela*¹¹⁷⁴. A pré-existência à qual a documentação alude é, obviamente, confirmada pela arquitetura das capelas laterais remanescentes de uma construção do século VII ou da época moçárabe (Fotografia 8). Se é certo que o texto da epígrafe refere claramente ter sido frei Afonso Pires de Farinha quem edificou o mosteiro, nada indica que essa edificação corresponda à construção ou reconstrução de uma igreja. As obras então realizadas, que segundo a epígrafe

1170 DIAS, 1994: 117-118. ALMEIDA; BARROCA, 2002: 67-68.

1171 RODRIGUES; PEREIRA, 1986: 87.

1172 CHICÓ, 1968: 113-116.

1173 FONSECA, 2013c, doc. 9.

1174 FONSECA, 2013c, doc. 1.

tiveram a duração de dez anos, podem ter sido concluídas dois a sete anos após a dotação e a definição da jurisdição do mosteiro (1271-1274), segundo a hipótese avançada por Paula Pinto Costa no contexto desta publicação, e podem corresponder unicamente aos edifícios conventuais, como o paço do comendador e outras dependências.

A julgar pela arquitetura e técnica construtiva presentes nas capelas laterais, a igreja pré-existente corresponderia a uma construção de grande qualidade a par de uma decoração arquitetónica excecional¹¹⁷⁵. Neste sentido é legítimo pensar que a edificação de uma nova igreja no século XIII não seria absolutamente necessária. A manutenção das capelas laterais, muito provavelmente reconstruídas na época moçárabe com o reaproveitamento de peças visigóticas de uma edificação mais antiga, pode também indiciar que a igreja pré-românica continuou a ser utilizada depois da doação à Ordem do Hospital. A transformação do templo no século XVI e a ausência de sondagens arqueológicas não permitem avançar mais esta hipótese.

A classificação do templo de Vera Cruz na tipologia das igrejas-fortaleza, definida por M. Tavares Chicó e adotada por Túlio Espanca¹¹⁷⁶, Pedro Dias¹¹⁷⁷, C. A. Ferreira de Almeida¹¹⁷⁸, entre outros, tem sido, em nossa opinião, condicionada por três fatores: a interpretação da epígrafe que atribui a Afonso Peres Farinha a construção de um novo conventual hospitalário entre 1268 e 1278; o facto de se tratar de uma igreja de uma Ordem Militar; o aspeto exterior da cabeceira que apresenta três volumes à mesma altura coroados por merlões, conferindo-lhe um perfil fechado e robusto próprio da arquitetura militar. Contudo, o volume turriforme a Oriente, que corresponde, ao nível do primeiro piso, à sacristia da igreja, parece estar unicamente encostado aos muros dos absídiolos. O mau estado de conservação desta parcela, quando observada do lado Sul, permite verificar que a *torre* foi construída posteriormente à edificação ou reedificação da cabeceira (Fotografia 9). Na planta da igreja é bem visível que as paredes laterais da *torre* não estão construídas no alinhamento dos muros internos das capelas absidiais, aspeto que reforça a ideia de uma construção posterior ao arranjo da cabeceira (Fotografia 10). Voltaremos a este assunto.

Embora o objetivo primeiro deste trabalho seja o estudo do conjunto de Marmelar no século XIII, quando se define e estrutura a comenda hospitalária, cremos que não é possível desenvolvê-lo sem equacionar a questão das parcelas pré-românicas. Esta abordagem é necessária não só pela subsistência das capelas, mas também para o entendimento da hipotética campanha construtiva do século XIII.

1175 FEIO, 2010: 87.

1176 ESPANCA, 1978: 263-265.

1177 DIAS, 1994: 117-118.

1178 ALMEIDA, 1986: 46.

Segundo C. A. Ferreira de Almeida, as duas capelas laterais estão quase integralmente conservadas e datam da época visigótica¹¹⁷⁹. Conforme o mesmo autor, a cabeceira conserva também algumas parcelas da antiga igreja-fortaleza românico-gótica, às quais atribui a datação de 1278. Embora não refira exatamente quais são os elementos do século XIII, provavelmente a torre, ou parte dela, adossada a Oriente, pensamos que aquela datação é condicionada pelas informações contidas na epígrafe laudatória de D. Afonso Peres Farinha. Segundo uma das leituras da epígrafe, o mosteiro de Marmelar começou a ser edificado em 1268, estando concluído em 1278. A revisão da leitura desta epígrafe proposta por Mário Barroca recua em dez anos o início e a conclusão das obras devidas a Afonso Pires de Farinha¹¹⁸⁰. Contudo, a interpretação do texto epigrafado continua a merecer algumas interrogações agora explanadas por Paula Pinto Costa a propósito da origem e cronologia da comenda hospitalária de Marmelar, conforme já foi acima referido.

O primeiro registo planimétrico das capelas laterais deve-se a Theodor Hauschild que considerou serem da época visigótica, unicamente a capela Sudeste e as paredes interiores da capela Noroeste¹¹⁸¹. Contudo, Ana Pagará refere que a capela do lado do Evangelho também se encontra intacta na sua estrutura, aspeto que pôde observar na designada *Casa da Tumba*, uma construção adossada a Norte e de acesso habitualmente interdito. Segundo a mesma autora subsiste, na parede pré-românica, uma parte de um contraforte similar ao que é visível no exterior do absidiolo da Epístola¹¹⁸². A fotografia publicada por Ana Pagará mostra, de facto, um muro de aparelho semelhante ao do exterior da capela Sul¹¹⁸³.

Jorge Feio, em concordância com Ana Pagará, afirma que a dimensão do edifício, do ponto de vista altimétrico, induz a pensar na existência de uma câmara supra absidial¹¹⁸⁴. O esclarecimento acerca desta suposta câmara, ou câmaras, sobre a cabeceira pré-românica é uma questão importante para a compreensão da cronologia da igreja. A elevação das capelas laterais, acima dos seus paramentos visigóticos ou moçárabes, de silhares bem aparelhados em *opus quadratum*, tem sido entendida, e assim o aparenta, como o remanescente da construção do século XIII levada a cabo depois da doação de Marmelar à Ordem do Hospital. A técnica construtiva é completamente diferente dos muros aparelhados. Utiliza o tijolo como material, como é visível ainda hoje no exterior da cabeceira onde há lacunas de reboco e nas fotografias anteriores ao restauro datadas dos anos 50 do século

1179 ALMEIDA, 1986: 46.

1180 BARROCA, 2002: 251-252.

1181 A planta de Vera Cruz foi republicada em HAUSCHILD, 1986: 164.

1182 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 83.

1183 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 144.

1184 FEIO, 2010: 86.

XX¹¹⁸⁵ (Fotografia 11). Na mesma parcela, ou seja, no muro exterior e oriental da cabeceira, estão presentes dois frontões, um dos quais parcialmente oculto pela *torre*, peças reaproveitadas da construção visigótica ou moçárabe (Fotografia 12). O frontão totalmente visível está colocado no alinhamento do contraforte da capela lateral o que, em conjugação com as outras parcelas referidas, conduziu Ana Pagará a defender que os frontões se inserem num nível de construção muito anterior ao século XIII¹¹⁸⁶. A disposição equidistante dos frontões e a repetição aparente da sua decoração, como notou Paulo Almeida Fernandes, faz supor a existência de outra peça similar oculta pela *torre* adossada à cabeceira¹¹⁸⁷. A função original destas peças poderia ser a decoração dos lados da cobertura de um baldaquino que ambientaria o altar. A sua colocação sobre vãos orientando para o santuário, na igreja da época visigótica, é também uma hipótese¹¹⁸⁸.

Retomando a questão das capelas laterais, que C. A. Ferreira de Almeida considera serem da época visigótica, é de referir que a sua planta é retangular, estando cobertas por abóbadas de arco levemente ultrapassado que arrancam lateralmente a partir de um friso esculpido. A igreja de planta basilical, de meados do século VII, seria composta por três naves e três capelas retangulares¹¹⁸⁹. O material utilizado, blocos de mármore de S. Brissos em *opus quadratum*, denuncia uma construção de grande qualidade o que poderá explicar a manutenção das capelas na igreja posteriormente construída¹¹⁹⁰. As capelas laterais conservam as frestas, a Nascente, ornamentadas com motivos geométricos de inspiração tardo-romana. Em Marmelar conservam-se outros elementos dispersos que certamente pertenciam à igreja pré-românica. Junto à pia baptismal, num dos degraus do paço dos balios, reaproveitados em habitações ou colocados no exterior da parede testeira da cabeceira, subsistem várias peças decoradas que, segundo C. A. Ferreira de Almeida, estão na sequência da arte tardo-romana e são semelhantes a outros de Beja e Badajoz-Mérida o que reforça uma datação de meados do século VII para a construção da igreja¹¹⁹¹.

A decoração que ladeia as frestas dos absidiolos e, principalmente, o remate superior em forma de vieira, têm sido os elementos comparados com as placas-nicho da cabeceira da Igreja de San Pedro de La Nave (Zamora), formalmente semelhantes. Contudo, a datação da igreja Leonesa no século VII tem sido revista nos últimos anos. As placas-nicho de San Pedro de la Nave devem resultar de um reaproveitamento

1185 Igreja de Vera Cruz de Marmelar (Arquivos e Coleções) (Disponível em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1169> [consult. 2013.06.20]).

1186 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 88-90.

1187 FERNANDES, 2009b: 256.

1188 ALMEIDA, 1986: 48.

1189 ALMEIDA, 1986: 47.

1190 ALMEIDA, 1986: 48.

1191 ALMEIDA, 1986: 48.

de peças em dois momentos construtivos da época moçárabe, acusando o espírito evoluído da arte omíada, conforme a opinião de Jean Marie Hoppe¹¹⁹².

Segundo Paulo A. Fernandes um processo semelhante terá ocorrido na construção dos absidiolos de Vera Cruz de Marmelar acusando, os elementos esculpidos, influências omíadas, embora o autor não exclua uma origem visigótica¹¹⁹³. Já no que respeita à arquitetura, aquele autor é de opinião que os absidiolos de Marmelar correspondem a uma reconstrução da época moçárabe, tanto mais que parece evidente que as molduras do interior das capelas laterais acusam cortes parciais com a finalidade de se adaptarem ao aparelho¹¹⁹⁴. Conforme expôs de Mélanie Wolfram, em trabalho recente (2011) relativamente às capelas laterais de Vera Cruz, *uma cuidada observação aos elementos arquitectónicos decorativos mostra que grande parte foi truncada (como por exemplo o friso inferior que suporta a concha do absidiolo sul), pondo assim definitivamente de lado a hipótese de nos encontrarmos perante peças in situ, ou seja em posição primária*¹¹⁹⁵. De facto, é sabido que o estudo de peças isoladas ou descontextualizadas da arquitetura original requer especial prudência. As semelhanças formais, decorativas ou mesmo iconográficas são manifestamente insuficientes para o exercício de atribuições e datações conclusivas. No caso dos exemplares da Alta Idade Média o âmbito deste exercício é especialmente limitado, uma vez que as construções que subsistiram dessa época são pouco numerosas e receberam profundas alterações ao longo do tempo. É evidentemente no contexto peninsular que a investigação deve ser enquadrada. Embora haja um número muito superior de construções em Espanha, o que permite estabelecer comparações e atribuições cronológicas com maior fundamento, a verdade é que os problemas persistem. Como refere M^a de los Ángeles Utrero Agudo, deve evitar-se empregar elementos isolados como argumento de datação, apontando os exemplos das peças decorativas de Vera Cruz de Marmelar e S. Pedro de Balsemão (Lamego), datadas do século VII, considerando as semelhanças estilísticas com Santa Comba de Bande (Orense)¹¹⁹⁶.

No conjunto de Marmelar quase nada resta que possa ser atribuído com segurança ao século XIII ou seja, às edificações realizadas depois do antigo mosteiro ter sido doado à Ordem do Hospital. O perfil em arco quebrado de um portal entaipado da fachada Sul da igreja tem uma configuração de tão alargada cronologia, que só por hipótese o podemos situar no século XIII. Não sabemos se a ausência de elementos esculpidos é original ou se o portal que se apresenta sem modenaturas, impostas ou

1192 HOPPE, 2000: 353.

1193 FERNANDES, 2009b: 256.

1194 FERNANDES, 2009b: 255-256.

1195 WOLFRAM, 2011: 37.

1196 UTRERO AGUDO, 2000: 1102-1103.

outros elementos que possam indicar a sua datação ou se foi alterado nas reformas do século XVI (Fotografia 13). A *torre* encostada à cabeceira, habitualmente datada do século XIII, apresenta silharia regular apenas nos cunhais (Fotografia 14) e, nesse aspeto, é semelhante ao sistema construtivo das torres da fachada da igreja, como notou Ana Pagará, que propõe uma datação da *torre* na época manuelina¹¹⁹⁷. Embora a semelhança entre os sistemas construtivos não seja suficiente para atribuir uma datação na mesma época, uma vez que a sua utilização tem uma longa diacronia, concordamos que é mais provável que a torre corresponda aos séculos XV ou XVI, o que está de acordo com a documentação que testemunha a intensificação de um processo régio-senhorial em Marmelar nessa altura, através da concessão de diversos privilégios régios e do desenvolvimento da rivalidade entre as famílias de Góis e Pereira.

No piso superior da *torre* ainda permanece um amplo arco, que se encontra entaipado, e que permitia, ao modo de uma tribuna, o acesso direto entre o paço do comendador e a igreja, como regista o *Tombo da Comenda de Vera Cruz* de 1633-34 ao descrever o paço: *Tem mais huma salla grande e sinco cameras no andar da ditta salla e huma tribunna com sua jannella donde se pode ouvir miça e pregação sobre a capella da ditta igreja*¹¹⁹⁸. No que respeita ao interior da *torre*, mais concretamente às parcelas a que tivemos acesso, regista-se, no piso superior que comunicava diretamente com a igreja, uma série de compartimentos construídos em tijolo rebocado (com muitas lacunas) em tudo semelhantes à maior parte dos elementos do paço e de outras construções conventuais que, apesar do estado ruinoso, ainda se conservam. Ao nível do piso superior da torre, um vão com moldura onde está esculpida uma cruz é datável da época manuelina. Concordamos com Ana Pagará relativamente à predominância construtiva de características manuelinas nas estruturas do paço que ainda se conservam¹¹⁹⁹. No *Tombo* de 1633-34 e no *Livro da Comenda* são registadas várias obras *novas* no paço e nos aposentos do comendador, o que torna ainda mais complexo o entendimento destas estruturas (Fotografias 15 e 16). Apesar das descrições serem minuciosas e apresentarem as medições tanto da igreja como dos aposentos conventuais, o estado de ruína e a sobreposição de construções de várias épocas dificultam uma reconstituição hipotética que só terá resultados significativos quando for realizada por uma equipa multidisciplinar. No entanto, não queremos deixar de registar a existência de torres no espaço conventual.

No *Tombo* de 1633-34 são referidas duas *casas de torres* que fazem parte do paço e aposentos do comendador: *Huma masmorra e hum pombal com duas cazas de torres con huma camera mais por sima de todas que se chama a Casa do Norte*

1197 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 97.

1198 FONSECA, 2013c, doc. 83, fl. 5-5v.

1199 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 97-98.

com hum eirado sobre as torres¹²⁰⁰. A existência de uma torre está documentada já no século XV. Em 1484 D. João II confirma uma carta de privilégios de D. Afonso V, a frei Pedro Góis, comendador de Vera Cruz. Neste documento, o monarca abre uma exceção, retirando a isenção à comenda de ter cavalos, armas, velar e roldar a torre que existia em Vera Cruz: *Salvo que estes homens nom sejam escuzos de terem cavallos e armas os que para ello ouverem comthyas nem de vellarem e roldarem a torre do dito lugar da Vera Cruz quando necesario for*¹²⁰¹.

A localização do paço atrás da igreja, bem como o acesso direto à mesma, e a existência de torre, ou torres, não podem deixar de lembrar o caso do conventual hospitalário de Leça do Balio, onde encontramos uma distribuição semelhante e a presença de torres. No mosteiro de Leça, a construção ou reconstrução do paço dos balios data do início do século XIV. É muito provável que o paço fosse constituído por uma torre, como refere João de Barros em c. 1549: *He edificio muy magnífico e tem huma muyto alta torre apozentamentos para o comendador e coniguos*¹²⁰². Na residência, parcela remanescente do paço, estão gravadas duas epígrafes com a data de 1300, uma ao nível do primeiro piso, e outra na sala do capítulo. O compartimento ao nível sobradado está exatamente sobre esta sala, que D. Garcia Martins exerceu o cargo de comendador (1290-1301). Em 1306 foi sucedido correspondendo os dois pisos a uma mesma construção. A conservação de possantes contrafortes exteriores e a documentação indiciam que o paço era constituído por uma torre edificada no período em por Estevão Vasques Pimentel que prosseguiu aquela campanha construtiva com a edificação de uma nova igreja. O conventual de Leça teria mais uma ou duas torres, além da que está adossada à igreja, fechando-se todo o espaço por uma cerca murada. No século XIX, a igreja estava ligada ao paço através de um conjunto de estruturas adjacentes à cabeceira do templo que permitia o acesso direto entre o paço dos balios e a igreja. Cremos que este acesso não datava da construção gótica de todo o conjunto, mas sim de alterações realizadas na Época Moderna¹²⁰³.

Quando o mosteiro de Marmelar é constituído como comenda da Ordem do Hospital no século XIII, a arquitetura de Santa Maria de Leça era ainda românica, podendo mesmo conservar parcelas do antigo cenóbio doado aos cavaleiros hospitalários. Como não conhecemos a distribuição das estruturas da época românica, não é possível saber se a opção por construir o paço atrás da igreja, no caso de Leça do Balio, correspondeu a uma solução já existente no século XIII que poderia ter servido de modelo para a construção do mosteiro de Marmelar. Quanto ao mosteiro

1200 FONSECA, 2013c, doc. 83, fl. 5v.

1201 FONSECA, 2013c, doc. 44.

1202 BARROS, 1919: 43.

1203 COSTA; ROSAS, 2001: 82-98.

da Flor da Rosa, a mais eloquente construção religiosa hospitalária integrada em sistema fortificado, é sabido que teve início nos meados do século XIV. Neste exemplar existe uma tribuna alta que permitia o acesso direto entre o paço e a igreja, o que não deixa de evocar a solução funcionalmente semelhante encontrada em Marmelar.

Tendo em conta os aspetos que salientámos tanto em Leça do Balio como na Flor da Rosa, ou seja, a existência de torres, a relação espacial entre os templos e os paços e as soluções de comunicação direta entre ambos, e considerando as cronologias dos três conjuntos hospitalários, cremos que a *torre* e o paço de Marmelar não devem ser anteriores ao século XIV como já afirmámos acima. O aspeto militar da cabeceira de Vera Cruz é unicamente aparente. É retórico e tardio, inspirando-se, provavelmente, no próximo mosteiro da Flor da Rosa. É certo que não conhecemos a construção manuelina que antecedeu a reforma do século XVI realizada por frei Cristovão da Cunha. É provável que apresentasse um aspeto fortificado como é comum nas igrejas alentejanas manuelinas, entre as quais destacamos a Igreja matriz de Alvito.

Segundo Ana Pagará a intervenção manuelina na Igreja de Marmelar está ainda presente nas aberturas de iluminação do templo e nas torres da fachada¹²⁰⁴. A campanha de obras que se deve a frei Cristovão da Cunha, comendador de Marmelar entre 1545 e 1565, está registada na sua sepultura situada no lado do Evangelho. A construção da abóbada, em tijolo, conduziu à alteração dos alçados laterais exteriores da nave, com o adossamento de arcadas cegas e contrafortes que sustentam o peso da abóbada. A fachada principal foi também alterada, para dar espaço ao coro. Já no interior da igreja, a construção da estrutura que envolve as capelas laterais apresenta, sobre o altar-mor, uma tribuna correspondente ao arco entaipado que permitia o acesso direto entre o paço e a igreja, cujo alçado parece datar dos séculos XVIII ou XIX.

A análise do conjunto edificado de Vera Cruz de Marmelar coloca ainda, como vimos, mais dúvidas. Entre as questões levantadas destacamos a hipótese da manutenção da igreja pré-românica, ou de grande parte dela, depois da doação do mosteiro à Ordem do Hospital. A epígrafe alusiva a frei Afonso Peres Farinha deverá estar na sua posição original, o que indica que a ábside manteve a função e espacialidade pré-românicas até à sua transformação em sacristia, ocorrida no século XVIII, conforme regista uma inscrição de 1732. A largura atual da nave corresponde à largura da cabeceira na sua totalidade. Considerando que as capelas laterais datam da época visigótica ou moçárabe é muito provável que a largura original do templo pré-românico de três naves não tenha sido substancialmente alterada.

1204 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 95-96.

Património artístico

Em síntese, pensamos que, no atual estado da investigação, o conjunto monumental de Vera Cruz não permite qualquer conclusão no que diz respeito à datação exata do templo alti-medieval ou às obras realizadas no século XIII, depois de D. João Pires de Aboim ter concedido à Ordem do Hospital o padroado da Igreja de Santa Maria de Portel e das igrejas do seu termo. As sondagens arqueológicas, um mais apurado conhecimento da arquitetura pré-românica peninsular e uma análise mais flexível do fenómeno construtivo são fundamentais para um melhor conhecimento do conjunto edificado.

2. Pintura¹²⁰⁵

O conjunto de pinturas dos séculos XVI, XVII e XVIII que subsiste no espaço da antiga comenda de Vera Cruz de Marmelar, maioritariamente desconhecido dos estudiosos e do público em geral, inclui algumas peças importantes sob o ponto de vista artístico, com realce para uma tábua renascentista que representa o *Pentecostes*, pintada em Antuérpia no segundo quartel do século XVI (Fotografia 17).

Dessa e de outras obras picturais de qualidade se deixa registo no âmbito dos estudos deste projeto, destacando-as, juntamente com outros objetos de prata, de escultura, de lapidária e de mobiliário que decoram o santuário, como prova inequívoca da importância assumida pelos freires de São João de Jerusalém (depois, do priorado do Crato) enquanto clientelismo artístico, e que tornam essa igreja digna de particular admiração¹²⁰⁶.

Das duas dezenas de pinturas sobreviventes no templo, que atestam as vicissitudes históricas, os empenhos mecénaticos dos priores hospitalários e as mudanças de gosto que o templo foi sofrendo, destaca-se o referido painel que representa o tema da Descida do Espírito Santo sobre a Virgem e os Apóstolos.

O retábulo maneirista de 1584

A mais antiga campanha pictural que se documenta no santuário de Vera Cruz de Marmelar é já dos anos iniciais da Monarquia Dual. Trata-se do retábulo mandado pintar, em 1584, pelo comendador de Malta Diogo da Cunha e que teve custeamento do fidalgo da Casa Real Cristóvão Pais. Essa peça de grandes dimensões, documento interessante do património artístico da fase maneirista contra-reformada, chegou aos nossos dias. De autoria Portuguesa, a tábua que remanesce desse retábulo filipino destinado ao altar-mor do templo representa *A Rainha Santa Helena e o milagre do reconhecimento da Vera Cruz perante o Imperador Constantino e o seu*

¹²⁰⁵ Texto de Vitor Serrão.

¹²⁰⁶ Os estudos mais recentes do signatário e de Lúcia Rosas sobre estas matérias acrescentam-se aos de ESPANCA, 1978: 255-260. PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006.

Património artístico

séquito e formava o centro do antigo retábulo, estando hoje colocado na parede direita do presbitério¹²⁰⁷ (Fotografia 18).

O quadro desenvolve um tema que foi muito estimado na iconografia da pintura quinhentista nacional. Cristóvão de Figueiredo pintou-o, em 1522-30, num dos painéis do retábulo do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, exposto hoje no Museu Nacional Machado de Castro. O pintor régio Gregório Lopes, cerca de 1540, interpretou-o numa belíssima tábua para o altar do Santo Lenho da Sé de Évora, hoje no Museu de Arte Sacra. Cerca de 1560, um anónimo seguidor de Diogo de Contreiras, designado Mestre de Arruda dois Vinhos, tratou esta iconografia num painel do retábulo da Igreja de Santa Cruz da Ilha Graciosa (Açores). Já no início do século XVII, Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão representam *A Rainha Santa Helena e o Reconhecimento da Vera Cruz* num dos painéis do antigo retábulo maneirista do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que substituiu o de Cristóvão de Figueiredo. Neste último caso, os artistas seguiram modelos de estampas que, com o Concílio de Trento, deram divulgação maior ao tema milagroso, caso da gravura de Giovan Battista Cavalieri (segundo modelo do pintor maneirista Livio Agresti) aberta em Roma em 1569. É possível que o pintor do retábulo de 1584 tivesse tido acesso a gravados com essa iconografia.

Pelo precioso contrato da obra, firmado a 21 de janeiro de 1584, sabe-se que Cristóvão Pais, cavaleiro da casa real, e Diogo da Cunha, comendador da Ordem de Malta, encomendaram a António de Oliveira, mestre pintor da cidade de Beja, a pintura do retábulo do santuário da Vera Cruz de Marmelar, por preço de 40.000 rs¹²⁰⁸. A composição, de fatura muito ingénua, é mesmo assim curiosa e, até certo ponto, inusual no contexto da iconografia Portuguesa do seu tempo: a Vera Cruz ergue-se ao centro amparada por um soldado romano do séquito do Imperador Constantino, e, dos lados, divisam-se figuras de orantes que veneram o Santo Lenho, entre elas o Imperador, com armadura e espada, sete soldados de

¹²⁰⁷ PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 157-164.

¹²⁰⁸ Conhecem-se os termos do contrato: *...elle dito antonio dolliveira se obriguava a fazer e pintar e dourar o Retavollo do altar mor da Igreja do dito llugar da Vera Cruz por prego e contia de quarenta mill rs em dinheiro de contado com as comdições seguintes, a saber, que o paynell que esta feito de bordo sera todo dourado a roda por todas as partes homde tiver moldura de modo que as molduras fiquem todas douradas, e ho paynell gramde do meyo tera ha estoria da achada da samta cruz com Samta llena e o imperador constantino com toda a companhia de gemte que for possivel, tudo muito bem estoriado e com muito boas tintas finas e boas, e nos dous paineis que estão ao llonguo do sacrajo de huma pora a santissima trimdade e da outra são João bautista e são joão evangellista, e o sacrarjo sera todo dourado de ouro brunido e deste mesmo dourado sera todo o ouro que se puser na madeira, e na porta do sacrajo pora a Resureisção, e todo o mais de macenaria sera de ouro mate em todas as guarnições e molduras, e os campos de azull onde puder ser e as collunas todas istoriadas, e os altos dourados, convem a saber, capiteis e vazas douradas e no frontispicio pora huma pomba com o espirito samto, de modo que a obra fique toda muito perfeita e acabada e não fique com perda de ouro...*(ADE – L^a 1^a de Notas de Jorge Gomes-Notariado de Portel, 1583-84, fls. 165-67 v^o). Sobre a vida e obra de António de Oliveira, pintor maneirista alentejano de secundários recursos, cf. SERRÃO, 2003: 35-75.

Património artístico

capa e couraça, Santa Helena e damas de corte de joelhos e à direita o caixão de onde emerge um jovem envolto pela mortalha, que ressuscita por contacto com o Lenho. Existe uma certa agitação de modelos e poses, dentro do típico sentido de deformidade do Maneirismo, ainda que numa busca de modernidade só pontualmente conseguida. No segundo plano, sob atmosfera de Poente em tons róseos, magentas e amarelos, o perfil de cidade com castelo altaneiro junto e personagens, a pé e a cavalo, e fundos de campos verdes e montanhas a perderem-se ao longe.

António de Oliveira aprendeu a sua arte em Évora entre 1569 e 1574, na oficina do pintor e dourador Manuel Fernandes, foi criado do cônego prebendado da Sé licenciado Pedro Fernandes, que lhe custeou o ensino, e foi influenciado pela obra do grande mestre Francisco de Campós dos altares laterais da Sé, sedutores pelo inflamado *serpentinato* de formas. Na situação de aprendiz, acompanhou esse pintor, em 1570, na pintura e dourado de uma obra já desaparecida, o retábulo da Igreja matriz de Viana do Alentejo. Pinta entretanto a tábua (Museu de Arte Sacra da Sé) *Santo António com os santos mártires de Évora Vicente, Sabina e Cristeta*, muito marcado pelo espírito de valorização dos velhos cultos paleocristãos alentejanos que o humanista André de Resende entretanto divulgava. É dentro desse espírito, também, que se integra o retábulo da Igreja de São Vicente, Mártir de Évora, pintado cerca de 1575-80 por António de Oliveira, onde os painéis refletem, até no sentido das deficiências formais e na limitada retoma de modelos, o mesmo repertório estilístico da tábua de Vera Cruz. Em 1573, o pintor ainda morava em Évora, mas muda-se para Beja, onde forma sociedade com o pintor Júlio Dinis de Carvo e mantém oficina aberta entre 1584 e 1602¹²⁰⁹.

A presença desta tábua mostra que os parâmetros de apreciação e as bitolas de qualidade tinham diminuído por parte dos dignitários da comenda. Esta pintura limitava-se a seguir, com competência devocional mas sem brilho, os cânones catequizadores que o Concílio de Trento entretanto recomendava, e impunha, na representação da arte sacra. Razão acrescida para que, menos de um século volvido, fosse substituída nas suas funções.

O retábulo barroco da igreja

No ano de 1671, foi substituído mais uma vez o retábulo-mor da igreja: assim, aquele que se pintara em 1584 deixava de servir e dava agora lugar a um novo conjunto retabular, mais consentâneo com o gosto do Barroco vigente, ainda que integrando, ao centro, uma pintura com o mesmo assunto.

¹²⁰⁹ SERRÃO, 2003: 35-75. DESTERRO, 2008: 495-496.

Património artístico

Segundo as magras fontes disponíveis, sabemos que foi pago pelos freires de Malta, em 1671, sendo prior da comenda da Vera Cruz o Bailio Pedro Barriga Barreto, um *painel da Invenção Vera Cruz* para decorar o centro do novo altar-mor¹²¹⁰. O Tombo desse ano refere este novo altar-mór *com hum retavolo da Invenção da Crus que novamente mandou fazer e dourar o dito Balio, e no meo delle está o Sacrário com o santíssimo Sacramento também dourado de novo, e de baixo do mesmo hum pequeno nicho com sua porta e dentro delle huma relíquia do Apostolo Sancto André em huma caixinha de prata*.

A grande tela que se mandou pintar para substituir o quadro de António de Oliveira, verdadeiramente nunca apreciado pelos dignitários do santuário, era já de estilo tenebrista, dentro dos parâmetros seiscentistas que eram os da moda. Foi executada em Évora, talvez na oficina de um operoso pintor aí ativo, chamado Francisco Nunes Varela (1621-1699), com cuja obra apresenta, de facto, afinidades estilísticas. Mereceu ser elogiada pelo Dr. Francisco de Macedo de Pina Patalim, que em 1730, ao historiar os milagres da relíquia do Santo Lenho em Vera Cruz de Marmelar, diz o seguinte: (...) *o altar mór, com hum retabolo da invenção da Cruz muito bem pintado e dourado, e no meyo delle está o sacrario, com o santissimo Sacramento, e dentro delle está hum osso do Apostoio Santo André em huma caxa de prata, que veyo da Seé de Evora, em gratificação da parte da santa relliquia, que para a dita Seé foi mandada por Elrey o s^{er} Dom Aff^o 4^o depois da batalha do Salado*¹²¹¹.

O ciclo de telas de santos-heróis da Ordem de São João de Málta

Merecem especial referência, também, as nove telas que decoram o corpo do santuário e que apresentam nove santos e beatos da Ordem de São João de Malta, com suas molduras lacadas a ouro. Aqui se admiram as figuras de *Dom Garcia Martínez, Beato Fernando Magina, Beato Raimundo de Puy, Santo Hugo, Santa Toscana, Beato Geraldo de Tenque, Santa Flora, Balduino de Bolonha e São João Baptista*¹²¹². São boas peças de estilo tenebrista, pintadas na segunda metade do século XVII por um artista de evidenciado mérito artístico, a que acresce a valia iconográfica do ciclo, dada a raridade das efígies dos notáveis da Ordem hospitalária.

Estas telas foram tidas por Túlio Espanca, sempre rigoroso nas suas observações, apesar de as observar estando no alto das paredes, como obras Castelhanas do

¹²¹⁰ PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 165-168.

¹²¹¹ ANTT – *Comendas da Ordem de Malta*, L^o 144: *Livro da Comenda da Vera Cruz da Sagrada Religião do Hospital de Sam João de Jherusalem o qual mandou fazer o Bailio Frei P^o Barriga Barreto Comendador da dita Comenda. Escrito pelo Dr. João Pinto Pestana, julgador do serviço de Sua Alteza o Príncipe Dom Pedro. Anno de 1671*. Ref^a inédita da Dra Ana Pagará, a quem agradecemos a informação; cf. LIMA, 1992, pp. n. num.

¹²¹² ESPANCA, 1978: 278-279. BORGES, 2010: 98-102.

século XVII¹²¹³. De facto, as características de estilo são as do *Siglo d'Oro* Espanhol, com o típico penumbrismo luminoso que realça o volume dos corpos, o recorte dos perfis, o desenho dos tecidos, armas e adereços, atestam o gosto dominante na pintura naturalista peninsular de *Seiscentos*, tanto andaluza como madrilena. Estes beatos e santos hospitalários – todos, aliás, acompanhados por legendas em castelhano – são pintados dentro do peculiar naturalismo que dominou, no segundo terço do século XVII, a geração madrilena de pintores como António de Pereda, Santiago Morán, Juan Montero de Rojas e Jusepe Leonardo, e de Andaluzes como Juan del Castillo e Pablo Legot. Seja como for, no estado atual de análise em termos, e à míngua de documentação fidedigna, ainda é impossível saber de que autor se trata.

As figuras destes santos e beatos, ora ligados à Reconquista cristã, ora ao cruzadismo militante, ora ao exemplo do altruísmo e da hospitalidade, ganham, no contexto contra-reformado em que se inserem, signos de verdadeiros heróis da Igreja. Por isso são representados com trajes e adereços bem modelados, recortados, sobre fundos de paisagem ou interiores de ambiência tenebrista, ostentando símbolos honoríficos e atributos militares, evocando factos, que lhes deram fama e valor emblemático dentro da sua Ordem. Os pormenores naturalistas, em alguns casos com requintes de verdadeiras naturezas-mortas, têm qualidade surpreendente, remetendo para o conhecimento de modelos sevilhanos.

A hipótese de se tratar – tal como sucedeu com a grande tela de 1671 do altar-mor – de uma encomenda do tempo da comenda do Bailio frei Pedro Barriga Barreto (falecido em Évora em 1686, e sobre quem existia lápide na capela-mor do santuário, mudada nos restauros da D.G.E.M.N. para outra dependência da igreja), parece ser a mais credível, dada a cronologia que pode ser apontada às nove telas: o segundo terço do século XVII.

O *Pentecostes* de oficina Antuerpiana

Merece maior destaque aquela que é a peça pictural mais aprimorada e valiosa de todo o acervo artístico existentes na comenda de Vera Cruz de Marmelar: a tábua renascentista Flamenga que representa o *Pentecostes*, pintada em Antuérpia no segundo quartel do século XVI e custeada, acaso, por Frei André do Amaral. Trata-se de uma peça artística de muito boa qualidade, que confirma a importância assumida pelos freires no que respeita à aquisição e encomenda de obras de arte, pelo menos em fases de afirmação como era ainda, iniludivelmente,

¹²¹³ ESPANCA, 1978: 278-279. BORGES, 2010: 98-102.

a primeira metade de *Quinhentos* (Fotografia 17). Basta a presença deste quadro quinhentista para tornar a igreja digna de particular admiração¹²¹⁴.

Das duas dezenas de pinturas sobreviventes no templo, que atestam as vicissitudes históricas, os empenhos mecénaticos dos priores hospitalários e as mudanças de gosto que o templo foi sofrendo, destaca-se o referido painel da *Descida da Cruz sobre a Virgem e os Apóstolos*, ou *Pentecostes*, peça de apreciáveis qualidades plásticas e ainda a aguardar o necessário e criterioso tratamento laboratorial de restauro. Com grande dose de veracidade, pode pensar-se numa das encomendas feitas durante o priorado de frei André do Amaral, homem culto, que foi chanceler e embaixador de Rodes. Executada a óleo sobre madeira de carvalho, a pintura esteve durante anos colocada junto ao coro alto, em local de difícil contemplação por parte dos visitantes, o que explica que a única referência conhecida à peça, do sempre probo Túlio Espanca, não lhe destaque as reais valências: *obra ainda da Renascença, de artista secundário, mas com certa frescura, a qual particularidade de conservar os postigos, iluminados pelos quatro Evangelistas e seus símbolos, de molduras e filetes dourados*¹²¹⁵. Em certo momento da sua história, foi alvo de repintura e adaptação a uma espécie de *falso tríptico*, com a junção de duas abas, cada uma com dois painéis sobrepostos, com a representação dos Evangelistas: *São João Evangelista* e *São Lucas* à esquerda, *São Mateus* e *São Marcos* à direita. A análise laboratorial preliminar que, para já, pôde ser efetuada na peça¹²¹⁶ foi conclusiva a este respeito, e permitiu atestar que se trata de uma adição posterior e não (como chegámos a pensar) de um verdadeiro *conjunto de fechar*, dentro da tipologia de retábulo-tríptico que a exportação Antuerpiana muito privilegiava e de que o mercado nacional era exponencial comprador.

Segundo o exame passível de ser levado a cabo, é obra oriunda de uma oficina de Antuérpia, saída da esfera de um mestre inspirado nos modelos e com as características oficiais de Colijn de Coter (1480-1538), em produção epigonal associável a um estilo próximo ao dos seus epígonos. Discípulo de Joos van Cleve, o pintor Colijn de Coter foi um dos mais consequentes diretores de empresa para produção exterior, sendo bem possível, assim, que este painel de Vera Cruz de Marmelar

¹²¹⁴ ESPANCA, 1978: 258-259. PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 153-160.

¹²¹⁵ ESPANCA, 1978: 278-279.

¹²¹⁶ A peritagem solicitada pela C. M. de Portel à senhora Dra Carmen Olazabal Almada (Atelier de Conservação e Restauro Junqueira 220), em 2007, foi taxativa a respeito da época de execução desses falsos volantes, na realidade pintados com técnica, suporte e qualidade bem diferentes, por artista regional, já em pleno *Setecentos*. Sugeriu-se mesmo que tivessem sido aditados ao painel flamengo durante um restauro mais recente e sobre o qual, além de tradição local, não subsistem informações suficientes (Lisboa, c. 1950-60), que foi realizado de modo a sugerir que o *Pentecostes* formava parte central de um tríptico. É curioso lembrar o que a este respeito diz Didier Martens: *la formule des volets partagés en deux compartiments superposés n'était certes pas inconnue dans le nord de l'Europe, mais cette variante peu fréquente du triptyque flamand a reçu en Espagne et au Portugal un accueil exceptionnel* (MARTENS, 2010: 24-25).

possa ser adstrível a esse mundo de produção seriada e à marca continuada dessa oficina. Seja como for, só um estudo de laboratório com o devido cotejo alargado poderá vir a esclarecer o que por ora é tão só uma hipótese tentadora de trabalho.

Verifica-se no painel de Vera Cruz de Marmelar, hoje colocado na sacristia e passível de uma melhor contemplação, um desenho de figuras, de tecidos e de valores que, sendo de escola, revela ciência de modelado, solidez de perspetivação e transparência de pincel na acentuação de valores e de gradações cromáticas, com desenvoltura no agrupamento de personagens em círculo, de volta da Virgem Maria, e a tipologia de debuxo de cabeças e mãos. Tudo atesta, assim, um nível pictórico acima da mediania. Corresponde a uma encomenda, ou oferta de prestígio, feita em Antuérpia, devida ao empenho financeiro de um dignitário da Ordem hospitalária no tempo do priorado de frei André do Amaral, senão mesmo do próprio, ainda que a falta de documentação direta impeça uma resposta cabal. Com evidência, é obra saída de uma oficina de bons recursos ligada aos referidos círculos e modelos, integra-se dentro desse espírito e influência.

Como nos faz lembrar o historiador de arte Didier Martens¹²¹⁷, existia no segundo terço do século XVI uma legião de 'petits maîtres' que, a partir da cidade de Antuérpia, exportavam em larga escala um tipo de obras chamadas *pintura eclética de compilação subsidiária*, sequaz do que se fazia nessa cidade e, também, em Bruges e Bruxelas. É seguro que este quadro se liga a esse mundo de produção seriada. No estado atual dos nossos conhecimentos (e à falta, insista-se, de exame direto em laboratório sobre as potencialidades plásticas do painel), observamos que se trata de peça de Antuérpia com características de técnica, de linguagem estilística, de modelação e de repertórios formais, nos anos 40 do século XVI por um bom seguidor desses modelos. Segundo Martens, *il est difficile, pour qui visite aujourd'hui l'Espagne ou le Portugal, de ne pas être frappé par la quantité de peintures flamandes des XVe et XVIe siècles visibles dans les musées et les églises*¹²¹⁸. Sendo imperiosa *une nouvelle tentative de dresser l'inventaire de ces peintures*, Martens observa que *la peinture flamande et le goût ibérique n'ont pas été interprétés comme deux catégories distinctes, mais comme des facteurs susceptibles d'interagir: plutôt que de considérer comme des mondes séparés les peintres et leurs clients, et de postuler que ces derniers n'auraient acquis que des produits finis, achevés*, do que se trata afinal é de *mettre en évidence la résultante d'une rencontre culturelle qui s'est répétée pendant quelques 150 ans: celle des peintres des anciens Pays-Bas avec leurs publics espagnol et portugais*. Assim, podem ser localizados nestas obras de exportação *deux types de productions, comme résultante d'une véritable interaction entre les*

1217 Tese defendida por Didier Martens como resultado do recente levantamento de pintura flamenga para o mercado peninsular (MARTENS, 2010).

1218 MARTENS, 2010: 25.

*pratiques artistiques des peintres travaillant dans les anciens Pays-Bas (la 'peinture flamande') et les préférences esthétiques du public de la Péninsule ibérique (le 'goût ibérique')*¹²¹⁹. Tratou-se de uma operação votada a grande sucesso, pelo menos até meados do século XVI, que revela um gosto Português específico, seduzido pelo *modo flamengo*, mas sem perda de fidelidade a vernacularismos arreigados.

Singular novidade iconográfica do quadro de Vera Cruz de Marmelar consiste no facto de o genuflectório defronte da Virgem, de presença tão comum nos *Pentecostes*, aparecer aqui deslocado para o primeiro plano ao centro, defronte de São João Evangelista, um jovem de túnica branca envolta por alva capa – figura já dentro da tradição rafaelesca, o que mais uma vez atesta data bem dentro do segundo quartel do século XVI. São de referir, a propósito da pose inusual do genuflectório, as similitudes formais e compositivas que unem esta peça com outro *Pentecostes* da Igreja da Misericórdia de Praia da Vitória (Ilha Terceira), peça anónima e de data de fatura próxima¹²²⁰. O painel flamengo de Vera Cruz de Marmelar (artisticamente superior ao citado painel Açoreano) também é obra 'de escola', como atesta o desenho de figura, valores dos tecidos, perspetivação, gradações cromáticas, e o tipo de agrupamento em volta da Virgem Maria, com tipologia de debuxo de cabeças e mãos muito características, embora não deixe de se integrar num plano artístico em que a *compilação eclética* de bons mestres, como Coljin de Coter, faz todo o sentido e encarece o produto a exportar.

Segundo os estudos recentes, existiu na Flandres da primeira metade do século XVI um fenómeno de produção a que Martens chama *goût ibérique* e que gerou um vasto conjunto de peças de exportação. Nesta categoria constam imensas pinturas renascentistas ou já maneiristas, realizadas num esforço de adaptação do *modo flamengo* aos valores preferenciais dos mercados peninsulares a que eram destinadas, com níveis de qualidade muito diversos. Entre os casos de excelência, a tábu de Vera Cruz mostra esse processo de 'iberização': atesta-o uma série de elementos composicionais e estilísticos aptos a grangear sucesso junto de públicos de destaque social, mas que não deixam de revelar, também, uma prática artística em que a *compilação eclética de bons mestres* faz todo o sentido e encarece o produto a exportar, como acima referimos.

Nada sabemos a respeito de como a peça veio para a região de Portel. Podem formular-se duas hipóteses. A primeira é a de que, não se coadunando a temática com o culto da Vera Cruz, seria destinada à decoração sumptuária da ala palaciana. Sabemos que o Cardeal-Infante D. Afonso, ao mesmo tempo que fazia na Sé de Évora um oratório com maquina e retábulo para o Santo Lenho em 1522-40,

1219 MARTENS, 2010: 26 ss.

1220 SERRÃO, 2013. O painel em causa pertence a um desmembrado políptico com quatro painéis.

Património artístico

dotava com obras o santuário de Portel (onde existe outro fragmento da relíquia). Na altura, era prior frei André do Amaral. Poderia ter sido oferta desta altura. A segunda hipótese permite supor que fizesse parte do altar-mor; uma referência à obra de 1584 diz que se colocou uma *Santíssima Trindade* ao lado do Sacrário (com a *Ressurreição* na porta e, do outro lado, os dois *São João* (Baptista e Evangelista), patronos da Ordem, e a *Pomba do Espírito Santo* no remate¹²²¹. Tendo havido no santuário, desde o século XIV, vários retábulos-mores, não terá sido o *Pentecostes* o primeiro retábulo da igreja na era do priorado de frei André do Amaral, em que a igreja sofreu grandes obras de modernização? Mas ainda é de considerar que a pintura também podia ter ornado o oratório que existiu no anexo paço dos freires, sobre o qual pouco se sabe em termos de organização funcional. As suas dimensões médias adequam-se melhor, aliás, a um espaço com essas características.

A cena impressiona pelo modo como os apóstolos dialogam e gesticulam numa espécie de *congelamento do tempo real* que atesta perícia de desenho e espírito de organização compositiva. O ornamento geométrico do pavimento, do tipo de 'ampulhetas', organizando a perspetiva em moldes unívocos, dignifica o contexto em que o episódio decorre e o ambiente sobrenatural da descida do Espírito Santo sobre a Virgem e acompanhantes. O cromatismo é cálido, rico de tonalidades, luminoso, e enriquece a composição com intencional realismo, apto a credibilizar a '*história sagrada*'¹²²². Esta segue o modelo tradicional, com a Virgem orando sentada no eixo da composição, no centro exato de um compartimento fechado onde se encontram os Apóstolos, distribuídos em círculo, a receber a chama da missão evangélica da profecia de Joel. O halo luminoso da Pomba do Espírito Santo surge por detrás de Maria e, ao alto, o Padre Eterno entre nuvens, inspirado em xilogravura de raiz dureiriana. Por detrás dos apóstolos dos extremos, rasgam-se dois corredores paralelos que conduzem a portas, num plano afastado, com serventia para o exterior. A organização do painel acentua bem esses propósitos de reforçar, em termos de legibilidade plástica, uma narratividade visual que é muito marcante no seu efeito catequizador – um aspeto ideológico que era vital na afirmação dos freires de São João de Jerusalém.

Sendo de lamentar que se haja perdido muito do património artístico móvel reunido pelos freires hospitalários no santuário de Vera Cruz de Marmelar ao longo da Idade Moderna, a verdade é que, no caso da arte da pintura, remanesce ainda um conjunto de espécimes que é merecedor de toda a atenção dos estudiosos, seja pelas qualidades plásticas intrínsecas, seja por questões de iconografia. É desse acervo que aqui se deu breve notícia. Atesta-se, por esse conjunto de existências,

1221 ADE – L^a 1^a de Notas de Jorge Gomes-Notariado de Portel, 1583-84, fls. 165-167 v^o.

1222 Sobre o sentido de narração imagética na pintura renascentista Portuguesa, cf. PEREIRA, 2001.

Património artístico

que nos objetivos da Ordem de São João de Jerusalém se colocava, também, o investimento em programas imagéticos adequados à afirmação do seu prestígio junto das comunidades e ao sublinhar do seu empenho no sentido da modernização.

3. Cofre-relicário e Cruz Processional¹²²³

Relicário da Vera Cruz

Muito valorizada tanto na cronística como na hagiografia dos séculos XVII e XVIII – e também na historiografia Portuguesa – tendo em conta o efeito propiciatório que desempenhou na vitória da batalha do Salado, a relíquia do Santo Lenho que se guarda no mosteiro de Vera Cruz de Marmelar foi, conforme regista a tradição, trazida por frei Afonso Peres Farinha na década de 60 do século XIII. Contudo, a primeira referência documental que permite estabelecer uma relação direta entre a relíquia e o conventual de Marmelar data do testamento de D. Dinis lavrado em 1322, como esclarece Paula Pinto Costa no contexto desta publicação.

A narrativa da batalha do Salado que atribui ao prior da Ordem do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Pereira, o feito de ter levado, com outros três cavaleiros, a relíquia da Vera Cruz para o campo de batalha, propiciando assim a vitória dos cristãos, consta de uma refundição do *Livro de Linhagens*. Segundo José Mattoso, esta refundição é posterior a 1380 e anterior a 1383. O texto, elaborado com o objetivo de exaltar a memória de D. Álvaro Gonçalves Pereira, não pode realmente ser anterior a 1380, uma vez que o seu autor menciona o local de tumulação (Santa Maria da Flor da Rosa) do prior hospitalário cuja morte ocorreu naquela data. Na *Crónica de D. Afonso IV* (1419) é desenvolvida uma narrativa semelhante à do *Livro de Linhagens* sobre o milagre da relíquia na batalha do Salado, nada mais acrescentando que nos permita esclarecer quem foi realmente o seu portador e o grau de veracidade do relato¹²²⁴.

Segundo a descrição do *Agiológio Lusitano* (1666) a relíquia da Vera Cruz *tinha antigamente de comprimento perto de dois palmos com dois brastos iguais hum no simo e outro no bacho* o que poderá sugerir que o invólucro da relíquia havia sido renovado, embora não seja claro se Jorge Cardoso se refere à própria relíquia ou a um relicário. Mais adiante acrescenta que D. Nuno Álvares Pereira *exornou* a relíquia de prata *entalhando nela suas armas*¹²²⁵. Em documento de 1671 é novamente atribuída a D. Nuno Álvares Pereira a encomenda do relicário. Contudo, neste caso, é expressamente registado um relicário de prata dourada incluído em retábulo que ambientava a edícula. A relíquia do Santíssimo Lenho da Vera Cruz é descrita

1223 Texto de Lúcia Rosas.

1224 MATTOSO, 1980: 41-42. SOUSA, 2001.

1225 CARDOSO, 1666: fl. 55 r.

Património artístico

como hua Cruz Patriarcal com duas hordens de brasos de comprimento de um palmo de vara¹²²⁶.

No absidiolo do lado do Evangelho da Igreja de Marmelar conserva-se ainda, parcialmente, o arranjo que enquadraria a relíquia do Santo Lenho na época medieval (Fotografia 19). Conforme o *Tombo da Comenda de Vera Cruz* era este o local que albergava o relicário em 1633: *Na qual igreja pera a parte do Evangelho junto do altar esta huma caza piquena de abobeda na qual caza esta aquele presioso inextimavel thezouro do lenho da Santa Vera Cruz*¹²²⁷.

Este relicário está guardado em edícula esculpida em mármore e fechada por dois volantes em madeira dourada e policromada com ferragens. Nesta edícula, encaixado numa fresta remanescente da construção da Alta Idade Média, estão esculpidas a cruz da Ordem do Hospital, no topo superior, e as armas dos Pereira no remate inferior. Conservam ambas policromia em vermelho e dourado. Segundo Túlio Espanca, o enquadramento do relicário data provavelmente da época de D. Afonso IV, sendo os volantes em madeira de época posterior¹²²⁸. Mais recentemente, tanto Ana Pagará como Nuno Vassallo e Silva consideraram que a edícula e os volantes são um raro testemunho de mobiliário Português da época medieval¹²²⁹.

A cruz do Hospital e as armas dos Pereira foram parcialmente cortadas para que coubesse, no espaço da edícula, o relicário de finais do século XVIII que ainda hoje guarda a relíquia do Santo Lenho. Concordando com Ana Pagará, Paulo Valente considera que o arranjo que recebe o relicário de Marmelar, ou seja, a edícula em mármore e os volantes em madeira policromada, apresentam semelhanças formais com elementos representados nas *Cantigas de Santa Maria*, conforme sugestão de Rafael Cómez Ramos, autor que se tem dedicado à investigação sobre a representação da arquitetura nas iluminuras da corte de D. Afonso X¹²³⁰. A arca-relicário da Vera Cruz do santuário de Caravaca de la Cruz (Múrcia) apresenta uma configuração semelhante ao denominado *sacrário* do Santo Lenho de Marmelar¹²³¹. A arca do santuário de Múrcia, em prata dourada e esmaltada (27,2x13x5cm), foi oferecida pelo Mestre de Santiago, Lorenzo Suárez de Figueroa, em 1390. Os volantes do cofre ostentam as armas daquele cavaleiro e a gravação de uma cruz de dois braços, correspondente à forma da relíquia original¹²³².

É curioso notar que Francisco Fonseca registou, em 1728, uma comparação entre a relíquia de Marmelar e a de Caravaca. Na sua *Évora Gloriosa* afirma que a relíquia

1226 ANTT – *Comenda da Ordem de Malta*, Livro 144, 1671. PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 118.

1227 FONSECA, 2013c, doc. 83, fl. 4v.

1228 ESPANCA, 1978: 260.

1229 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 59 e 183.

1230 CÓMEZ RAMOS, 2008-2009: 220.

1231 VALENTE, 2010a: 64.

1232 POZO MARTINEZ, 2008: 60.

Património artístico

de Marmelar *tinha dou palmos de alto com dous braços de proporcionda grandeza, como as de Caravaca*¹²³³. É certo que o autor não se refere aqui ao relicário, mas sim à relíquia, e também é certo que muitos dos exemplares da relíquia da Vera Cruz apresentam essa configuração. Contudo, Francisco Fonseca escreve ainda que, na batalha de Aljubarrota, D. Nuno Alvares Pereira mandou ao capelão-mor que arvorasse a Santa Cruz de Marmelar que tinha estado no Salado, e que ele *tinha mandado engastar preciosamente, como ainda mostram as suas armas, e a levava consigo*¹²³⁴. A intencional exaltação do Santo Lenho de Marmelar, presente e triunfante nas duas batalhas, Salado e Aljubarrota, por Francisco Fonseca é aqui evidente. Contudo, não deixamos de registar a referência às armas dos Pereira gravadas no relicário tanto mais que, como já referimos, em documento de 1671 é expressamente registado um relicário de prata dourada, bem como a sua localização no absidiolo do lado do Evangelho onde estava um altar com um retábulo: *E dentro deste hum nixo com suas portas, dentro do qual tem hum relicario de prata dourada, excelentemente lavrado*¹²³⁵.

Tendo em conta a forma da edícula de Marmelar e o espaço que ocupavam as armas do Hospital e dos Pereira, posteriormente cortadas como já vimos, configura-se a hipótese de um relicário, ou de uma cruz-relicário, medieval de menores dimensões relativamente à peça de finais do século XVIII que guarda atualmente a relíquia.

A existência de um duplo braço transversal na cruz aproxima a relíquia de Marmelar de outras relíquias do Santo Lenho (Fotografia 20). De provável origem bizantina, esta tipologia teve grande aceitação na Europa ocidental. Entre os exemplares provenientes de Bizâncio destacamos o relicário da Vera Cruz de Limburgo (Diözesanmuseum Limburg). Composto por uma cruz e uma caixa, o relicário data do século X. A cruz, de dois braços, é coberta com folha de ouro onde está gravada a dedicatória dos imperadores bizantinos Constantino VII e de seu filho Romanos II¹²³⁶. A dedicatória revela que o poder da Vera Cruz conferido por Cristo através de sua morte, com a derrota do mal e o triunfo da ressurreição, é perpetuado pelos imperadores que embelezam o relicário e o utilizam para propiciar a derrota dos seus inimigos¹²³⁷. Este sentido da cruz invencível e do seu carácter propiciatório foi, sem dúvida, a principal motivação da estima e difusão das relíquias do Santo Lenho no contexto bélico da Europa medieval.

Entre os exemplares Europeus destacamos a cruz que o abade Hugo (1174-1205) ofereceu à abadia de S. Vicente de Laon (Musée du Louvre). Esta peça, em prata

1233 FONSECA, 1728: 58.

1234 FONSECA, 1728: 73.

1235 ANTT – *Comenda da Ordem de Malta*, Livro 144, 1671. PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 118.

1236 HOSTETLER, 2012: 7.

1237 HOSTETLER, 2012: 10.

dourada com esmaltes *champlevée* sobre cobre e pedras preciosas, está datada de c.1160-80 supondo-se que a sua origem será a região do Mosa. Igualmente do século XII, um riquíssimo exemplar de magnífica fatura em prata dourada, cristal de rocha e *cabochons*, proveniente de Limoges, guarda, entre outras, a relíquia do Santo Lenho (Metropolitan Museum of Art).

À comenda hospitalária de Quiroga (Lugo) pertencem duas cruzes de duplo braço datadas do séculos XII¹²³⁸. Um dos exemplares, incluído numa caixa, é composto por alma de madeira coberta de ouro. Mede 26cm de altura e 14cm de largura, no braço mais largo. Segundo M. Saéz González, a cruz deverá datar do século XII, embora a autora refira que não encontrou qualquer documentação sobre as peças. O segundo exemplar, igualmente em ouro e guardado numa caixa de configuração semelhante à primeira peça, encontra-se mais deteriorado. Apresenta o *Agnus Dei* ao centro e, parcialmente, o tetramorfo no extremo dos braços. Nos dois casos as caixas que as guardam têm cavidades que indiciam a presença das imagens de *Nossa Senhora* e *S. João*¹²³⁹. Embora não tenhamos qualquer informação sobre a função de relicário da Vera Cruz destas duas peças, a tipologia de duplo braço permite colocar essa hipótese. O perfil das caixas onde estão guardadas, um retângulo que remate superiormente em arco, é muito semelhante ao relicário da Santa Vera Cruz de Caravaca que, como já referimos acima, data de 1390. Em Portugal não encontramos qualquer exemplo de relicário ou cruz-relicário correspondente a esta tipologia, datado da Idade Média. Contudo, a forma do Santo Lenho de Marmelar e o perfil da edícula que o guarda, provavelmente do século XIV, faz-nos supor que o relicário de prata dourada referido na documentação do século XVII, poderia apresentar uma configuração semelhante aos exemplares de Lugo e Caravaca, o que não é mais do que uma simples hipótese.

O relicário que hoje permanece na Igreja de Marmelar é uma peça em filigrana de prata de provável fabrico Siciliano¹²⁴⁰ (Fotografia 21). A sua datação, no último terço do século XVIII, parece não oferecer dúvidas uma vez que as armas do doador, gravadas numa cartela, pertencem a D. Manuel de Almeida e Vasconcelos (1740-1817), comendador de Távora, Balio de Acre, Fregim e Leça e recebedor da Ordem de Malta, como esclareceu Paulo Valente¹²⁴¹. O relicário, coroado com a cruz da Ordem de Malta, ostenta a relíquia, uma cruz de madeira com dois braços, protegida por placas de cristal de rocha. As dimensões desta peça (76x32,5x19,5cm) são únicas entre as obras de filigrana existentes em Portugal. Segundo Nuno Vassallo e Silva, estas dimensões, a qualidade da execução e a

1238 SAÉZ GONZÁLEZ, 2006: 651.

1239 SAÉZ GONZÁLEZ, 2006: 658.

1240 BORGES, 2011: 26.

1241 VALENTE, 2010a: 62.

presença de corais indiciam uma hipotética proveniência da Sicília.¹²⁴² A comparação formal com outras peças, como o relicário da co-catedral de São João de La Valleta (Malta), um cálice da catedral de Cefalú (Sicília) e uma custódia proveniente de Lazkao (Gipuzkoa), atualmente no Museu Diocesano de San Sebastian, permite atribuir ao relicário de Marmelar uma proveniência Siciliana como notou Paulo Valente¹²⁴³. A intensa atividade de ourives filigraneiros está bem documentada desde o século XVII em Messina e, desde finais do mesmo século, em Palermo¹²⁴⁴.

A cruz processional

A cruz processional de Vera Cruz de Marmelar (Fotografia 22) tem sido analisada no contexto da ourivesaria do século XIII. A comparação formal e iconográfica com a cruz de D. Sancho I (Museu Nacional de Arte Antiga), datada entre 1212 e 1214, e com a cruz processional de Poiares da Régua, cuja inscrição contém a data de 1225, conduziu à inclusão da peça de Marmelar na mesma tipologia e na mesma centúria.

A cruz de D. Sancho I é a única cruz medieval fabricada em ouro que se conservou até hoje em Portugal. Constitui um magnífico exemplar, mesmo no quadro da ourivesaria Europeia da Idade Média, tanto pela sua fatura e dimensões como pela presença de safiras, granadas, pérolas e aljófares. A cruz guardava, no centro, uma relíquia do Santo Lenho de contorno cruciforme (desaparecida no século XV), cujas marcas de fixação ainda são visíveis¹²⁴⁵. Esta notável peça resulta de uma doação de D. Sancho I ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra¹²⁴⁶.

O facto de tanto a cruz de D. Sancho como a de Marmelar apresentarem medidas semelhantes e afinidades formais e iconográficas – como o perfil com remates em flor-de-liz, um campo quadrangular ao centro, um remate perlado que acompanha o contorno das peças e a representação do tetramorfo – tem sido a razão aduzida para datar as duas peças do século XIII. No entanto, pensamos que a cronologia atribuída à cruz de Marmelar radica, fundamentalmente, numa interpretação historiográfica. A fundação do mosteiro de Marmelar é, habitualmente, atribuída a D. Afonso Peres Farinha que o terá edificado entre 1258 e 1268, conforme parece indicar a epígrafe situada na parede que divide o absidiolo do Evangelho da sacristia, embora a inscrição mereça uma nova leitura de Paula Pinto Costa no contexto desta publicação. O facto de Afonso Peres Farinha ser oriundo de uma família com ligações a Coimbra, os Góis, conhecendo possivelmente a cruz guardada no mosteiro de

1242 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 188.

1243 VALENTE, 2010a: 62.

1244 VALENTE, 2010a: 62.

1245 BARROCA, 2002: 251-252.

1246 FRANCO, 1999: 62-63.

Santa Cruz daquela cidade e o facto de ter sido o fundador de Marmelar, têm sido os argumentos apresentados para concluir que a cruz foi encomenda daquele prior da Ordem do Hospital. Uma outra cruz, a de Poiares da Régua, doada pelo então comendador hospitalário Afonso Mendes, apresenta uma inscrição onde é possível reconhecer o nome do doador e a data de 1225. Esta peça corresponde ao perfil com remates em flor-de-liz utilizado nas cruzes de D. Sancho e de Marmelar.

Contudo, o perfil de cruz que adota a flor-de-liz nos remates superior, inferior e laterais corresponde a um modelo de tão larga difusão na Europa do século XIII em diante que, por si só, não pode ser utilizado para aferir proveniências e/ou autorias. Os temas representados na peça de Marmelar são, no anverso, um anjo turiferário, *Nossa Senhora e S. João* e a *Aparição de Cristo à Virgem*. No reverso pontuam os símbolos dos quatro evangelistas e, ao centro, *Cristo em Majestade* (Fotografia 23). Esta iconografia confere à cruz o seu sentido passional, estando presente, com variantes, numa vasta quantidade de cruzes medievais.

A origem da cruz processional de Vera Cruz de Marmelar, obra de excecional qualidade no panorama da ourivesaria sacra da Idade Média conservada em Portugal, foi atribuída pela primeira vez por Nuno Vassalo e Silva às oficinas Catalãs ou mesmo às que operavam em Barcelona¹²⁴⁷. Esta atribuição, que o autor considera hipotética, dada a ausência de documentação, tem por base critérios de filiação técnica e estilística. As placas polilobadas presentes no anverso da cruz de Marmelar conservam esmaltes translúcidos, em espessa camada sobre uma placa de prata branca gravada, embora com lacunas devidas ao tempo e às sucessivas limpezas como notou Vassalo e Silva¹²⁴⁸.

De facto, a presença de esmaltes translúcidos na cruz e os motivos vegetalistas gravados na superfície têm paralelos bastante claros na produção de ourivesaria Catalã. Segundo M^a Luisa Ansón Martín, a produção de ourivesaria nos territórios da Coroa de Aragão conhece, nos séculos XIV e XV, um acentuado dinamismo. As oficinas utilizaram então diversas técnicas sendo, a maior parte dos objetos conservados, de grande qualidade¹²⁴⁹. Em Barcelona a utilização de punções é mesmo anterior a 1315, o que demonstra a organização gremial do ofício e a preocupação em garantir tanto a qualidade das peças como o controle dos metais utilizados¹²⁵⁰.

Uma das características da ourivesaria Catalã, presente na segunda metade do século XIV e durante o século XV, é a utilização da técnica de esmaltes translúcidos, aí chegada por influência dos esmaltes produzidos em Siena¹²⁵¹. A

¹²⁴⁷ PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 186.

¹²⁴⁸ PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 186.

¹²⁴⁹ MARTÍN ANSÓN, 2003: 23.

¹²⁵⁰ VILARRUBIAS I CUADRAS, 2002: 176.

¹²⁵¹ DALMASES I BALANÁ, 1996: 1-8.

técnica consiste na aplicação de esmalte sobre uma placa de prata, ou de ouro, antecipadamente gravada ou cinzelada em baixo-relevo. De difícil execução, esta técnica permite obter jogos de transparência e de luz de grande refinamento e qualidade estética. A peça mais antiga que utiliza esta técnica é um cálice doado pelo papa Nicolau IV (1288-1292) à basílica de S. Francisco (Tesouro do Museu della Basilica di S. Francesco – Assis) da autoria do ourives Sienês Guccio di Mannaia.

Na sequência dos trabalhos realizados no âmbito do Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora, Paulo Valente propõe o terceiro quartel do século XIV como data provável da execução da peça de Vera Cruz de Marmelar em concordância com a data avançada por Núria de Dalmases i Balaña¹²⁵². Esta investigadora destaca os aspetos formais e técnicos atribuíveis à produção da coroa Catalã-Aragonesa, bem como a figuração e os esmaltes translúcidos de cores saturadas sobre fundos azuis, resultantes de uma assimilação dos modelos Italianos¹²⁵³. A descoberta de uma possível marca de contraste e/ou de ourives, que sugere a letra M, pode indiciar uma produção da cidade de Morella ou de Maiorca, embora Paulo Valente tenha sublinhado que esta sugestão é, unicamente, uma hipótese¹²⁵⁴.

A cruz de Santa Eulália (Catedral de Barcelona) comprada em 1383 a Francesc Vilardell, mestre de prataria ativo em Barcelona entre 1383 e 1423¹²⁵⁵, apresenta soluções semelhantes à da cruz de Marmelar no que respeita ao perfil flordelizado, à ornamentação com folhas de parra e à utilização de esmaltes translúcidos sobre gravados em baixo-relevo, embora a carga ornamental de teor naturalista e uma manifesta atenção aos detalhes¹²⁵⁶ a distancie da maior sobriedade da cruz de Marmelar. A chegada à Catalunha da técnica Sienesa dos esmaltes translúcidos, que substituiu então de forma evidente os esmaltes opacos de tradição Limosina, não se explica unicamente pelas trocas comerciais, mas também pela presença de artistas Italianos como Tuccio de Siena que trabalhou ao serviço de Jaime II¹²⁵⁷. Apesar desta influência direta, Duran-Porta considera que não é de excluir uma segunda via de influência artística a partir de centros Franceses que, logo no início do século XIV, receberam a nova técnica de esmaltar vinda de Siena¹²⁵⁸.

Entre as peças produzidas em Paris que utilizam aquela técnica destacamos a estátua-relicário *Vierge à l'Enfant de Jeanne d'Evreux* (Museu do Louvre) doada por aquela rainha à abadia de Saint-Denis em 1339 como consta da inscrição, mas realizada

¹²⁵² VALENTE, 2010b: 60-61.

¹²⁵³ VALENTE, 2010b: 61.

¹²⁵⁴ VALENTE, 2010b: 61.

¹²⁵⁵ MARTÍ I BONET, 2009: 4-5.

¹²⁵⁶ DURAN-PORTA, 2011: 210.

¹²⁵⁷ DURAN-PORTA, 2011: 210.

¹²⁵⁸ DURAN-PORTA, 2011: 210.

provavelmente entre 1324 e 1328¹²⁵⁹. A imagem da Virgem assenta num supedâneo onde, em catorze placas de esmalte, estão representadas cenas da vida de Cristo. Estas placas estão classificadas entre os primeiros exemplares Parisienses datados (conjuntamente com o relicário de Filipe V e Jeanne da Borgonha – 1316-1322 – Catedral de Sevilha)¹²⁶⁰, que utilizam a técnica dos esmaltes translúcidos assentes em *basse-taille* desenvolvida pelos ourives da Toscana no final do século XIII.

Uma cruz de altar de pequena dimensão (11.20x9.60cm) atribuída às oficinas Catalãs, que integra a coleção do British Museum, está datada entre 1330 e 1350. Embora não seja muito semelhante à cruz de Marmelar, excetuando o muito generalizado perfil com remates em flor-de-liz, e embora utilize o esmalte *champlevé* que não existe na peça de Marmelar, tem com esta um aspeto comum que supomos não ter sido ainda referido. De facto, em ambas as cruzes as placas polilobadas não se encontram colocadas antes dos remates, mas sim incluídas no espaço dos mesmos, solução que não é frequente nas cruzes de conhecida produção Catalã, como por exemplo, a cruz-relicário da Vera Cruz, proveniente da Lonja de Barcelona. Executada em oficina da cidade e exposta no Museu Nacional de Arte da Catalunha esta cruz está datada de meados do século XIV. Apresenta semelhanças com a cruz de Marmelar, nomeadamente nos esmaltes translúcidos, neste exemplar muito residuais, e no motivo perlado que acompanha totalmente o contorno da peça.

Entre os exemplares de produção Catalã que têm semelhanças com a cruz de Marmelar, Paulo Valente destaca a peça do Memphis Brooks Museum proveniente de Barcelona e datada de c.1390¹²⁶¹. A cruz tem a punção da cidade Catalã. Os esmaltes translúcidos, sobre placas polilobadas, assemelham-se à cruz de Marmelar. Na cruz proveniente de Barcelona figuram *Nossa Senhora* e *S. João* e os símbolos dos quatro evangelistas. A placa central do anverso apresenta uma cruz pátea, algo semelhante à do mosteiro da Vera Cruz. No reverso, a mesma placa é ocupada pela figuração de Cristo entronizado, iconografia presente também no reverso da cruz de Marmelar.

As claras semelhanças com a produção de ourivesaria Catalã dos séculos XIV e XV indiciam uma datação da cruz de Marmelar neste período. Paulo Valente propõe o terceiro quartel do século XIV como data provável da sua execução, acrescentando que a cruz foi doada por D. Álvaro Gonçalves Pereira (c.1310-1380), uma vez que as armas dos Pereira e da Ordem do Hospital estão gravadas no nó da peça¹²⁶². Devemos notar que o nó da cruz é, na interpretação de Nuno Vassalo e Silva que data

1259 GABORIT-CHOPIN, 1998: 231.

1260 GABORIT-CHOPIN, 1998: 233.

1261 VALENTE, 2010b: 61.

1262 VALENTE, 2010b: 60-61.

esta peça do século XIII¹²⁶³, de época posterior, correspondendo a um acrescento patrocinado pelos Pereira (Fotografia 24)¹²⁶⁴. É certo que o encaixe entre a cruz e o nó merece algumas dúvidas que, para serem esclarecidas, necessitam de uma análise técnica da junção das peças e dos respetivos materiais.

As mesmas armas estão presentes no cofre que guarda a relíquia do Santo Lenho de Marmelar e no túmulo de D. Álvaro Gonçalves Pereira que se conserva no convento hospitalário da Flor da Rosa (Crato). Constam ainda na lâmina funerária de frei Estêvão Vasques Pimentel (mosteiro de Leça do Balio), seu tio-avô e também prior da Ordem. Aliás, a lâmina de bronze que se conserva na Igreja de Leça do Balio, terá sido encomendada pelo próprio D. Álvaro Gonçalves Pereira na Flandres ou em França¹²⁶⁵. Estêvão Vasques Pimentel, conforme regista o texto da lâmina, morreu em 1336 tendo-lhe sucedido o seu sobrinho-neto eleito prior do Hospital no mesmo ano¹²⁶⁶.

Não deixa de ser curioso que a Lâmina de Bronze apresente uma organização semelhante a dois fólhos de Livros de Horas iluminados na mesma época. Aliás, a decoração lateral da Lâmina lembra o *Livro de Horas de Jeanne d'Evreux* (Metropolitan Museum of Art)¹²⁶⁷ elaborado em Paris entre 1324 e 1328 por Jean Pucelle. Como já foi referido acima, a *Vierge à l'Enfant de Jeanne d'Evreux* (1324-1328) testemunha a assimilação da técnica Sienesa dos esmaltes translúcidos pelos ateliers de Paris. Sendo muito provável que a encomenda da lâmina do mosteiro hospitalário de Leça do Balio se deva a D. Álvaro Gonçalves Pereira, não podemos deixar de registar que na cruz de Marmelar, também possivelmente encomendada pelo mesmo prior do Hospital, se destaca a utilização de esmaltes translúcidos. Sem querermos forçar interpretações ou alguma relação entre as obras doadas pela rainha Jeanne d'Evreux e as oferecidas por D. Álvaro Gonçalves Pereira, não podemos deixar de registar que pertencem ao mesmo universo artístico.

Em Portugal são raros os exemplos de peças com aplicação de esmaltes translúcidos, que se conservam, datáveis dos séculos XIV e XV¹²⁶⁸. Destacamos a presença dos esmaltes translúcidos no cálice proveniente do mosteiro de S. Torcato (Guimarães), guardado no Museu de Alberto Sampaio, ao qual é atribuída uma cronologia hipotética de finais do século XIV. É certo que, devido a limpezas sucessivas e ao desgaste, muitas peças terão perdido os esmaltes, restando unicamente a decoração gravada como parece ter acontecido à cruz processional oferecida pelo prior João das Regras

1263 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 185.

1264 PAGARÁ; SILVA; SERRÃO, 2006: 186.

1265 COSTA; ROSAS, 2001: 102.

1266 BARROCA, 2000b, 1589.

1267 ALMEIDA; 1983: 12.

1268 SILVA, 1998: 50.

Património artístico

à Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães¹²⁶⁹. Igualmente integrada na coleção do Museu de Alberto Sampaio, esta cruz em prata dourada apresenta as armas do doador e deve datar das duas últimas décadas do século XIV. As placas polilobadas com figuração gravada estavam, como no exemplar de Marmelar, cobertas por esmaltes conforme descreve a documentação do século XVII¹²⁷⁰. Não sabemos se estas peças foram produzidas em Portugal ou encomendadas na Catalunha, Paris ou Itália.

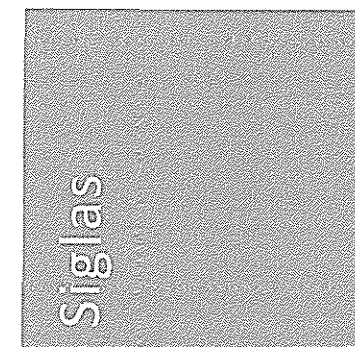
Para terminar, entendemos que merece atenção especial um documento publicado por Núria Dalmases, onde se documenta a vinda para Lisboa em 1404 de dois prateiros Catalães, Pere Rocha e Bartomeu Salvador. Em 12 de julho desse ano os dois artífices, cidadãos de Barcelona, constituem uma *companhia* conjuntamente com o mercador Pere Orts, com a finalidade de viverem no *Reino de Portugal*, especialmente em Lisboa, durante três anos consecutivos para trabalharem em prataria e outros negócios¹²⁷¹. A presença em Portugal de ourives provenientes da Catalunha será anterior? Esta é uma questão à qual só um melhor conhecimento da documentação poderá responder.

Contudo, podemos concluir que o enriquecimento do santuário de Marmelar deve ser entendido segundo dois fatores: a vontade de enfatizar a devoção à relíquia do Santo Lenho e a ligação entre as comendas hospitalárias Portuguesas e as correntes artísticas internacionais.

¹²⁶⁹ SILVA, 1998: 50.

¹²⁷⁰ SILVA, 1998: 59-60.

¹²⁷¹ DALMASES I BALAÑA, 1992: 230.



SIGLAS

ACZ – Archivo Catedralicio de Zamora

ACS – Archivo de la Catedral de Sevilla

ADE – Arquivo Distrital de Évora

A.E.M. 1879 – Arquivo de Engenharia Militar, Doc. 421, Secretaria de Inspeção de Engenharia, 4ª Divisão Militar, 2 de julho de 1879

A.E.M. 1891 – Arquivo de Engenharia Militar, AH 3/6 – 18775, 3ª Divisão, 46ª Secção de 11 de novembro, de 1891

A.E.M. S.E.N.G. – Arquivo de Engenharia Militar, Cartas do Director Geral de Engenharia da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, folha 2586, de 29 de março, de 1879

AGP – Archivo General de Palacio

AHNM – Archivo Historico Nacional de Madrid

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

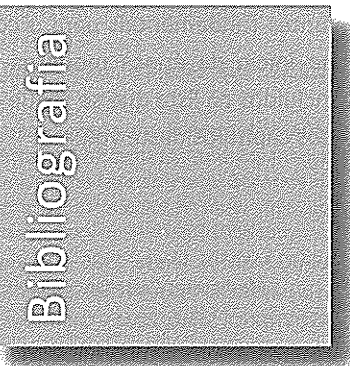
BA – Biblioteca da Ajuda

BNE – Biblioteca Nacional de España

BRAH – Biblioteca de la Real Academia de la Historia

C.M.E. 895 – Cartografia Militar de España, Série L, 895, Escala 1: 50 000.

NLM – National Library of Malta



Bibliografia¹²⁷²

Uma revisão bibliográfica das publicações sobre a temática relacionadas com as Ordens Militares na historiografia portuguesa no último meio século pode consultar-se num dos capítulos do recente livro intitulado *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*. Nele se indicam vários trabalhos dedicados às comendas¹²⁷³; dissertações de doutoramento publicadas nos últimos anos¹²⁷⁴ e outros estudos recentes¹²⁷⁵ onde as comendas e os

¹²⁷² Tendo em consideração que este volume foi preparado no âmbito de um projeto de investigação que teve o CEPESE como entidade de acolhimento, entendeu-se que se deveriam respeitar as linhas gerais dos critérios de citação documental e bibliográfica adotados por este centro, e indicados na sua revista *População e Sociedade* (disponíveis, por exemplo, em <<http://www.cepese.pt/portal/instituicao/revista-populacao-e-sociedade-no-20/view>>).

¹²⁷³ OLIVEIRA; FONSECA; PIMENTA; COSTA, 2011: 449-451, nota 110.

¹²⁷⁴ COSTA, 1999-2000. MATA, 2007. OLIVAL, 2001. OLIVEIRA, 2009b. PIMENTA, 2001. SILVA, 2002a. VASCONCELOS, 2012.

¹²⁷⁵ OLIVEIRA; FONSECA; PIMENTA; COSTA, 2011: 451-452, nota 112. Selecciono: COSTA, 2004b. COSTA, 2007. COSTA; ROSAS, 2001. CUMBRE, 1999. CUNHA, 1986-1987. CUNHA, 1990; CUNHA; PIMENTA, 1987. DIAS, 1991. FONSECA, 2000. GONÇALVES, 1999. LOPES, 1999. MATA, 2003. MATA, 2004. MATA, 2006. MOITEIRO, 2004. MOITEIRO, 2004-2005. SILVA, 1996. SILVA, 2002b. SILVA, 2006b. SILVA, 2009. SILVA; PIMENTA, 1992. VARGAS, 2005.

Bibliografia

comendadores constituem objeto primordial de atenção, assim como visitas, fontes fundamentais para o conhecimento pormenorizado destas instâncias locais no início da época moderna ¹²⁷⁶. De todo esse conjunto bibliográfico, só serão incluídos na lista que se segue os títulos citados pelos autores nas notas de cada um dos capítulos deste volume.

- ABAJO MARTÍN, Teresa, 1986 – Documentación de la Catedral de Palencia (1035-1247). Palencia: Fuentes Medievales Castellano-Leonesas.
- AGOSTINHO, Santo, 2004 – Confissões, 2ª edição. Lisboa: IN-CM.
- AGUIRRE, Domingo, 1973 – El gran priorato de San Juan de Jerusalén en Consuegra, en 1769. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos.
- ALBUQUERQUE, Martim de, 1992 – Portugal e a Ordem de Malta. Aspectos da Europa. Lisboa: Inapa, T.L.P.
- ALMAGRO VIDAL, C., 2009 – Sobre indicadores de la organización temprana del territorio calatravo: la montaraía, em Madrid Medina, Angela; Villegas Díaz, Luis Rafael (coords.) – Actas do I Congreso Internacional El nacimiento de la Orden de Calatrava. Primeros tiempos de expansión: siglos XII y XIII. Almagro: Ayuntamiento de Almagro y Instituto de Estudios Manchegos, pp. 327-344.
- ALMAGRO VIDAL, C., 2012 – Frontera, medio ambiente y organización del espacio: De la cuenca del Guadiana a Sierra Morena (Edad Media). Granada. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Granada.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1983 – A Anúnciação na Arte Medieval em Portugal. Estudo Iconográfico. Iconografia II. Porto: Instituto de História de Arte - Faculdade de Letras do Porto.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1986 – Arte da Alta Idade Média. História de Arte em Portugal. vol. II, Lisboa: Publicações Alfa.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, 1991 – Em torno do Bom Jesus de Braga, em Estudos de História Contemporânea Portuguesa. Homenagem ao Professor Victor de Sá, Centro de História da Universidade do Porto, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 69-81.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge, 2002 – História da Arte em Portugal. O Gótico. Lisboa: Editorial Presença.
- ALMEIDA, Ema Maria Cardoso, 2006 – A mobilidade no âmbito da Ordem do Hospital: o caso de Portugal na Idade Média. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ALMEIDA, Fortunato de, 1971 – História da Igreja em Portugal, vol. IV. Porto-Lisboa: Livraria Civilização.
- ALTURO PERUCHO, Jesús, 1999 – Diplomatarium d'Alguair e del seu monestir santjoanista de 1076 a 1244, Barcelona: Fundació Noguera.
- ALTURO PERUCHO, Jesús, 2010 – Diplomatarium d'Alguair e del seu monestir duple de l'Orde de Sant Joan de Jerusalem (1245-1300), Barcelona: Fundació Noguera.
- ÁLVARES, Frei João, 1911 – Chronica do Infante Santo D. Fernando. Ed. crítica de Mendes dos Remédios. Coimbra: F. França Amado.
- ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel, 2003 – Relations between Portugal and Castile in the Late Middle Ages – 13th-16th centuries, e-Journal of Portuguese History, vol. 1, nº 1, Summer (Disponível em <http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue1/pdf/palenzuela.pdf> [consult. 2013.07.02.]).
- AMARAL, Luís Carlos; GARCIA, João Carlos, 2000 – O Tratado de Alcañices (1297): uma construção historiográfica, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 2, Porto: Faculdade de Letras

1276 OLIVEIRA; FONSECA; PIMENTA; COSTA, 2011: 452-453. nota 115.

Bibliografia

- da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, 1998, IIª série, pp. 967-986 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03.]).
- AMARGIER, Paul (org.), 1972 – Cartulaire de Trinquetaille. Gap: Centre d'Études des Sociétés Méditerranéennes.
- ARAÚJO, Julieta, 2000 – Relações de fronteira na Idade Média: a transumância, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, XV, IIª série, 1998, pp. 229-240 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03.]).
- AURELIO PÉREZ, Juan et al, 2002 – La fortaleza del Valle de la Torre (Aroche, Huelva). Huelva: Universidad de Huelva, pp. 447-462 (Disponível em <<http://www.federacionsierra.es/media/documentos/doc86.pdf>> [consult. 20013.02.05.]).
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos, 1994 – Alfonso X, el Algarbe y Andalucía: el destino de Serpa, Moura y Mourão, em Actas del III Congreso de Historia de Andalucía. Historia Medieval, Córdoba: 1, pp. 289-304.
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos (ed.), 1995 – Libro de privilegios de la Orden de San Juan de Jerusalén en Castilla y León (siglos XII-XV). Madrid: Editorial Complutense.
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos, 1999a – Comendadores y encomiendas. Orígenes y evolución en las órdenes militares castellano-leonesas de la Edad Media, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, vol. I, Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, pp. 101-147.
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos, 1999b – Frontera castellano-portuguesa y Órdenes Militares. Problemas de jurisdicción (ss. XII-XIII), em Álvarez Palenzuela, Vicente A. (ed.) – Jornadas de Cultura Hispano-portuguesa. Madrid: Universidade Autónoma de Madrid, 51-92.
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos de, 2000 – Las Órdenes Militares y los procesos de afirmación monárquica en Castilla y Portugal, (1250-1350), em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, 1998, IIª série, pp. 1279-1312 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03.]).
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos de, 2002 – Les commanderies des Ordres Militaires en Castille et León au Moyen Âge. Étapes d'une evolution, em Luttrell, Anthony; Pressouyre, León (dir.), La commanderie, institution des Ordres Militaires dans l'Occident Médiéval. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 75-89.
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos, 2007 – Las Órdenes Militares Hispánicas en la Edad Media (siglos XII-XV). Madrid: Marcial Pons.
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos, 2012 – Espiritualidad y práctica religiosa entre las órdenes militares. Los orígenes de la espiritualidad militar, em Fernandes, Isabel Cristina (org.) – As Ordens militares. Freires, guerreiros, cavaleiros. Palmela: Município de Palmela/ GEsOS, vol. 1, pp. 139-172.
- AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de, 2005 – Toponímia moçárabe no antigo condado conimbricense. Coimbra. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- AZEVEDO, Pedro A. de (ed.), 1906-1910 – Livro dos Bens de D. João de Portel. Cartulário do século XIII. Precedido por uma notícia histórica de Anselmo Braamcamp Freire, em Archivo Historico Portuguez, vol. 5, 1906-1910 (Disponível em edição fac-simile, Edições Colibri, Câmara Municipal de Portel, 2003).
- AZEVEDO, Rui de, 1937 – Período de formação territorial: expansão pela conquista e sua consolidação pelo povoamento [...], em História da Expansão Portuguesa no Mundo (Baião, António; Múrias, Manuel; Cidade, Hernâni). Lisboa: Ática, vol. 1, pp. 7-64.
- AZEVEDO, Rui de; COSTA, Avelino de Jesus da; PEREIRA, Marcelino Rodrigues, 1979 – Documentos de D. Sancho I (1174-1211). Coimbra: Universidade de Coimbra.

Bibliografia

- BAERT, Barbara, 2004 - The Legend of the True Cross in Text and Image (Cultures, Beliefs and Traditions. Medieval and Early Modern Peoples, 22), Leiden-Brill.
- BARATA, Filipe Themudo; BARROS, Filomena; CORREIA, Fernando Branco; FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Herminia, 2001 - Elites Sociais e apropriação do espaço no Além-Tejo na Idade Média, *Ler História*, 40, pp. 7-42.
- BARBOSA, Pedro Gomes, 2000 - Organização defensiva na fronteira beirã oriental: «extremadura» e Riba Cõa até ao século XIII, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) - As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, 1998, IIª série, pp. 199-212 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.02]).
- BARBOSA, Pedro Gomes, 2005 - Guerra de presúria, fossado e algar. A fronteira na Reconquista portuguesa (da segunda metade ao século IX a inícios do XII), em Barroca, Mário José; Fernandes, Isabel Cristina F. (coords.) - Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII). Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 91-102.
- BARQUERO GOÑI, Carlos, 1993 - El conflicto por los bienes templarios en Castilla y la Orden de San Juan, em En la España Medieval. Madrid: Universidad Complutense, nº 16, pp. 37-54.
- BARQUERO GOÑI, Carlos, 1995 - Los hospitalarios en Castilla y León (siglos XII y XIII). Señoríos de la Orden de San Juan. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid (edición en microficha).
- BARQUERO GOÑI, Carlos, 2000 - La incorporación de los bienes del Santo Sepulcro a la Orden del Hospital en España al final de la Edad Media, em Rincón García, Wifredo (dir.) - III Jornadas de Estudio. La Orden del Santo Sepulcro. Zaragoza: Centro de Estudios del Santo Sepulcro, pp. 189-197.
- BARQUERO GOÑI, Carlos, 2004 - La Orden de San Juan de Jerusalén en Navarra: siglos XIV y XV, Pamplona: Fundación Fuentes Dutor.
- BARREIROS, Maria Helena, 1999 - DGEMN, 70 anos depois - Caminhos do Património, *História*, 20, dezembro. Lisboa: Publicultura, pp. 68-73.
- BARROCA, Mário Jorge, 2000a - D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) - As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, IIª série, 1998, pp. 801-822 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- BARROCA, Mário Jorge, 2000b - Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422). 3 vols., 4 tomos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário Jorge, 2002 - Os castelos das Ordens Militares em Portugal (séc. XII a XIV), em Fernandes, Isabel Cristina (coord.) - Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500). Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Ed. Colibri e Câmara de Palmela, pp. 535-548.
- BARROCA, Mário Jorge, 2003 - Da Reconquista a D. Dinis, em Barroca, Mário Jorge; Duarte, Luís Miguel; Monteiro, João Gouveia (coord.) - Nova História Militar de Portugal, Barroca, Mário Jorge; Duarte, Luís Miguel; Monteiro, João Gouveia (coord.), Rio de Mouro: Círculo de Leitores, vol. I, pp. 21-161.
- BARROS, Amândio Jorge Morais, 2000 - Uma contenda a norte da «Contenda»: (alguns aspectos das relações fronteiriças entre Portugal e Castela na Idade Média), em Fonseca, Luís Adão da (ed.) - As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, 1998, IIª série, pp. 323-364 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- BARROS, Henrique da Gama, 1950 - História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV. 2ª ed. Tomo IX. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- BARROS, João de, 1919 - Geographia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. Porto: Biblioteca Municipal do Porto.
- BASCHET, Jérôme, 2006 - La civilisation féodale. De l'an Mil à la colonisation de l'Amérique. Paris: Flammarion.

Bibliografia

- BEIRANTE, Ângela, 1995 - Évora na Idade Média. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT.
- BELLOMO, Elena, 2008 - The Templar Order in North-West Italy (1142-c. 1330). Leiden-Boston: Brill.
- BERGANZA, Francisco de, 1719-1721 - Antigüedades de España. Madrid: Imprenta de Francisco del Hierro, 2 tomos.
- BILLOT, Claudine, 1987 - Les Saintes-Chapelles (XIII-XVI siècles). Approche comparée de fondations dynastiques. Revue d'histoire de l'Eglise de France, vol. 73, no191, pp. 229-248.
- BILLOT, Claudine, 1991 - Le message spirituel et politique de la Saint-Chapelle de Paris. Revue Mabillon, vol. 63. 2, pp. 119-141. LE GOFF, Jacques, 1996 - Saint Louis, Paris: Gallimard: 140-148. MERCURI, Chiara, 2004 - Stat inter spinas lilium: le Lys de France et la couronne d'épines, em Le Moyen Age 3, t. CX, pp. 497-512 (Disponível em <www.cairn.info/revue-le-moyen-age-2004-3-page-497.htm> [Consult. 2013.09.30]).
- BLEVEC, Daniel Le; VENTURINI, Alain (orgs.), 1997 - Cartulaire du Prieuré de Saint Gilles de l'Hôpital de Saint Jean de Jérusalem (1129-1210). Paris: CNRS Éditions, Brepols.
- BONET DONATO, Maria, 1994 - La Orden del Hospital en la Corona de Aragón, Poder y gobierno en la Castellania de Amposta (ss. XII-XV). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- BORGES, Artur Goulart de Melo, 1993 - Inscrições Árabes de Noudar, *Arqueologia Medieval*, 2, Porto: Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, pp. 215-217.
- BORGES, Artur Goulart de Melo (coord), 2010 - Arte Sacra no Concelho de Portel. Évora: Fundação Eugénio de Almeida e Arquidiocese de Évora.
- BORGES, Artur Goulart de Melo et al, 2011 - O Santo Lenho da Sé de Évora. Arte, Esplendor e Devoção. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- BORGEHAMMAR, Stephen, 1991 - How the Holy Cross was found: from event to medieval legend. Estocolmo: Almqvist & Wiksell International. DRIJVERS, Jan Willem, 1992 - Helena Augusta, Leiden: Brill.
- BRAGANÇA, Joaquim O. (ed.), 1975 - Missal de Mateus. Manuscrito 1.000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BRANDÃO, António (Frei), 2004 - Monarquia Lusitana, vol. V, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BRANDÃO, João, 1990 - Grandeza e abundância de Lisboa em 1552. Lisboa: Livros Horizonte.
- BRITO, Raquel Soeiro de, 1992 - Introdução Geográfica, em Mattoso, José - História de Portugal, vol. I, Lisboa: Círculo de Leitores, 18-75.
- BRONSTEIN, Judith, 2005 - The Hospitallers and the Holy Land; Financing the Latin East, 1187-1274. Londres: Boydell & Brewer Ltd.
- BURGTORF, Jochen, 2008 - The Central Convent of Hospitallers and Templars: History, Organization, and Personnel; (1099/1120-1310). Leiden: Brill.
- CALADO, Adelino de Almeida (ed.), 1991 - Estória de Dom Nuno Alvres Pereira. Coimbra: Acta Universitatis Coninbrigensis.
- CALADO, Hugo Miguel Pinto, 2007 - A raia alentejana medieval e os polos de defesa militar. O Castelo de Noudar e a defesa do Património Nacional. Lisboa: Faculdade de Letras (Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/484/1/16536_A%2520Raia%2520alentejana%2520durante%2520a%2520Idade%2520M.pdf> [consult. 2013.05.20]).
- CALHEIROS, Sebastião Lopes, 1889 - Notícia sobre a contenda de Moura: alguns documentos, conclusões. Nota de 19 de setembro de 1805, tratado de 14 de outubro de 1542 que se tem denominado concordata. Lisboa: Imprensa Nacional.
- CAMPO BELLO, Conde, 1931 - A Soberana Ordem de Malta e a sua acção em Portugal, Lisboa: [s.l.]
- CANEDO, Fernando de Castro da Silva, 1993 - A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II, 2.ª ed.. Lisboa: Edições Gama, vol. I.
- CARBASSE, Jean-Marie, 2002 - Les commanderies: aspects juridiques et institutionnels, em Luttrell, Anthony; Pressouyre, León (dir.), La commanderie, institution des Ordres Militaires dans l'Occident Médiéval. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 19-27.

Bibliografia

- CARDOSO, Jorge, 1666 – Agiologio Lusitano. T. III, Lisboa: Officina Craesbeeck. Reed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 (org. Fernandes, Maria de Lurdes Correia).
- CARMONA DOMÍNGUEZ, José Maria, 1999 – Libro de privilegios de la encomienda de Tocina, 1242-1692. Sevilla: Diputación de Sevilla.
- CARMONA RUIZ, María Antónia, 2000 – La explotación ganadera de la frontera luso-española: La Contienda de Moura, Nódar, Aroche y Encinasola, em Fonseca, Luís Adão da (dir.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, IIª série, 1998, pp. 241-257 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- CARRAZ, Damien, 2005 – L'Ordre du Temple dans la basse vallée du Rhône (1124-1312). Ordres militaires, croisées et sociétés méridionales. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- CARRAZ, Damien, 2012 – Les commanderies dans l'espace urbain, em Mélanges de l'École française de Rome - Moyen Âge, 124-1 (Disponível em <<http://mefrm.revues.org/428>> [consult. 2013.09.24]).
- CATEURA BENNASSER, Pau, 2009 – Negociar la paz en el siglo XIV, em Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais – Coelho, Maria Helena da Cruz; Gomes, Saul António; Rebelo, António Manuel Ribeiro (dir.). Vol. II. Porto de Mós-Alcobaça-Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, pp.11-36.
- CHICÓ, Mário Tavares, 1968 – Arquitectura Gótica em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte (1ª edição de 1954).
- COELHO, Adelino de Matos, 1999 – O Castelo De Noudar. Fortaleza Medieval, Barrancos: Câmara Municipal de Barrancos.¹²⁷⁷
- COELHO, Maria Helena da Cruz, 1996 – Concelhos, em Serrão, Joel; Marques, A. H. Oliveira (dir.) – Nova História de Portugal. Portugal em definição de fronteiras (1096-1325). Do Condado Portucalense à crise do século XIV. Vol. III. Lisboa: Editorial Presença, pp. 554-584.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, 2005 – D. João I. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- COELHO, Maria Helena da Cruz; VENTURA, Leontina, 1987 – Os bens de Vataça. Visibilidade de uma existência, em Revista de História das Ideias, vol. 9, Coimbra: Faculdade de Letras, pp. 33-77.
- COELHO, Virgínia, 1979 – Preços do azeite em Lisboa: 1626-1733. Tentativa de compreensão analítico-sintética. Revista de História Económica e Social. Lisboa: Sá da Costa Editora, nº 4, pp. 15-16.
- COLLAÇO, João Maria Tello de Magalhães (ed.), 1929 – Cadastro da População do Reino (1527). Actas das Comarcas dantre Tejo e Odiana e da Beira, Lisboa: Tip. da Empr. Nac. de Publicidade.
- CÓMEZ RAMOS, Rafael, 2008-2009 – La arquitectura de las miniaturas de la Corte de Alfonso X el Sábio. Alcanate, Revista de Estudios Alfonsíes. Puerto de Santa María: Cátedra Alfonso X el Sábio, VI, pp. 207-225.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves, 2005 – Fronteira, guerra e organização social do espaço: o Vale do Tejo, entre muçulmanos e cristão (séculos IX-XIII), em Barroca, Mário José: Fernandes, Isabel Cristina F. (coords.) – Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII). Palmela: Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 43-52.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves, 2011 – Construir, Habitar: a casa medieval. Braga: CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória".
- CORRAL, José Luís, 2006 – Breve historia de la Orden del Temple. Barcelona: Edhasa.
- CORREIA, Manuel de Mello, (coord.), 1985 – Anuário da Nobreza de Portugal, Lisboa: Instituto Português de Heráldica.
- COSTA, António Carvalho da (Padre), 1708 – Da villa de Noudar, Corographia Portuguesa e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal. Vol. II, Tratado VII, Cap. XVII, Lisboa: Valentim da Costa Deslandes.
- COSTA, António Domingues de Sousa (ed.), 1970 – Monumenta Portugaliae Vaticana. Vol. 4. Braga-Porto: Livraria Editorial Franciscana.

¹²⁷⁷ No capítulo 7, as citações feitas desta obra reportam-se à edição anterior de 1997.

Bibliografia

- COSTA, Avelino de Jesus da,, 1959 – O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga. Vol. 1 e 2. Coimbra: Universidade de Coimbra (separata da revista Biblos, XXXIII).
- COSTA, Avelino de Jesus da (ed.), 1965-1990 – Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae. 3 vols. Braga: Junta Distrital.
- COSTA, Paula Maria de Carvalho Pinto, 1993 – A Ordem Militar do Hospital em Portugal. Séculos XII-IV. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- COSTA, Paula Pinto, 1999-2000 – A Ordem Militar do Hospital em Portugal: dos finais da Idade Média à Modernidade. Militarium Ordinum Analecta, 3/4, Porto: Fundação Engº António de Almeida, pp. 5-592. Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/militarium-ordinum-analecta-n-o-3-4/>> [consult. 15 de Jul. 2013].
- COSTA, Paula Pinto, 2001 – O mediterrâneo e a Ordem de S. João, em Fonseca, Luis Adão da; Cadeddu, Maria Eugénia (ed.) – Portogallo mediterraneo. Cagliari: Consiglio Nazionale delle Ricerche/ Instituto sui Rapporti Italo-Iberici, pp. 75-97.
- COSTA, Paula Pinto, 2004a – As adaptações das Ordens Militares aos desafios da crise tardo medieval. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. V, IIIª série, pp. 143-154 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2380.pdf>> [consult. 2013.09.02.]).
- COSTA, Paula Maria Pinto, 2004b – A comenda de Leça do Balio (séculos XII-XVI), em Matesinus. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos, Actas das III Jornadas de História e Património Local, 5, pp. 84-91.
- COSTA, Paula Pinto, 2005 – A nobreza e a Ordem do Hospital: uma aliança estratégica, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental. Lisboa: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, pp. 605-621.
- COSTA, Paula Pinto, 2006a (coord.) – Livro dos Copos. Vol. I. Militarium Ordinum Analecta, 7. Porto: Fundação Eng. António de Almeida [Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/Militarium_7.pdf> [consult. 2013.09.15]].
- COSTA, Paula Pinto, 2006b – Ordens Militares e Fronteira: um desempenho militar, jurisdicional e político em Tempos Medievais. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. VII, IIIª série, pp. 79-91 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3405.pdf>> [consult. 2013.09.15]).
- COSTA, Paula Maria Pinto, 2007 – Algumas comendas hospitalárias entre os poderes central, municipal e senhorial em tempos medievais, em Filermo, 9. Assembleia dos Cavaleiros Portugueses da Ordem Soberana e Militar de Malta, pp. 77-90.
- COSTA, Paula Pinto, 2009a – Uma cultura de guerra aquém e além da fronteira: a Ordem do Hospital no contexto da batalha de Aljubarrota, em Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais – Coelho, Maria Helena da Cruz; Gomes, Saul António; Rebelo, António Manuel Ribeiro (dir.). Vol. I. Porto de Mós-Alcobaça-Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, pp. 591-614.
- COSTA, Paula Pinto, 2009b (ed.) – As comendas: enquadramentos e aspectos metodológicos, em Militarium Ordinum Analecta, vol. 11. Porto: CEPESE/Livraria Civilização: pp. 9-24 (Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.08.14]).
- COSTA, Paula Pinto, 2012a – The role of the Order of St John in Pilgrimage and Politics: the case of the North of Portugal, em Pazos, Antón M. (ed.) – Pilgrims and Politics. Rediscovering the power of the pilgrimage. Farnham: Ashgate: pp. 69-82 (cap. 5).
- COSTA, Paula Pinto, 2012b – As Visitações: As Ordens Militares Portuguesas entre Poderes?, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – Freires, Guerreiros, Cavaleiros. Actas do VI Encontro sobre Ordens Militares de Palmela. Palmela: Município de Palmela/GESOS, pp. 407-428.
- COSTA, Paula Pinto; ROSAS, Lúcia, 2001 – Leça do Balio no Tempo dos Cavaleiros da Ordem do Hospital. Lisboa: Edições INAPA.
- COULON, Damien; PICARD, Christophe; VALÉRIAN, Dominique (org.), 2007-2010 – Espaces et Réseaux en Méditerranée VI-XVIIe siècle, 2 vols. Paris: Editions Bouchène.
- CUMBRE, José Pavia, 1999 – A comenda da Ordem de Cristo de Santa Maria-a-Grande de Portalegre, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, I, Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, vol. 2, pp. 73-103.

Bibliografia

- CUNHA, Mafalda Soares da, 2003 – Nobreza, rivalidade e clientelismo na primeira metade do século XVI. Algumas reflexões. Penélope. Lisboa: Editora Celta: n.º 29, pp. 33-48 (Disponível em <http://www.cidehus.uevora.pt/textos/artigos/msc_nobclienxvi.pdf> [consult. 2013.07.19]).
- CUNHA, Maria Cristina de Almeida, 1986-1987 – A comenda de Oriz da Ordem de Avis, em *Bracara Augusta*, XL, n.º 89/90 (102/103), pp. 131-203. Reeditado in *Estudos sobre a Ordem de Avis* (séc. XII-XV). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, pp. 120-222 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5965.pdf>> [consult. 2010.Nov.01]).
- CUNHA, Maria Cristina, 1988 – Forais que tiveram por modelo o de Évora de 1166. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História*, vol. V, IIª série, pp. 69-94 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2103.pdf>> [consult. 2013.07.15]).
- CUNHA, Maria Cristina Almeida e, 1989 – A Ordem Militar de Avis (das origens a 1329). Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CUNHA, Maria Cristina de Almeida, 1990 – A Comenda de Albufeira da Ordem de Avis (séc. XII-XV), em *Actas das II Jornadas de História sobre Andalucia y el Algarbe* (siglos XII-XVIII), Sevilha: Universidade de Sevilha, pp. 49-62. Reeditado in *Estudos sobre a Ordem de Avis* (séc. XII-XV). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, pp. 223-237 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5965.pdf>> [consult. 2010.11.01]).
- CUNHA, Maria Cristina Almeida e, 1995 – A Ordem de Avis e a monarquia portuguesa até ao final do reinado de D. Dinis. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História*, vol. XII, IIª série, pp. 113-124 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2023.pdf>> [consult. 2013.07.15]).
- CUNHA, Maria Cristina, 2009 – Estudos sobre a Ordem de Avis (séc. XII-XV). Porto: Faculdade de Letras (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5965.pdf>> [consult. 2013.07.15]).
- CUNHA, Maria Cristina; PIMENTA, Maria Cristina, 1985 – Algumas considerações sobre as relações entre os monarcas castelhanos e a Ordem de Avis no século XIII. *Boletim do Arquivo Distrital do Porto*, vol. II, pp. 3-11.
- CUNHA, Maria Cristina; PIMENTA, Maria Cristina, 1987 – A comenda de Albufeira da Ordem de Avis nos inícios do século XV: breve abordagem, em *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, pp. 305-347.
- CUNHA, Mário, 1991 – A Ordem Militar de Santiago: das origens a 1327. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DALMASES I BALAÑA, Núria de, 1992 – Orfebreria catalana medieval: Barcelona 1300-1500. (Aproximació a l'Estudi). *Argenters i Documents*. Vol 2. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- DALMASES I BALAÑA, Núria de, 1996 – L'esmalteria gòtica a la Corona d'Aragó: reflexions per a una línia d'estudi. Barcelona: Institut D'Estudis Catalans.
- DAVID, Henrique; BARROS, Amândio; ANTUNES, João, 1987 – A família Cardona e as relações entre Portugal e Aragão durante o reinado de D. Dinis. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História*, vol. IV, IIª série, pp. 69-87 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2070.pdf>> [consult. 2013.04.28]).
- DELAVILLE LE ROULX, Joseph (org.), 1894-1906 – *Cartulaire général de l'Ordre des Hospitaliers de Saint Jean de Jérusalem*, 1100-1310. 4 vols, Paris: Ernest Lérout, Éditeur.
- DELAVILLE LE ROULX, Joseph, 1904 – *Les Hospitaliers en Terre Sainte et a Chypre* (1100-1310). Paris: Ernest Leroux, Éditeur.
- DELAVILLE LE ROULX, Joseph, 1913 – *Les Hospitaliers à Rhodes jusqu'à la mort de Philibert de Naillac* (1310-1421). Paris: Ernest Lérout, Éditeur.
- DEMURGER, Alain, 2002 – *Chevaliers du Christ. Les Ordres Religieux-militaires du Moyen Age* (XIe-XVle siècle), Paris: Éditions du Seuil.
- DESTERRO, Maria Teresa, 2008 – Francisco de Campos (c. 1515-1580) e a Bella Maniera, entre a Flandres, Espanha e Portugal. Lisboa. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Bibliografia

- DIAS, João José Alves, 1991 – As comendas de Almourol e Cardiga, das Ordens do Templo e de Cristo, na Idade Média, em *As Ordens Militares em Portugal*, *Actas do I Encontro sobre Ordens Militares* (1989), Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 101-113.
- DIAS, João José Alves, 1996 – *Gentes e espaços* (em torno da população portuguesa na primeira metade do séc. XVI). 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT.
- DIAS, João José Alves, 2000 (ed.) – *Chancelaria de D. João I*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, tomo 2.
- DIAS, Luiz Fernando de Carvalho, 1965 – *Forais Manuelinos do reino de Portugal e do Algarve*. Vol. IV, *Entre Tejo e Odiana*, Beja: L.F. C. (Beja: Soc. Editora Ala Esquerda).
- DIAS, Pedro, 1994 – *Arquitetura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.
- DÍAZ MANTECA, Eugenio, 1987 – *El Libro de Poblaciones y Privilegios de la Orden de Santa Maria de Montesa* (1234-1429). Castelló: Diputació de Castelló.
- DRIJVERS, J. W., 1992 – *Helena Augusta*, Leiden: Brill.
- DUARTE, Luís Miguel, 1998 – *A Propriedade urbana, em Serrão*, Joel; Marques, A. H. Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal do Renascimento à crise dinástica*. Vol. V. Lisboa: Editorial Presença, pp. 114-160.
- DUARTE, Luís Miguel, 2000 – *Contrabandistas de gado e «passadores de cousas defesas» para Castela e «Terra de Mouros»*, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – *As relações de fronteira no século de Alcanices*. *Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História*, vol. XV, 1998, IIª série, pp. 451-473 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- DUNN-LARDEAU, Brenda, 1986 – *Legenda aurea, sept siècles de diffusion* (Actes du colloque international sur la Legenda aurea, texte latin et branches vernaculaires à l'Université du Québec à Montréal, 1983), Montréal e Paris: Bellarmin e J. Vrin.
- DUPRONT, Afonso, 1997 – *Le mythe de croisade*. III, Paris: Gallimard.
- DURÃES, Margarida, 1988 – Herdeiros e não herdeiros. Nupcialidade e celibato no contexto da propriedade enfitéuta. *Revista de História Económica e Social*, n.º 71, pp. 47-56.
- DURAN-PORTA, Joan, 2011 – *La orfebrería. El Gótico en las colecciones del MNAC*. Barcelona: Museu Nacional d'Arte de Catalunya, pp. 209-217.
- ENCARNAÇÃO, Marcelo Augusto dos Reis, 2011 – *A Batalha de Toro*. Porto. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ESPANCA, Túlio, 1978 – *Inventário Artístico de Portugal*. Distrito de Évora. Vol. VIII e IX. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- ESTEBAN MATEO, León, 1979 – *Cartulario de la encomienda de Aliaga*, Zaragoza: Anubar.
- ESTEVEZ, Julieta Araújo e, 2009 – Portugal face às guerras internas de Castela em 1429: os antecedentes da paz, em *Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais* – Coelho, Maria Helena da Cruz; Gomes, Saul António; Rebelo, António Manuel Ribeiro (dir.). Vol. II. Porto de Mós-Alcobaça-Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, pp.141-158.
- FALCÃO, José António, 2000 – *O culto do Santo Lenho. Gênese e desenvolvimento de uma devoção da Baixa Idade Média, em Entre o Céu e a Terra. Arte Sacra da Diocese de Beja*, tomo II, Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- FARELO, Mário Sérgio, 2007 – *Ao serviço da Coroa no século XIV. O Percorso de uma família de Lisboa, os "Nogueiras"*, em Krus, Luís; Oliveira, Luís Filipe; Fontes, João Luís, (eds.) – *Os rostos da Cidade. Lisboa Medieval* Lisboa: Livros Horizonte, pp. 145-168.
- FEIO, Jorge Manuel da Palma Moreira, 2010 – *Marcas Arquitectónico-Artísticas da Cristianização de Território entre Évora e Beja*. Lisboa. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FELIU MONTFORT, Gaspar, 1989 – *L'administració de la comanda hospitalera de Barberà: un llibre de comptes de 1410-11*. *Anuario de Estudios Medievales*, 28, pp. 187-217.

Bibliografia

- FERNANDES, Hermenegildo, 1991 – Organização do Espaço e Sistema Social no Alentejo Medieval. O caso de Beja. Lisboa: FCSH-UNL [policopiado].
- FERNANDES, Hermenegildo, 2005 – Quando o Além-Tejo era «fronteira»: Coruche da militarização à territorialização, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental. Lisboa: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, pp. 451-484.
- FERNANDES, Hermenegildo, 2009a – Vera Cruz de Marmelar, em Bériou, Nicole; Josserand, Philippe (coord.) – *Prier et combattre. Dictionnaire Critique des Ordres Militaires Européens au Moyen Âge*. Paris: Éditions Fayard, p. 954.
- FERNANDES, Paulo Almeida, 2009b – Esplendor ou Declínio? A Arquitectura do século VII no território português, em El siglo VII frente al siglo VII (coord. Caballero Zoreda, Luís; Utrero Agudo, Maria de los Ángeles). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Junta de Extremadura, pp. 241-273.
- FERNÁNDEZ-GÓMEZ, Marcos, 1993 – El libro de privilegios de la ciudad de Sevilla. Estudio introductorio y transcripción de [...]. Introducción de Manuel González Jiménez. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla.
- FERREIRA, Ana Maria Pereira, 1983 – A Importação e o comércio Têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481). Lisboa: Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura.
- FERREIRA, Maria da Conceição Falcão, 1989 – Uma Contenda entre o cabido de Santo Estêvão de Valença e os lavradores de Afife e Vila Meã (1509). Revista de Ciências Históricas. Vol. IV, Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, pp. 223-235.
- FERREIRA, Maria do Rosário, 2011 – A estratégia genealógica de D. Pedro, Conde de Barcelos, e as refundições do Livro de Linhagens, em Martin, Georges; Miranda, José Carlos Ribeiro (org.) – Legitimação e Linhagem na Idade Média. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos. Porto: Estratégias Criativas Ed., pp. 99-129.
- FERREIRA, Maria Isabel Rodrigues, 2004 – A Normativa das Ordens Militares Portuguesas (séculos XII-XVI). Poderes, Sociedade, Espiritualidade, 2 vols, Porto. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FICALHO, Conde de, 1979 – Notas Históricas acerca de Serpa e o elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos, Lisboa: União Gráfica.
- FIGUEIREDO, José Anastácio de, 1800 – Nova História da Militar Ordem de Malta e dos Senhores Grão-Priores della em Portugal. Parte II, Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira.
- FITA, Fidel, 1887 – La Guardia, Villa del Partido de Lillo, provincia de Toledo. Datos históricos, Boletín de la Real Academia de la Historia. Madrid: Real Academia de la Historia, nº 11, pp. 373-431.
- FONSECA, Ana, 2004 – O Montado no Alentejo (Século XV a XVIII). Lisboa: Edições Colibri.
- FONSECA, Francisco da, 1728 – Évora Gloriosa. Roma: Oficina Kamarekiana.
- FONSECA, Luís Adão da, 1982 – O Condestável D. Pedro de Portugal, Porto: INIC.
- FONSECA, Luís Adão da, 1983 – Algumas considerações a propósito da documentação existente em Barcelona respeitante à Ordem de Avis: sua contribuição para um melhor conhecimento dos grupos de pressão em Portugal em meados do século XV, em Jornadas sobre Portugal Medieval. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, pp. 276-311.
- FONSECA, Luís Adão da, 1989 – La Cristandad Medieval, Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra.
- FONSECA, Luís Adão da, 1991 – A Memória das Ordens Militares: O Livro dos Copos da Ordem de Santiago, em As Ordens Militares em Portugal. Actas do 1º Encontro Sobre Ordens Militares. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 15-22.
- FONSECA, Luís Adão da, 2000 – A comenda de Noudar da Ordem de Avis: a memória da fronteira entre a Idade Média e a Idade Moderna, em Izquierdo Benito, Ricardo; Ruiz Gómez, Francisco (coord.) – Las Órdenes Militares en la Península Ibérica. Vol. I. Edad Media. Cuenca: Ediciones Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 655-684. Reeditado com atualizações em Fronteiras territoriais e memórias históricas: o caso da Comenda de Noudar da Ordem de Avis, em *Militarium Ordinum Analecta*, vol. 11, Porto: Cepese e Civilização Editora, 2009, pp. 37-55 [Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11> [consult. 2013.07.03]].

Bibliografia

- FONSECA, Luís Adão da, 2001 – De Vasco a Cabral. Bauru: EDUSC.
- FONSECA, Luís Adão da, 2009 – Fronteiras territoriais e memórias históricas: o caso da Comenda de Noudar da Ordem de Avis, em Comendas das Ordens Militares na Idade Média, *Militarium Ordinum Analecta*, 11. Porto: Cepese e Civilização Editora, pp. 37-55 [Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11> [consult. 2013.07.14]].
- FONSECA, Luís Adão da, 2010 – 1410, em Carneiro, Roberto; Matos, Artur Teodoro de; Costa, João Paulo Oliveira e (coord.) – Portugal. Anos 10. Lisboa: Texto, pp. 63-88.
- FONSECA, Luís Adão da (coord.), 2013a – A Comenda de Noudar. *Corpus documental* (1248-1554). *Militarium Ordinum Analecta* 14, Porto: CEPESE.
- FONSECA, Luís Adão da (coord.), 2013b – A Comenda de Noudar. *Corpus documental* (1606-1607). *Militarium Ordinum Analecta* 15, Porto: CEPESE.
- FONSECA, Luís Adão da (coord.), 2013c – A Comenda de Marmelar. *Corpus Documental* (1258-1640). *Militarium Ordinum Analecta* 16, Porto: CEPESE.
- FONSECA, Luís Adão da; PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor, 1987 – Algumas considerações sobre o comércio algarvio na época medieval. Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, pp. 61-89.
- FONT RIUS, José Mª, 1969 – Cartas de población y franquicia de Cataluña. Barcelona-Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto Jerónimo Zurita.
- FONTES, João L., 2012 – Da «pobre vida» à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1519). Lisboa. Dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FOREY, Alan, 1986 – Novitiate and Instruction in the Military Orders during the Twelfth and Thirteenth Centuries. *Speculum*, nº 61.1, pp. 1-17.
- FOREY, Alan, 1992 – The Military Orders. From the Twelfth to the Early Fourteenth centuries. Londres: MacMillan.
- FOREY, Alan, 2009 – Notes of Templar personnel and government at the turn of the thirteenth and fourteenth centuries. *Journal of Medieval History*, nº 35, 2. pp. 150-170.
- FOSSIER, Robert, 2010 – Gente da Idade Média. Lisboa: Editorial Teorema.
- FRANCO, Anísio, 1999 – A ourivesaria românica em Portugal e o Testamento de D. Sancho I, em Museu Nacional de Arte Antiga. Munique: Hirmer Verlag.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp, 1996 – Brasões da Sala de Sintra. Apresentação e apêndices de Luís Bivar Guerra, 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- FREITAS, Isabel Vaz de, 2006 – Linhas de comércio entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média, em González Jiménez, Manuel; Montes-Romero-Camacho, Isabel (ed.) – La Península Ibérica entre el Mediterráneo y el Atlántico Siglos XIII-XV. Sevilla-Cádiz: Diputación de Cádiz/Sociedad Española de Estudios Medievales, pp. 85-94.
- FROLOW, Anatole, 1961 – La relique de la Vraie Croix: Recherches sur le développement d'un culte. Paris: Institut Français d'Études Byzantines.
- FROLOW, Anatole, 1965 – Les reliquaires de la Vraie Croix. Paris: Institut Français d'Études Byzantines.
- FUGUET SANS, J., 1995 – L'arquitectura dels Templers a Catalunya. Barcelona: Rafael Dalmau.
- GABORIT-CHOPIN, Danielle, 1998 – Statuette: Vierge et l'Enfant. L'Art aux Temps des Rois Maudits. Philippe Le Bel et ses fils. 1285-1328. Paris: Réunion des Musées Nationaux.
- GABRIEL, Frédéric; IOGNA-PRAT, Dominique; RAUWEL, Alain (coords.), 2013 – Les nouveaux horizons de l'ecclésiologie: du discours clérical à la science du social («Hors-série» n°7 de Bulletin du Centre d'Études Médiévales d'Auxerre) [Disponível em <http://cem.revues.org/12743> [consult. 2013.08.15]].
- GAIBROIS DE BALLESTEROS, Mercedes, 1922-1928 – Historia del reinado de Sancho IV. 3 vols., Madrid: Tipografía de la Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos.
- GALEGO Julia; DAVEAU, Suzanne, 1986 – O Numeramento de 1527-1523. Tratamento Cartográfico. Lisboa: Universidade de Lisboa/INIC.

Bibliografia

- GANIM, John M., 2005 – *Medievalism and orientalism. Three essays on literature, architecture, and cultural identity*. N. Iorque/ Basingstoke: Palgrave MacMillan.
- GARCÍA FERNANDEZ, Manuel, 2000 – La política internacional de Portugal y Castilla en el contexto peninsular del Tratado de Alcañices: 1267-1297. Relaciones diplomáticas y dinásticas, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – *As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, XV, IIª série, 1998, pp. 901-943 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. Jul. 2013.07.03]).
- GARCÍA FITZ, F., 1992 – Conflictos jurisdiccionales, articulación territorial y construcciones militares a fines del siglo XIII en el alfoz de Sevilla: la sierra de Aroche, em *Archivo, Hispalense*, 230, pp. 25-51.
- GARCÍA-GUIJARRO RAMOS, Luis, 1978 – Datos para el estudio de la renta feudal maestra de la Orden de Montesa en el siglo XV. Valencia: Institución Alfonso el Magnánimo.
- GARCÍA-GUIJARRO RAMOS, Luis, 1989 – Los orígenes de la orden de Montesa, em *Las órdenes militares en el Mediterráneo occidental*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 69-84.
- GARCÍA-GUIJARRO RAMOS, Luis, 2002 – The development of a system of commanderies in the early years of the Order of Montesa, 1319-1330, em Luttrell, Anthony; Pressouyre, León (dir.), *La commanderie, institution des Ordres Militaires dans l'Occident Médiéval*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, pp. 57-73.
- GARCÍA-GUIJARRO RAMOS, Luis, 2006a – The Aragonese Hospitaller Monastery of Sigüenza: its Early Stages, 1180- c.1210, em *Hospitaller Women in The Middle Ages*. Aldershot, pp. 112-150.
- GARCÍA-GUIJARRO RAMOS, Luis, 2006b – Las cartas fundacionales del monasterio hospitalario de Santa Maria de Sigüenza, 1184-1188, *Aragón en la Edad Media*, 19, pp. 201-212.
- GARCIA, João Carlos, 1984 – O Baixo Guadiana medieval: formação de uma fronteira, em *Actas do III Colóquio Ibérico de Geografia* (1983), Barcelona: Universidade de Barcelona, pp. 611-620 (Disponível em <http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/QGPAKX7D1P4KJXT622ECEGR14LKSQG.pdf> [Consult. 2013.05.03]).
- GARCIA, João Carlos, 1986 – O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- GARCIA, João Carlos; ALEGRIA, Maria Fernanda; GALEGO, Júlia, 1985 – Inventário de Interpretações Cartográficas de Fontes Medievais Portuguesas. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- GARCIA, José Domingos, 1960 – O Garb extremo do andaluz e Portugal nos historiadores e geógrafos árabes. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, nº 78, pp. 327-362.
- GARCÍA LARRAGUETA, Santos, 1957 – El gran priorado de Navarra de la Orden de San Juan de Jerusalén (siglos XII y XIII). Pamplona: Institución Príncipe de Viana.
- GARCÍA LARRAGUETA, Santos, 1981 – El Temple en Navarra, *Anuario de Estudios Medievales*, 11, pp. 635-661.
- GARCÍA LARRAGUETA, Santos, 1989 – La orden de San Juan de Jerusalén en Navarra. Siglo XIV, em *Las Órdenes Militares en el Mediterráneo Occidental. Siglos XIII-XVIII*, Madrid: Casa de Velázquez, pp. 103-138.
- GARCÍA TATO, Isidro (ed.), 2004-2012 – Las encomiendas gallegas de la Orden Militar de San Juan de Jerusalén: estudio y edición documental, 3 vol., Santiago de Compostela: C.S.I.C.
- Gavetas [As] da Torre do Tombo. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos: 1962, vol. 2; 1963, vol. 3; 1965, vol. 5; 1968, vol. 7; 1970, vol. 8; 1971, vol. 9; 1975, vol. 11.
- GAYA NUÑO, J. A., 1946 – El románico en la provincia de Soria. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras, 1938/1945 – Nobiliário de Famílias de Portugal, 1ª edição, Braga: Edição de Carvalhos de Basto.
- GEARY, Patrick, 1990 – *Furta Sacra*, Princeton, NJ: Princeton University Press.
- GERBET, Marie-Claude, 1986 – Les Ordres Militaires et l'élevage dans l'Espagne médiévale, em *En la España Medieval*, tomo 5, pp. 413-445.

Bibliografia

- GERBET, Marie-Claude, 2000 – *Un élevage original au Moyen Âge. Le Péninsule Ibérique*. Biarritz: Atlantica.
- GOMES, Rita Costa, 1987 – A Guarda Medieval. Posição, morfologia e sociedade (1200-1500). *Cadernos da Revista de História Económica e Social*. Lisboa: Sá da Costa Editora, nº 9-10.
- GONÇALVES, Eduardo Osório, 2006 – *Raízes da Beira, Genealogia e Património da Serra da Estrela ao Vale do Mondego*, II vols. Lisboa: Dislivro Histórica.
- GONÇALVES, Iria, 1988 – *Imagens do mundo medieval*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GONÇALVES, Iria, 1999 – Proença a Velha, inícios do séc. XVI: os bens e os direitos de uma comenda da Ordem de Cristo na Beira Interior, em *Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura*, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – *Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*, I, Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, vol. 2, pp. 29-41.
- GONÇALVES, Iria, 2000 – Entre a Peneda e o Barroso: uma fronteira Galaico-Minhota em meados de Duzentos, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – *As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, XV, IIª série, 1998, pp. 63-76 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- GONÇALVES, Iria, 2009 – Homens e terras da Beira Interior sob o controlo da Ordem de Cristo: a aldeia de Meios, no dealbar do séc. XVI, em Fernandes, Isabel Cristina Ferreira (ed.) – *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente. Actas do V Encontro Sobre Ordens Militares*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela/GEOS, pp. 491-520.
- GONZÁLEZ-ARCE, José Damián, 1989 – Cuadernos de ordenanzas y otros documentos sevillanos del reinado de Alfonso X, *Historia. Instituciones. Documentos*, 16, pp. 103-132 [Disponível em <<http://institucional.us.es/revistas/historia/16/04%20gonzalez%20arce.pdf>> [consult. 2013.08.14.]].
- GONZÁLEZ CARBALLO, José, 1990 – Carta-puebla de Lora del Río. Fuero y privilegios otorgados a la villa por la Orden de San Juan del Hospital de Jerusalén (siglos XIII-XV). *Revista de Estudios Locales. Lora del Río: Ayuntamiento de Lora del Río*, nº 1, pp. 17-34.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel, 1987 – Conflictos fronterizos en la Sierra de Aroche. El pleito de Barrancos (1493), em *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, pp. 349-358.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel (ed.), 1991 – *Diplomatario andaluz de Alfonso X*. Sevilla: El Monte.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel, 1999 – Las relaciones entre Portugal y Castilla: del Tratado de Badajoz (1267) al Tratado de Alcañices (1297), em *El Tratado de Alcañices. Jornadas conmemorativas del VII Centenario del Tratado de Alcañices (1297-1997)*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 155-171.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel, 2000 – Las relaciones entre Portugal y Castilla durante el siglo XIII, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – *As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, XV, IIª série, 1998, pp. 1-24 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel, 2004 – *Alfonso X el Sabio*, Barcelona: Ariel.
- GONZÁLEZ, Julio, 1944 – *Alfonso IX*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ, Julio, 1983 – *Reinado y diplomas de Fernando III*. Vol. II, Córdoba: Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba.
- GONZÁLEZ MÍNGUEZ, César, 1976 – Fernando IV de Castilla (1295-1312). La guerra civil y el predominio de la nobleza. Valladolid: Universidad de Valladolid.
- GONZÁLEZ MÍNGUEZ, César, 1995 – *Fernando IV*. 1295-1312, Palencia: Diputación Provincial.
- GUERRERO VENTAS, Pedro, 1969 – *El gran priorato de San Juan de Jerusalén en el Campo de La Mancha*. Toledo: Diputación Provincial de Toledo.

Bibliografia

- GUERRERO VENTAS, Pedro, 1985 – El Archivo prioral-sanjuanista de Consuegra. Resumen de sus fondos documentales. Toledo: edición del autor.
- GUINOT RODRÍGUEZ, Enric, 1999 – La Orden de San Juan del Hospital en la Valencia medieval, Aragón en la Edad Media, 14, pp. 721-42.
- HAUSCHILD, Theodor, 1986 – Arte Visigótica. Do Paleolítico à Arte Visigótica. História de Arte em Portugal. Vol. I, Lisboa: Publicações Alfa.
- HERNÁNDEZ JIMÉNEZ Félix, 1967 – Los caminos de Córdoba hacia Noroeste en época musulmana, Al-Andalus, vol. 32, pp. 37-124 e 277-358.
- HERCULANO, Alexandre, 1980 – História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III. Tomos II e III. Lisboa: Livraria Bertrand.
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho, 1996 – A Dinâmica Dionisina, em Serrão, Joel; Marques, A. H. Oliveira (dir.) – Nova História de Portugal. Portugal em definição de fronteiras (1096-1325). Do Condado Portucalense à crise do século XIV. Vol. III. Lisboa: Editorial Presença, pp. 144-163.
- HOPPE, Jean Marie, 2000 – Le corpus de la sculpture visigothique. Libre parcours et essai d'interprétation, Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media (Mérida, abril de 1999), Anejos de Archivo Español de Arqueología, vol. XXIII, Madrid: pp. 307-355.
- HOTETTLER, Brad, 2012 – The Limburg Staurolithe: A Reassessment, Athanor. Art History. Tallahassee: Department of Florida State University/FSU Museum of Fine Arts, vol. 30, pp. 7-13 (Disponível em <http://www.academia.edu/879337/The_Limburg_Staurolithe_A_Reassessment> [consult. 2013.09.12]).
- HSIA, Ronnie Po-chia, 2005 – The World of Catholic Renewal, 1540-1770. 2ª ed. Cambridge: CUP.
- HUARTE ECHENIQUE, A., 1934 – Pedro I de Castilla y Beatriz de Portugal. Boletín de la Real Academia de la Historia, vol. CV: pp. 515-546.
- IOGNA-PRAT, Dominique, 1998 – Ordonner et exclure: Cluny et la société chrétienne face à l'hérésie, au judaïsme et à l'Islam: 1000-1150. Paris: Aubier.
- JAVIERRE MUR, Aurea, 1952 – La Orden de Calatrava en Portugal. Boletín de la Real Academia de la Historia, tomo 130, Madrid, pp. 323-376.
- JOSSERAND, Philippe, 2004 – Église et pouvoir dans la Péninsule Ibérique. Les Ordres Militaires dans le Royaume de Castille (1252-1369). Madrid: Casa de Velázquez.
- JOSSERAND, Philippe, 2009a – Commanderie, em Bériou, Nicole; Jossierand, Philippe (dir.) – Prier et Combattre. Dictionnaire Européen des Ordres Militaires au Moyen Âge. Paris: Fayard, pp. 245-246.
- JOSSERAND, Philippe, 2009b – La figure du commandeur dans les prieurés castillans et léonais du Temple et de l'Hôpital: un approche prosopographique (fin XIIe-milieu XIVe siècle), em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, I, Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, pp. 149-178.
- KIENZLE, Beverly Mayne, 2009 – Preaching the Cross: Liturgy and Crusade Propaganda, Medieval Sermon Studies. Vol. 53, 11-32.
- KRUS, Luís, 1994a – A escrita e o Arquivo: condicionantes e práticas, em Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos. Redondo: Patrimonia Histórica, pp. 9-24.
- KRUS, Luís, 1994b – A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT.
- LADERO QUESADA, Miguel Angel, 1975 – La Orden de Santiago en Andalucía: bienes, rentas y vasallo a finales del siglo XV, em Historia. Instituciones. Documentos, 2, pp. 329-382.
- LADERO QUESADA, Miguel Ángel, 1992 – Las regiones históricas y su articulación política en la Corona de Castilla durante la Baja Edad Media, em En la España Medieval. Madrid: Universidad Complutense, nº 15, pp. 213-247.
- LADERO QUESADA, Miguel-Angel, 1998 – O Tratado de Alcanices visto de Espanha, em O Tratado de Alcanices e a importância histórica das terras de Riba Côa. Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 14-30.
- LADERO QUESADA, Miguel-Angel, 2000 – Reconquista y Definiciones de Frontera, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas

Bibliografia

- de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, XV, IIª série, 1998, pp. 655-691 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- LAMPERT-WEISSIG, Lisa, 2010 – Medieval literature and postcolonial studies. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- LE GOFF, Jacques, 1984 – Memória, em Enciclopédia Einaudi. 1. Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 11-50.
- LE GOFF, Jacques, 1996 – Saint Louis, Paris: Gallimard.
- LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho, 1875 – Portugal Antigo e Moderno. Vol. VI, Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- LEÃO, Duarte Nunes de, 1975 – Crónica e vida do Rey D. Afonso o V, em Tesouros da Literatura e da História, Crônicas dos Reis de Portugal. Porto: Lello & Irmãos.
- LEDESMA RUBIO, Mª Luisa, 1967 – La encomienda de Zaragoza en los siglos XII y XIII, Zaragoza: Universidad de Zaragoza.
- LEDESMA RUBIO, Mª Luisa, 1968 – La población mudéjar en la vega baja del Jalón, Miscelánea ofrecida al I. S. D. J. M. Lacarra y de Miguel. Zaragoza: Facultad de Filosofía y Letras, pp. 335-351.
- LEDESMA RUBIO, Mª Luisa, 1982 – Templarios y hospitalarios en el Reino de Aragón. Zaragoza: Guara.
- LEDESMA RUBIO, Mª Luisa, 1991 – Cartas de población del reino de Aragón en los siglos medievales. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- LIMA, Frei António Pereira, 1672 – Acciones de la vida de Frei Luís Mendez de Vasconcelos Grã Maestre de la Sagrada Religión de S. Juan Baptista del Hospital, y del Santo Sepulchro de Malta. Lisboa: na oficina de António Rodrigues de Abreu (Disponível em <<http://purl.pt/17467/3/#/0>> [consult. 2013.08.14]).
- LIMA, Paulo (ed.), 1992 – Relação Histórica da Nobre Vila de Portel por Francisco de Macedo de Pina Patalim (c. 1730). Portel: Câmara Municipal, ed. fac-similada do manuscrito.
- Livro dos forais, escripturas, doações, privilégios e inquirições. 1948 (com estudo de, José Mendes da Cunha Saraiva). Vol. 3. Lisboa: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças.
- LOMAX, D.W., 1961 – Algunos estatutos primitivos de la Orden de Calatrava. Hispania, nº 84, pp. 483-494.
- LOPES, Fernão, 1945 – Crónica de D. João I, prefácio de António Sérgio, 2 vols. Porto: Livraria Civilização Editora.
- LOPES, Maria da Conceição et al, 1997 – Arqueologia do Concelho de Serpa. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.
- LOPES, Padre Miranda, 1936 – Os Comendadores de Algos. Brotéria Vol. XXII, fascículo 5, p. 402.
- LOPES, Sebastiana Alves Pereira L., 1999 – Os bens de Frei João Fernandes de Oliveira na comenda Ordem de Cristo de Castro Marim, em Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura. Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – Ordens Militares. Guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, I, Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, vol. 2, pp. 151-163.
- LÓPEZ, C., 1988 – La Hacienda de las Órdenes Militares castellanas durante el reinado de Felipe IV. Madrid: UAM.
- LÓPEZ GONZÁLEZ, C.; POSTIGO CASTELLANOS, E.; RUIZ RODRÍGUEZ, J. I., 1989 – Las Órdenes Militares en la época moderna. Una aproximación cartográfica, em Las Órdenes Militares en el Mediterráneo Occidental, siglos XIII al XVIII. Madrid: Casa Velázquez-Instituto de Estudios Manchegos, pp. 291-340.
- LOURENÇO, António J., 2000 – Carmelitas (Ordem do Carmo), em Azevedo, Carlos Moreira (dir.) – Dicionário de História Religiosa de Portugal, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 294-296.
- LUTTRELL, Anthony, 1998 – The Hospitallers' Early Written Records, em France, John; Zajac, William G. (orgs.) – The Crusades and their Sources. Essays Presented to Bernard Hamilton, Aldershot: Ashgate, pp. 135-151.

Bibliografia

- LUTTRELL, Anthony, 2007 – Studies on the Hospitallers after 1306. Aldershot: Ashgate.
- LUTTRELL, Anthony; PRESSOUYRE, Léon(orgs.), 2002 – La Commanderie, institution des ordres militaires dans l'Occident medieval. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, Ministère de l'Éducation nationale, Ministère de la Recherche.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero de, 1970 – Para o estudo do Algarve económico durante o século XVI. Lisboa: Edições Cosmos.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero de, 1994 – Frontera y espacios: Portugal y Castilla, em Carabias, Ana Maria (ed.) – Relaciones entre Portugal y Castilla en la época de los Descubrimientos y de la expansión colonial. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 91-101.
- MARQUES, A. H. de, 1978 – A Sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana (5ª ed.). Lisboa: Sá da Costa Editora.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, 1983 – Pesos e Medidas, em Serrão, Joel (dir.) – Dicionário de História de Portugal. Vol. V. Porto: Iniciativas Editoriais/Livraria Figueirinhas, pp. 67-72.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (ed.), 1984 – Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Históricos.
- MARQUES, A. H. de, 1987 – A Sociedade medieval portuguesa. Aspectos da vida quotidiana (5ª ed.). Lisboa: Sá da Costa Editora.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, 1993a – Hansa e Portugal na Idade Média. 2ª edição corrigida e aumentada. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, A. H. de Oliveira; DIAS, João José Alves, 2003 – Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Centro de Estudos Históricos.
- MARQUES, José, 1988 – O Concelho alentejano de Figueira e a Ordem de Avis, em 1336. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série II, vol. V, pp. 95-112 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2104.pdf>> [Consult. 2013.06.13]).
- MARQUES, José, 1993b – As Confrarias da Paixão na antiga Arquidiocese de Braga, em Theologica, Braga: 2ª. Série, 28, 2, pp. 447-480.
- MARQUES, José, 1994 – Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARQUES, José, 1996 – Em torno do termo Marrã. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XIII, IIª série, pp. 249-258 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2163.pdf>> [consult. 2013.09.10]).
- MARQUES, José, 1997 – A Ordem de Santiago e o concelho de Setúbal, em 1341, em Fernandes, Isabel Cristina Ferreira; Pacheco, Paulo (coord.) – As Ordens Militares em Portugal e no sul da Europa. Lisboa: Edições Colibri/CMP, pp. 285-306.
- MARQUES, José, 1998 – Caminhos portugueses de peregrinação a Santiago de Compostela. Pressupostos históricos e condicionalismos de uma caminhada. Minia, nº 6, III Série, pp. 1-44.
- MARQUES, José, 2003-2005 – O culto da Santa Vera Cruz em Portugal, em Barcelos Revista (14-16), pp. 17-58.
- MARQUES, José, 2009 – O culto da Paixão e da Santa Vera Cruz no Norte de Portugal, em IV Congreso Internacional de Hermandades y Cofradías de la Santa Cruz. Actas, Salamanca, pp. 569-626.
- MARTENS, Didier, 2010 – Peinture flamande et goût ibérique XVe-XVIe siècles. Bruxelles: Coll. Études d'histoire de l'Art de l'Université Libre de Bruxelles (prefácio de Paul Philippot).
- MARTÍ BONET, J. M., 2009 – Creu de Santa Eulàlia de Barcelona. Taüll. Barcelona: Secretariat Interdiocesà per la Custòdia i Promoció de l'Art Sagrat de Catalunya, 26, junho-julho, pp. 4-5.
- MARTÍN ANSÓN, Mª Luisa, 2003 – El Lignum Crucis da la Catedral de Sevilla: nuevos dados para su interpretación a la luz de los documentos. Archivo Español de Arte, Madrid: CSIC, nº 301, vol. 76, pp. 23-37.
- MARTÍN DUQUE, 1981 – La restauración de la monarquía navarra y las Ordenes Militares (1134-1194). Anuario de Estudios Medievales, 11, pp. 59-71.

Bibliografia

- MARTÍN MARTÍN, José Luis et al, 1977 – Documentos de los Archivos Catedralicio y Diocesano de Salamanca (siglos XII-XIII). Salamanca: Universidad de Salamanca.
- MARTÍN MARTÍN, José Luís, 2000 – Conflitos Luso-Castelhanos por la raya, em Fonseca, Luís Adão da (dir.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, IIª série, 1998, pp. 259-274 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- MATA, Joel Silva Ferreira, 2003 – A produção cerealífera no contexto da economia rural do séc. XVI. O exemplo da comenda de Cabrela em 1567, em Revista de Ciências Económicas e de Empresa. Universidade Lusíada, nº 1, pp. 11-47.
- MATA, Joel Silva Ferreira, 2004 – O Tombo das Propriedades da Ordem de Santiago na Comenda de Sesimbra em 1516, em Lusíada, Ciências Empresariais, 3, pp. 77-93.
- MATA, Joel Silva Ferreira, 2006 – A Arquitectura Religiosa, assistencial e militar da Comenda de Ferreira, na primeira Metade do Século XVI, em Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto vol. 1, pp. 397-411 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4423.pdf>> [consult. 2010.11.01]).
- MATA, Joel Silva Ferreira, 2007 – A Comunidade Feminina da Ordem de Santiago: A comenda de Santos em finais do século XV e no século XVI. Um estudo religioso, económico e Social. Militarium Ordinum Analecta. 9. Porto: Fundação Eng. António de Almeida (Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/Militarium_9.pdf> [consult. 2013.07.12]).
- MATA, Joel Silva Ferreira, 2009 – Os Livros Quinhentistas das comendas da Ordem de Santiago. Militarium Ordinum Analecta, 11. Porto: CEPese/ Civilização Editora, pp. 131-143 (Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.07.12]).
- MATOS, Artur Teodoro de, 1980 – Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2 vols.
- MATTOSO, José (ed.), 1980 – Livro de Linhagens do Conde D. Pedro, em Portugaliae Monumenta Historica, Nova Série, vol. II. Lisboa: Academia das Ciências.
- MATTOSO, José, 1985 – Ricos-homens, infanções e cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII. 2ª ed. Lisboa: Ed. Guimarães.
- MATTOSO, José, 1986 – As relações de Portugal com Castela no reinado de Afonso X, o Sábio, em Estudos Medievais, vol. 7, pp. 69-94.
- MATTOSO, José, 1987a – A nobreza medieval portuguesa. A família e o poder. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa.
- MATTOSO, José, 1987b – Fragmentos de uma composição medieval. Lisboa: Editorial Estampa.
- MATTOSO, José, 1993 – Dois séculos de vicissitudes políticas, em Mattoso, José (dir. e coord.) – História de Portugal. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 23-164.
- MAURÍCIO, Carlos Coelho, 1989 – Na manhã fértil – sondando o milagre de Ourique na cultura portuguesa. Ler História 16: pp. 3-28.
- MEDRANO FERNÁNDEZ, Violeta, 2006 – El contrabando en la frontera castelhana-portuguesa en el s. XV. Un estado de la cuestión, em González Jiménez, Manuel; Montes-Romero-Camacho, Isabel (ed.) – La Península Ibérica entre el Mediterráneo y el Atlántico Siglos XIII-XV. Sevilla-Cádiz: Diputación de Cádiz/Sociedad Española de Estudios Medievales, pp. 129-224.
- MENDEIROS, Mons. José Filipe, 1968 – O Santo Lenho da Sé de Évora, 2ª ed., Sé de Évora.
- MENDONÇA, João Manuel de Moraes Lamas da Silveira de, 2007 – A Ordem de Avis revisitada (1515-1538). Um alheado entardecer, 2 vols. Lisboa. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa.
- MENDONÇA, Manuel Lamas de, 2009 – Furtado de Mendonça portugueses. Um caso de ascensão social alavancada nas Ordens Militares, em Comendas das Ordens Militares na Idade Média, Militarium Ordinum Analecta, 11. Porto: Cepese e Civilização Editora, pp. 181-215 (Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.07.14]).

Bibliografia

- MENDONÇA, Manuela, 1995 – Uma Visitação às Terras da Ordem Militar de Avis em 1580, em *Cidades, Vilas e Aldeias de Portugal: Estudos de História Regional Portuguesa*. Vol. 1, Lisboa: Ed. Colibri.
- MENDONÇA, Manuela, 2006 – Guerra Luso- Castelhana, Século XV. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- MERCURI, Chiara, 2004 – Stat inter spinas liliū: le Lys de France et la couronne d'épines, em *Le Moyen Age* 3, t. CX, pp. 497-512 (Disponível em <www.cairn.info/revue-le-moyen-age-2004-3-page-497.htm> [Consult. 2013.09.30]).
- MIETHKE, J., 2010 – L'engagement politique: la seconde croisade, em MELLERIN, Laurence (ed.), *Bernard de Clairvaux: histoire, mentalités, spiritualité/Colloque de Lyon-Cîteaux-Dijon*, [juin 1990]. Paris: Les Éditions du Cerf], pp. 475-503.
- MIGUEL, Carlos Frederico Montenegro de Sousa, 1971 – Badajoz, convenção de, em Serrão, Joel (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. Vol. 1, Porto: Iniciativas Editoriais/Livraria Figueirinhas, pp. 271.
- MIRET I SANS, Joaquim, 1910-1913 – Les cases de Templiers y Hospitalers en Catalunya, Barcelona: Imp. Casa Provincial de Caritat.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo, 2004 – Uma comenda da Ordem de Cristo no Sueste da Beira – Penha Garcia nos inícios do século XVI, em *III Congresso Histórico de Guimarães – D. Manuel e a sua Época* (2001), Actas, vol. 3, População, Sociedade e Economia. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 307-333.
- MOITEIRO, Gilberto Coralejo, 2004-2005 – Idanha-a-Velha e Idanha-a-Nova: duas comendas da Ordem de Cristo nos inícios do século XVI, em *Media Aetas – Revista de Estudos Medievais*, II Série, vol. 1, pp. 83-120.
- MONTEIRO, João Gouveia, 1993 – Histórias da Guerra no Alentejo dos finais da Idade Média. Sep. das Actas do IV Colóquio A História Militar de Portugal no séc. XIX, s/l, pp.1-26.
- Monumenta Henricina, 1960, edição da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Coimbra, vol. I e II.
- MORAIS, Cristóvão Alão de, 1997-1998 – *Pedatura Lusitana*, 6 vols., Nova ed. reformulada, Braga: Carvalhos de Basto.
- MOREIRA, Hugo Daniel Rocha Gomes da Silva, 2009a – A Campanha Militar de Tânger (1433-1437), Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MOREIRA, Isabel Alves, 2009b – Nos traços dos moçárabes: para uma investigação de hagioponímia no espaço português, em *Xarajib: revista do Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves*, nº 7, pp. 105-114.
- MORENO, Humberto Baquero, 1979 – A contenda entre D. Afonso V e os Reis Católicos: incursões castelhanas no solo português de 1475 a 1478. *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, vol. 25, Lisboa, pp. 264-300.
- MORENO, Humberto Baquero, 1980 – A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e significado Histórico. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- MORENO, Humberto Baquero, 1986a – Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História*, vol. III, IIª série, pp. 77-89 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2042.pdf>> [Consult. 2013.09.11]).
- MORENO, Humberto Baquero, 1986b – Os Municípios portugueses nos séculos XIII a XVI. *Estudos de História*. Lisboa: Editorial Presença.
- MORENO, Humberto Baquero, 1990 – Bandos nobiliárquicos em Olivença nos fins do século XV, em *Exilados, marginais e contestatários na sociedade portuguesa medieval*. Estudos de História. Lisboa: Editorial Presença, pp.156-178.
- MORGADO, Isabel – vd. SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e.
- MORSE, Joseph, 2011 – Espacialização, transparentização e meritocratização das sociedades medievais. Sobre alguns fundamentos sócio-históricos da expansão ocidental, em Rodrigues, Miguel J.; Torrão, Mª Manuel (org.) – *Pequena nobreza de Aquém e de Além-mar: poderes, patrimónios e redes*. Lisboa: IICT/CHAM/DGARQ/FCT, pp. 83-106.

Bibliografia

- MUR I RAURELL, Anna, 1988 – La encomienda de San Marcos. La Orden de Santiago en Teruel (1200-1556). Teruel: Instituto de Estudios turolenses.
- MURRAY, Alan V., 1998 – Mighty against the Enemies of Christ: The Relic of the True Cross in the Armies of the Kingdom of Jerusalem, em France, John e Zajac, William (ed.), *The Crusades and Their Sources: Essays Presented to Bernard Hamilton*, Aldershot: Ashgate, pp. 217-238.
- NAVARRO DE LA TORRE, L., 1996 – El modelo económico cisterciense y la Orden de Calatrava, em Izquierdo Benito, Ricardo; Ruiz Gómez, Francisco (coord.) – *Las Órdenes Militares en la Península Ibérica*. Vol. I. Edad Media. Cuenca: Ediciones Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 459-469.
- NEVES, Carlos Manuel Baeta (ed.), 1980 – História Florestal, Aquícola e Cinegética: Colectânea dedocumentos existentesnoArquivo NacionaldaTorredaTombo – Chancelarias Reais, vol. I (1208-1483). Lisboa: MinistériodaAgricultura, Pescase Alimentação – Direcção Geraldo OrdenamentoeGestão Florestal.
- NIERMEYER, J. F., 1976 – *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden, E. J. Brill.
- NOVO CAZÓN, José Luis, 1986 – El priorato santiagouista de Vilar de Donas en la Edad Media (1194-1500). La Coruña: Fundación Barrie de la Maza.
- NUNES, Duarte Gil Oliveira, 2010 – A comenda de Noudar da Ordem de Avis no final da Idade Média. Porto. Dissertação de mestrado apresentada Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- O'CALLAGHAN, J. F., 1975 – The Spanish Military Order of Calatrava and its Affiliates. *Collected Studies*. London: Variourum Reprints.
- OLIVAL, Fernanda, 2001 – As Ordens Militares e o Estado Moderno. Honra, mercê e venalidade em Portugal (1641-1789). Lisboa: Estar Editora, 2001.
- OLIVAL, Fernanda, 2004 – Structural Changes within the 16th-century Portuguese Military Orders, em *e-Journal of Portuguese History*, vol. 2 number 1, Winter (Disponível em <http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue4/pdf/folival.pdf> [consult. 2013.08.30.]).
- OLIVAL, Fernanda, 2009 – As comendas das Ordens Militares Portuguesas na Época Moderna: um ponto de situação historiográfico, em *Comendas das Ordens Militares na Idade Média, Militarum Ordinum Analecta*, 11. Porto: Cepese e Civilização Editora, pp. 119-130 (Disponível em <<http://www.cepepe.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.07.14]).
- OLIVEIRA, António Resende de, 2011 – O genealogista e as suas linhagens: D. Pedro, Conde de Barcelos, em MARTIN, Georges; MIRANDA, José Carlos Ribeiro (org.) – *Legitimação e Linhagem na Idade Média. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos*. Porto: Estratégias Criativas Ed., pp. 369-389 (Disponível em <<http://e-spania.revues.org/20374>> [consult. 2013.08.12]).
- OLIVEIRA, Luís Filipe, 2009a – Pedro de Barcelos, em Bériou, Nicole; Josserand, Philippe (coord.) – *Prier et combattre.Dictionnaire Critique des Ordres Militaires Européens au Moyen Âge*. Paris: Éditions Fayard, pp. 701-702.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, 2009b – A Coroa, os Mestres e os Comendadores. As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449), [Faro], Universidade do Algarve.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, 2009c – Fidalgos, Cavaleiros e Vilões: as Orens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449), em *Comendas das Ordens Militares na Idade Média, Militarum Ordinum Analecta*, 11. Porto: Cepese e Civilização Editora, pp. 146-161 (Disponível em <<http://www.cepepe.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.07.14]).
- OLIVEIRA, Luís Filipe, 2012 – As Definições da Ordem de Avis de 1327, em Fernandes, Isabel C. F. (coord.) – *As Ordens Militares. Freires, Guerreiros, Cavaleiros, Palmela: Câmara Municipal de Palmela/GEOS*, vol. 1, pp. 371-388.
- OLIVEIRA, Luís Filipe; FONSECA, Luís Adão da; PIMENTA, Cristina; COSTA, Paula Pinto, 2011 – The Military Orders, em *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)* (ed. Mattoso, José; Rosa, Maria de Lurdes; Sousa, Bernardo Vasconcelos e; Branco, Maria João). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, pp. 425-457.
- OLIVEIRA, Vítor M. J., 1986 – Prospeção de Minérios Metálicos a Sul do Tejo, *Geociências*, I, fasc. 1-2, Aveiro, pp. 15-22.

Bibliografia

- Ordenações Afonsinas, 1984 – Com nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa e nota textológica de Eduardo Borges Nunes, Livro I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ORTEGA PÉREZ, Pascual, 2000 – Musulmanes en Cataluña. Las comunidades musulmanas de las encomiendas templarias y hospitalarias de Ascó y Miravet (siglos XII-XIV). Barcelona: Institución Milá y Fontanals.
- PAGARÁ, Ana; LIMA, Paulo, 2006-2007 – A herança da Ordem de Malta em Vera Cruz de Marmelar (Portel) 750 anos de história, devoção e arte. Filermo, vol. 10, pp. 79-103.
- PAGARÁ, Ana; SILVA, Nuno Vassalo e; SERRÃO, Vítor, 2006 – Igreja Santa Vera Cruz de Marmelar. Portel: Câmara Municipal de Portel (Disponível em: <<http://www.museusportugal.org/multimedia/File/Igreja%20vera%20cruz.pdf>> [consult. 2013.07.04]).
- PAVÓN BENITO, Julia, 2011 – La encomienda sanjuanista de Leache en la Edad Media: una primera aproximación, Revista Príncipe de Viana. VII Congreso General de Historia de Navarra. Arqueología. Historia Antigua. Historia Medieval. Historia del Arte y de la Música, vol. I, 72, pp. 279-293.
- PAVÓN BENITO, Julia; GARCIA DE LA BORBOLLA, Ángeles, 2000 – Hospitalarios y Templarios en Navarra. Formación patrimonial (1134-1194), em Izquierdo Benito, Ricardo; Ruiz Gómez, Francisco (coord.) - Las Órdenes Militares en la Península Ibérica. Vol. I. Edad Media. Cuenca: Ediciones Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 571-587.
- PAVÓN BENITO, Julia; BONET DONATO, María (eds.), 2013 – La Orden del Hospital de San Juan de Jerusalén. Contextos y trayectorias del priorato de Navarra medieval. Madrid-Pamplona: CSIC-Eunsa.
- PEINADO SANTAELLA, Rafael-Gerardo, 1982 – Estructura de la renta feudal en los señoríos andaluces de la Orden de Santiago a finales de la Edad Media. I. Encomiendas orientales, em Actas del I Coloquio de Historia de Andalucía. Andalucía Medieval (1979). Córdoba: Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba, pp. 471-507.
- PEINADO SANTAELLA, Rafael-Gerardo, 1991 – La renta señorial en las Ordenes Militares de la Corona de Castilla durante la Baja Edad Media, em Historia. Instituciones. Documentos, 18, pp. 403-424.
- PELLETTIERI, Antonella, 2007 – Il cabreo del 1626, em Le città dei Cavalieri. San Mauro la Bruca e Rodio, Pellettieri, Antonella (ed.). Matera: Altrimedia, pp. 60-67.
- PELLETTIERI, Antonella, 2008 – I registri patrimoniali capuani, em Il Gran Priorado giovanita di Capua, Pellettieri, Antonella; Ciociola, Francesco (ed.). Matera: Altrimedia, pp. 101-115.
- PELLETTIERI, Antonella, 2009 – Le città dei Cavalieri, em La Puglia dei Cavalieri. Il territorio pugliese nelle fonti cartografiche del Sovrano Militare Ordine di Malta, Catalogo della mostra Internazionale di Cartografia Storica, Pellettieri, Antonella; Ricciardi, Emilio (ed.). Viterbo: Centro Studi Melitensi di Taranto, pp. 67-74.
- PERDIGÃO, et al, 1982 – Notícia Explicativa da Folha 44B (Barrancos) da Carta Geológica de Portugal. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PEREIRA, Armando de Sousa, 2005 – A Reconquista entre o Douro e o Tejo nos anais monásticos dos séculos XI e XII, em Barroca, Mário Jorge; Fernandes, Isabel Cristina F. (coords.) – Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs.VIII a XIII). Porto: Câmara Municipal de Palmela/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 103-110.
- PEREIRA, Fernando António Baptista, 2001 – Imagens e Histórias de Devoção. Espaço, Tempo e Narratividade na Pintura Portuguesa do Renascimento (1450-1550). Lisboa. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- PEREZ EMBID, Florentino, 1975 – La frontera entre los reinos de Sevilla y Portugal. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla.
- PICARD, Christophe, 2000 – Le Portugal Musulman (VIII-XIII siècles). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique. Paris: Maisonneuve et La Rose.
- PIÇARRA, José Manuel et al, 2001 – Breves Apontamentos Sobre a Geologia de Barrancos. Barrancos: Câmara Municipal de Barrancos.
- PIMENTA, Maria Cristina Gomes, 1997 – A Ordem Militar de Avis (durante o Mestrado de D. Fernão Rodrigues de Sequeira), Militarum Ordinum Analecta, 1. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 127-242 (Disponível em: <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/ordem%20de%20cristo%20-%20vol.%201_final.pdf> [consult. 2013.07.04]).

Bibliografia

- PIMENTA, Maria Cristina, 2000 – Algunas reflexões sobre o fundo medieval da Ordem de Avis, em Izquierdo Benito, Ricardo; Ruiz Gómez, Francisco (coord.) - Las Órdenes Militares en la Península Ibérica. Vol. I. Edad Media. Cuenca: Ediciones Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 87-94.
- PIMENTA, Maria Cristina, 2001 – As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O governo de D. Jorge, em Militarum Ordinum Analecta, vol. 5, Porto: Fundação Eng.º António de Almeida (Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-5>> [consult. 3 de Jul 2013.07.03]).
- PIMENTA, Maria Cristina, 2006 – El modelo de gestión en la Orden de Avis. Cistercium, Zamora: Ed. Monte Casino, Enero-Junio, nº 242-24, pp. 137-165.
- PIMENTA, Maria Cristina, 2009a – Visite, em Bériou, Nicole; Josserand, Philippe (coord.) – Prier et combattre. Dictionnaire Critique des Ordres Militaires Européens au Moyen Âge. Paris : Éditions Fayard, pp 967.
- PIMENTA, Maria Cristina, 2009b – Calatrava em Portugal: Notas para uma revisão da questão, em Madrid Medina, Angela; Villegas Díaz, Luis Rafael (coords.) – Actas do I Congreso Internacional El nacimiento de la Orden de Calatrava. Primeros tiempos de expansión: siglos XII y XIII. Almagro: Ayuntamiento de Almagro y Instituto de Estudios Manchegos, pp. 189-204.
- PIMENTA, Maria Cristina, 2013 – D. Pedro I e as Ordens Militares: algumas notas de reflexão, em Associação dos Amigos de D. Pedro e D. Inês/Congresso Internacional. [s.l.]: Associação dos Amigos de D. Pedro e D. Inês, vol. I, pp. 149-167.
- PIMENTA, Maria Cristina; BARREIRO, Poliana Monteiro, 2009 – As comendas enquanto espaço de enquadramento religioso, em Comendas das Ordens Militares na Idade Média, Militarum Ordinum Analecta, 11. Porto: Cepese e Civilização Editora, pp. 89-104 (Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.07.14]).
- PIMENTA, Maria Cristina; SILVA, Isabel Morgado, 1989 – Política de Privilégio Joanina: confronto entre a Ordem de Cristo e a Ordem de Avis. Revista de Ciências Históricas. Porto: Publicação do Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, pp. 165-176.
- PINA, Rui de, 1977 – Crónica do Senhor Rey D. Afonso V, em Crónicas de Rui de Pina. Porto: Lello & Irmão Editores.
- PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor, 1999 – Linhagens medievais portuguesas. Genealogias e estratégias (1279-1325). 3 vols. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família e Universidade Moderna.
- PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor, 2005 – D. Dinis. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Portugaliae Monumenta Historica a seculo octavo post Christum usque ad quintundecimum iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita. Leges et consuetudines, 1864 e 1866, vol. 1, fasc. IV e fasc. V, Lisboa.
- POSTIGO CASTELLANOS, Elena, 1988 – Honor y privilegio en la corona de Castilla. Valladolid: Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Bienestar Social.
- POUTIER, Jean-Christian, 1989 – Rhodes et ses Chevaliers. 1306-1523. Approche historique et archéologique. Bruxelles: Imprimerie Catholique sal Araya.
- POWERS, James F., 1988 – Society Organized for War: The Iberian Municipal Militias in the Central Middle Ages, 1000-1284. Berkeley: University of California Press.
- POZO MARTINEZ, Indalecio, 2008 – Donantes y Limosnas a la Santa Vera Cruz de Caravaca (ss. XIV-XIX). Murgetana. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio.
- QUINTANA PRIETO, Augusto, 1968 – Los Monasterios de Poibueno y de San Martín de Montes. Archivos Leoneses. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, nº 43, pp. 63-131.
- RADES Y ANDRADA, Francisco de, 1572 – Chronica de la Orden y Caualleria de Alcantara. Toledo: J. de Ayala.
- RAMOS Y ARCANJO, Máximo, 1891 – Dehesa de la contienda. Origen, historia y estado actual. Lisboa, Typ. Franco-Portuguesa.
- RAU, Virgínia, 1982 – Sesmarias medievais portuguesas. Lisboa: Editorial Presença.
- REGO, Miguel Luís Vieira, 1994 – Investigações arqueológicas no castelo de Noudar, em CAMPOS, Juan

Bibliografia

- M.; PÉREZ, J. Aurelio; GÓMEZ, Francisco (ed.), *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Actas del encuentro internacional de Arqueología del Suroeste*. Huelva: Equipo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, pp. 37-53.
- REGO, Miguel Luís Vieira, 1998 – Noudar – O castelo de todos os encantamentos, em *Revista Imenso Sul*, Suplemento Especial, XIII, janeiro/março.
- REGO, Miguel, 2001 – Noudar (Barrancos): do Calcolítico à vila medieval. Trabalho final dos Estudos de Terceiro Ciclo do Curso de Doctorado em Património Histórico y Natural: Análisis, Definición y Gestión, apresentado no Departamento de Historia de la Antigüedad, del Arte, Geografía Física y Antropología da Universidad de Huelva (Espanha).
- REGO, Miguel, 2003 – A ocupação islâmica de Noudar, *Arqueologia Medieval*, VIII. Porto: Afrontamento/Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 60-82.
- REGO, Miguel; MATEUS, Rui; PAIVA, José (coord.), 1993 – Encontros com Barrancos. Barrancos: Câmara Municipal de Barrancos.
- RIBEIRO, Orlando, 1987 – Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico. 5ª edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- RIBEIRO, Orlando, 1994 – Geografia de Portugal, II. 2ª edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- RILEY-SMITH, Jonathan, 1967 – The Knights of St. John in Jerusalem and Cyprus, c.1050-1310. Londres: Macmillan St. Martin's Press.
- RILEY-SMITH, Jonathan, 2002 – The Origins of the Commandery in the Temple and the Hospital, em Luttrell, Anthony; Pressouyre, Léon(orgs.) – La Commanderie, institution des ordres militaires dans l'Occident medieval. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, Ministère de l'Éducation nationale, Ministère de la Recherche, pp. 9-18.
- RILEY-SMITH, Jonathan, 2004 – The Structures of the Orders of the Temple and the Hospital in c.1291, em Ridyard, Susan J. (org) – The Medieval Crusade. Woodbridge: Boydell, pp. 125-143.
- RILEY-SMITH, Jonathan, 2008 – Hospitallers and Templars: two very different Orders. Notre Dame. Indiana: University of Notre Dame Press.
- RILEY-SMITH, Jonathan, 2012 – The Knights Hospitaller in the Levant, c. 1070-1309. Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York: Palgrave Macmillan.
- RIUS SERRA, José, 1958 – Regesto ibérico de Calixto III. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- RIVERA GARRETAS, Milagros, 1985 – La encomienda, el priorato y la villa de Uclés en la Edad Media (1174-1310). Formación de un señorío de la Orden de Santiago. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida, 1995 – Torres Vedras. A vila e o termo nos finais da Idade Média. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RODRIGUES, Jorge Nascimento; DEVEZAS, Tesselano, 2008 – 1509 A Batalha que mudou o domínio do comércio global, Centro Atlântico, Lda. Famalicão {Disponível em<www.centroatl.pt/titulos/desafios/1509/images/excerto-livro-ca-1509.pdf[consult. 15 de Jul. 2013.07.15]}.
- RODRIGUES, Jorge; PEREIRA, Paulo, 1986 – Santa Maria da Flor da Rosa. Um Estudo de História de Arte. Crato: Câmara Municipal do Crato.
- RODRÍGUEZ AMAYA, E., 1952 – Inventario general de los Archivos de la S.I. Catedral y Ciudad de Badajoz, formado por D. Ascensio Morales en 1753-1754, *Revista de Estudios Extremeños*, VIII, 1-4, pp. 389-492.
- RODRÍGUEZ DE LA PEÑA, Manuel Alejandro, 2000 – Las Órdenes Militares como instrumento de la Monarquía: una panorámica europea (siglo XIII), em Izquierdo Benito, Ricardo; Ruiz Gómez, Francisco (coord.) - Las Órdenes Militares en la Península Ibérica. Vol. I. Edad Media. Cuenca: Ediciones Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 511-535.
- RODRÍGUEZ-PICAVEA, Enrique, 1994 – La formación del feudalismo en la meseta meridional castellana. Los señorios de la Orden de Calatrava en los siglos XII-XIII. Madrid: Siglo XXI.
- RODRÍGUEZ-PICAVEA, Enrique, 2001 – La ganadería en la economía de frontera. Una aproximación al caso de la meseta meridional castellana en los siglos XI-XIV, em *Identidad y representación de la*

Bibliografia

- frontera en la España Meridional (ss. XI-XIV), Ayala Martínez, Carlos de; Buresi, Pascal; Josserand, Philippe (ed). Madrid: Casa de Velásquez-Universidad Autónoma de Madrid, pp. 181-203.
- RODRÍGUEZ-PICAVEA, Enrique, 2008 – Los monjes guerreros en los reinos hispánicos. Las Órdenes Militares en la Península Ibérica durante la Edad Media. Madrid: La Esfera de los Libros.
- RÖHRICHT, Reinhold (org.), 1893 – Regesta Regni Hierosolymitani. Nova York: B. Franklin (repr. 1960).
- ROIG, Juan Fernando, s/d – Iconografía de los Santos, Barcelona: Ediciones Omega.
- ROMERA IRUELA, Luis, 1981 – La fundación del monasterio del crucifijo en Puente la Reina. *Anuario de Estudios Medievales*, 11, pp. 597-632.
- ROSA, Mª de Lurdes, 1998 – D. Jaime de Bragança, entre a cortina e a vidraça, em Curto, Diogo Ramada (dir.) – O tempo de Vasco da Gama. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses/Pavilhão de Portugal na Expo 98/: Ed. Difel, pp. 319-332.
- ROSA, Mª de Lurdes, 2000 – A religião no século: vivências e devoções dos leigos, em Rodrigues, Ana Mª; Jorge, Ana Mª (coords.) – História Religiosa de Portugal. Lisboa/Mem Martins: Centro de Estudos de História Religiosa/Círculo de Leitores, vol.1, pp. 423-508.
- ROSA, Mª de Lurdes, 2001-2002 – A santidade no Portugal medieval. Narrativas e trajectos de vida. Lusitania Sacra, 2ª s., vols. 13-14, pp. 369-450.
- ROSA, Mª de Lurdes, 2006 – Velhos, novos e mutáveis sagrados...Um olhar antropológico sobre formas «religiosas» de percepção e interpretação da conquista africana (1415-1521). Lusitania Sacra, vol. 18, pp. 13-85.
- ROSA, Mª de Lurdes, 2009 – Por detrás de Santiago e além das feridas bélicas. Mitologias perdidas da função guerreira, em Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais – Coelho, Maria Helena da Cruz; Gomes, Saul António; Rebelo, António Manuel Ribeiro (dir.). Vol. II. Porto de Mós-Alcobaça-Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, pp. 383-404.
- ROSA, Mª de Lurdes, 2010 – Do Santo Conde ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte-africana (1415-1521), Longas guerras, longos sonhos africanos. Porto: Fio da Palavra, pp. 93-109.
- RUBIO HERGUIDO, Manuel, 1963 – Privilegio otorgado por Frey Arias Gutiérrez Quijada. Año 1308. Noria. Cuadernos de temas alcazareños. Alcázar de San Juan: Ayuntamiento de Alcázar de San Juan, nº 2, pp. 15-23.
- RUIZ RODRÍGUEZ, José Ignacio, 1993 – Organización política y económica de la Orden de Santiago en el siglo XVII. Ciudad Real: Diputación Provincial.
- RUIZ RODRÍGUEZ, José Ignacio, 2001 – Las Órdenes Militares en la Edad Moderna, Madrid: Arco/Libros.
- RUIZ RODRÍGUEZ, José Ignacio, 2005 – Disputa y consenso en la administración fiscal castellana. Villanueva de los Infantes y el partido del Campo de Montiel c. 1600-c. 1660. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- RUIZ RODRÍGUEZ, J. I.; LÓPEZ C., 1988 – Poder jurisdiccional en tierras de las órdenes militares en tiempos de Hernán Cortés: El Consejo de Órdenes frente a las Chancillerías, em Actas Hernán Cortés y su tiempo, Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- SÁ-NOGUEIRA, Bernardo de, 2005 – A chancelaria da Ordem de Avis nos séculos XIII e XIV. Notas de Diplomática e Sigilografia, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – As Ordens Militares e as Ordens de cavalaria na construção do Mundo Ocidental, Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, pp. 169-190.
- SAÉZ GONZÁLEZ, Manuela, 2006 – Três cruces de los siglos XI-XII en la zona sur de la diócesis de Lugo, em Rivas Carmona, Jesús (Coord.) – Estudios de Platería. San Eloy. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 651-658.
- SÁINZ DE LA MAZA LASOLI, Regina, 1980 – La Orden de Santiago en la Corona de Aragón. La encomienda de Montalbán (1210-1357). Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- SALGADO, José, 1988 – A Igreja de S. João de Palmela e o seu fundador Jerónimo de Brito e Melo, em História de Palmela ou Palmela na História, Jornadas de Divulgação e Análise do Passado de Palmela. Palmela: Câmara Municipal.

Bibliografia

- SÁNCHEZ CASABÓN, Ana Isabel, 1995 – Alfonso II. Rey de Aragón, Conde de Barcelona y Marqués de Provenza. Documentos (1162-1196), Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- SANTA CATHARINA, Frei Lucas de, 1734 – Malta Portuguesa. Memórias da nobilíssima e sagrada Ordem dos Hospitalários de S. João de Jerusalém, especialmente do que pertence à Monarquia Portuguesa. Lisboa: Oficina de Joseph António da Sylva.
- SANTANA, José Pereira de, 1745 – Chronica dos Carmelitas da Antiga e Regular Observância do Reino de Portugal. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de António Pedroso Galvão, vol. 1.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, 2005 – A formação de um território, de uma fronteira e de uma identidade: a margem esquerda do Guadiana em tempos medievais, em FALCÃO, José António (coord.) – Visões do Invisível: património religioso da margem esquerda do Guadiana. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese, pp. 47-71 (Disponível em <http://www.academia.edu/307523/A_formacao_de_um_territorio_de_uma_frenteira_e_de_uma_identidade_a_margem_esquerda_do_Guadiana_em_tempos_medievais> [consult. 2013.07.03]).
- SARAIVA, António José, 1971 – O autor da narrativa da batalha do Salado e a refundição do Livro do Conde D. Pedro. Boletim de Filologia, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, nº 22, pp. 1-16.
- SEPÚLVEDA, Christóvam Ayres de Magalhães de, 1913 – História Orgânica e Política do Exército Português, VII, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos, 1909 – Noudar, Boletim da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 4ª Série, XI – 10, Lisboa, pp. 649-657.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1979-1980 – História de Portugal. 3ª edição, vol. 1, [1080-1415] e vol. 2 [1415-1495], Lisboa: Verbo.
- SERRÃO, Vítor, 2003 – Uma sociedade de pintores em Beja no fim do século XVI: os maneiristas António de Oliveira e Júlio Dinis de Carvo, em Revista Museu (IV série, nº 11), pp. 35-75.
- SERRÃO, Vítor, 2013 – Apintura do Renascimento e da Bella Maniera. História da Arte nos Açores, 1427-2000, coord. Sardo, Delfim; Caldas, João Vieira; Serrão, Vítor. Edição da Direcção Regional de Cultura dos Açores (no prelo).
- SILVA, António de Mattos e, (coord.), 2006a – Anuário da Nobreza de Portugal, Instituto Português de Heráldica. Lisboa: Dislivro Histórica.
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de S. e, 1996 – Soure, uma mui antiga terra da Estremadura, Exposição D.Manuel I. A Ordem de Cristo e a Comenda de Soure. V Centenário da subida ao trono de D. Manuel. Soure: CNCDP e Câmara Municipal.
- SILVA, Isabel L. Morgado S. e, 1997 – A Ordem de Cristo durante o Mestrado de D. Lopo Dias de Sousa (1373?-1417), Militarium Ordinum Analecta, 1, Porto: Fundação Engº António de Almeida, pp. 5-126 (Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/ordem%20de%20cristo%20-%20vol.%201_final.pdf> [consult. 2013.07.14]).
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, 2002a – A Ordem de Cristo (1417-1521), Militarium Ordinum Analecta, 6. Porto: Fundação Engº António de Almeida (Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/ordem%20de%20cristo%20-%20vol.6_final.pdf> [consult. 2013.07.14]).
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, 2002b – As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre Douro e Minho: alguns aspectos de vivência religiosa, em I Congresso sobre a Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória. Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão, Porto-Arouca: 2002, II, pp. 43-71.
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, 2006b – A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do século XVI: a criação das comendas novas, em Estudos em Homenagem ao Professor doutor José Marques, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 2, pp. 249-261 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4858.pdf>> [consult. 2010.11.01]).
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, 2009 – As comendas novas da Ordem de Cristo. Uma criação manuelina, em Militarium Ordinum Analecta, vol. 11, Porto: Cepese e Civilização Editora, 2009 pp. 105-118 (Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>> [consult. 2013.07.03]).

Bibliografia

- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, 2012 – As Comendas Novas da Ordem de Cristo. Século XVI, Militarium Ordinum Analecta, 11. Porto: Cepese (E.book disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/moa-13/view>> [consult. 2013.09.29]).
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e; PIMENTA, Maria Cristina, 1992 – Castro Marim: uma comenda da Ordem de Cristo, em Cadernos Históricos, III, Lagos: Comissão Municipal dos Descobrimentos, pp. 62-93.
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e; PIMENTA, Maria Cristina; COSTA, Paula Pinto, 2006 – Prerrogativas Mestrais e Monarquia: as Ordens Militares Portuguesas na Baixa Idade Média, em González Jiménez, Manuel; Montes-Romero-Camacho, Isabel (ed.) – La Península Ibérica entre el Mediterráneo y el Atlántico Siglos XIII-XV. Sevilla-Cádiz: Diputación de Cádiz/Sociedad Española de Estudios Medievales, pp. 589-595.
- SILVA, João Martins da, 1949 – Considerações sobre as Formações Cupríferas da Região de Barrancos, em Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço Fomento Mineiro, vol. 5, fascículo 1/2, Lisboa, pp. 23-48.
- SILVA, Nuno Vassallo e, 1998 – A Coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio. Lisboa: IPM.
- SILVEIRA, Joaquim da, 1937 – Toponímia Portuguesa – Noudar, Revista Lusitania, 35 - 1/4, Lisboa: Clássica Editora.
- SOARES, António Monge et al, 1985 – O Castelo Velho de Safara: Vestígios da Prática de Metalurgia, Arqueologia, 11, Porto: GEAP, pp. 87-94.
- SOCARRÁS, Cayetano J., 1976 – Alfonso X of Castile: A Study on Imperialistic Frustration. Barcelona: Hispam.
- SOLANO RUIZ, Emma, 1978 – La Orden de Calatrava en el siglo XV. Los señoríos castellanos de la Orden al fin de la Edad Media. Separata de Anales de la Universidad Hispalense. Série de Filosofía y Letras, nº 38.
- SOUSA, António Caetano de, 1946 – Provas da história genealógica da casa real portuguesa, vol. I. Coimbra: Atlântida.
- SOUSA, Armindo de, 2000 – Fronteira e representação parlamentar na Idade Média portuguesa, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – As relações de fronteira no século de Alcanices. Actas das 4ª Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, XV, IIª série, 1998, pp. 53-61 (Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>> [consult. 2013.07.03]).
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, 1990 – A Propriedade das albergarias de Évora nos finais da Idade Média. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, 2001 – A narrativa sobre a Batalha do Salado no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro, em História da Literatura Portuguesa. Das Origens ao Cancioneiro Geral, vol. 1. Mem Martins: Publicações Alfa, pp. 253-262.
- SOVERAL, Manuel Abranches de, 2005 – Ensaio sobre a origem dos Correa, senhores de Fralães. Séculos XIV e XV. (Disponível em: <<http://pwp.netcabo.pt/soveral/mas/Correia.htm>> [consult. 2005.10.20]).
- SOVERAL, Manuel Abranches de, 2013 – Correa Manoel de Aboim, administradores da capela de S. Lourenço de Óbidos (1319), senhores do palácio dos Aboim (Lisboa) e viscondes de Idanha e Vila Boim. Porto, edição do autor.
- SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luís, 1960 – Relaciones entre Portugal y Castilla en la época del Infante Don Enrique (1393-1460). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luís, 2003 – Nobleza y monarquía. Entendimiento y rivalidad. El proceso de la construcción de la Corona Española, Madrid: La Esfera de los Libros.
- Tabvla Imperii Romani (TIR), 1995 – Lisboa. Emerita, Scallabis, Pax Iulia, Gades. Unión Académica Internacional.
- TÁVORA, D. Luiz de Lancastre e, 1996 – A Heráldica da Casa de Abrantes. I Goes e Lemos, em Separata da revista Armas e Troféus, 2ª Série, Tomo VII, nº 1.
- TORRES, Cláudio, 1985 – Relatório de Escavações (policopiado), Biblioteca do Campo Arqueológico de Mértola.

Bibliografia

- TORRES, Cláudio, 1992 – Povoamento Antigo no Baixo Alentejo, *Arqueologia Medieval*, 1. Porto: Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, pp. 189-202.
- TRINDADE, Maria José Lagos, 1981 – A vida pastoril e o pastoreio em Portugal nos séculos XII a XVI, em *Estudos de História Medieval e outros*. Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 1-95.
- UBIETO ARTETA, Antonio, 1972 – Documentos de Sigüen, I, Valencia: Anubar.
- UBIETO ARTETA, Antonio, 1986 – El monasterio dúplice de Sigüen, Huesca: Instituto de Estudios Altoaragoneses.
- UTRERO AGUDO, M^a de los Ángeles, 2000 – Las bóvedas altomedievales en la Península Ibérica, em Graciani, A.; Huerta, S.; Rabasa, E.; Tabales, M. (ed.) – *Actas del Tercer Congreso Nacional de Historia de la Construcción* (Sevilla, 2000). Madrid: Instituto Juan de Herrera, vol. 1, pp. 1095-1104.
- VALDEZ DEL ALAMO, Elizabeth; PENDERGAST, Carol Stamatis (ed.), 2000 – *Memory and the Medieval Tomb*. Aldershot: Ashgate.
- VALENTE, Paulo, 2010a – Relicário do Santo Lenho. Arte Sacra do Concelho de Portel. Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, pp. 62-64.
- VALENTE, Paulo, 2010b – Cruz Processional. Arte Sacra do Concelho de Portel. Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, pp. 60-61.
- VARGAS, José Manuel, 2005 – Mouguelas: uma comenda da Ordem de Santiago no termo de Setúbal, em Fernandes, Isabel Cristina F. (coord.) – *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental*. Lisboa: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, pp. 485-515.
- VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de, 2009 – Os Mascarenhas, uma família da Ordem de Santiago, em *Comendas das Ordens Militares na Idade Média*, *Militarium Ordinum Analecta*, 11. Porto: Cepese e Civilização Editora, pp. 163-168 [Disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>>] [consult. 2013.07.14]].
- VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de, 2012 – Nobreza e Ordens Militares Relações Sociais e de Poder (séculos XIV a XVI). Porto: CEPESE (E-book disponível em <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/tt-militarium-ordinum-analecta/militarium-ordinum-analecta-n-o-12>>] [consult. 2013.09.28.]].
- VÁZQUEZ LEÓN, Antonio, 1999 – San Ginés: El Ocaso de una Devoción Principal, em *Actas de las XII Jornadas del Patrimonio de la Comarca de la Sierra*. Aracena: Federación de Asociaciones de la Sierra de Huelva, pp. 401-410.
- VELAZCO BAYON, Balbino, 2001 – História da Ordem do Carmo em Portugal. Lisboa: Paulinas.
- VENTURA, Leontina, 1992 – A nobreza de corte de Afonso III, II vols. Coimbra: Faculdade de Letras.
- VENTURA, Leontina, 1996 – Terras e Julgados, em Serrão, Joel; Marques, A. H. Oliveira (dir.) – *Nova História de Portugal. Portugal em definição de fronteiras (1096-1325). Do Condado Portucaleense à crise do século XIV*. Vol. III. Lisboa: Editorial Presença, pp. 542-545.
- VENTURA, Leontina, 2006 – D. Afonso III, Mem Martins: Círculo de Leitores.
- VENTURA, Leontina, 2009 – João Peres de Aboim, em Bériou, Nicole; Josserand, Philippe (coord.) – *Prier et combattre. Dictionnaire Critique des Ordres Militaires Européens au Moyen Âge*. Paris: Éditions Fayard, p. 504.
- VENTURA, Leontina; OLIVEIRA, António Resende de, 2006 (ed.) – *Chancelaria de D. Afonso III*, Livro 1, vol. 1 e 2, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- VENTURA, Maria Margarida Garcês, 2000 – Os coutos de homiziados nas fronteiras com o direito de asilo, em Fonseca, Luís Adão da (ed.) – *As relações de fronteira no século de Alcanices*. *Actas das 4^a Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série de História, vol. XV, 1998, II^a série, pp. 601-625 [Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id18id2108&sum=sim>>] [consult. 2013.07.03]].
- VENTURA, Maria Margarida Garcez, 2009 – Sobre as fronteiras de Portugal na primeira metade do século XV, em *Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais* – Coelho, Maria Helena da Cruz; Gomes, Saul António; Rebelo, António Manuel Ribeiro (dir.). Vol. II. Porto de Mós-Alcobaça-Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, pp. 159-168.

Bibliografia

- VILAR, Hermínia Vasconcelos, 1999 – As dimensões de um poder. A diocese de Évora na Idade Média. Lisboa: Estampa.
- VILARRUBIAS I CUADRAS, Daniel, 2002 – La creu processional major de Santa Maria d'Igualada, una mostra destacada de l'argenteria catalana del quatre-cents (s. XV). *Miscellanea Aqualatensia*, 10. Igualada: Centre d'Estudis Comarcals d'Igualada, pp. 173-230.
- VILLEGAS DÍAZ, Luis Rafael, 1991 – Las estructuras de poder de la Orden de Calatrava. Una propuesta de análisis, em *Historia, Instituciones, Documentos*, 18, pp. 467-504 [Disponível em <<http://institucional.us.es/revistas/historia/18/18%20villegas%20diaz.pdf>>] [consult. 2013.08.25]].
- VILLEGAS DÍAZ, Luis Rafael, 1997 – Las encomiendas de la Orden de Calatrava: modelo y transformaciones, em Fernandes, Isabel Cristina F.; Pacheco, Paulo (coord.) – *As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa*, *Actas do II Encontro sobre Ordens Militares*. Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Palmela, pp. 129-142.
- VILLEGAS DÍAZ, Luis Rafael, 2009 – Los cambios organizativos de la Orden de Calatrava en La Mancha (siglo XIII), em Madrid Medina, Angela; Villegas Díaz, Luis Rafael (coord.) – *Actas do I Congreso Internacional El nacimiento de la Orden de Calatrava. Primeros tiempos de expansión: siglos XII y XIII*. Almagro: Ayuntamiento de Almagro y Instituto de Estudios Manchegos, pp. 239-259.
- VILLEGAS DÍAZ, Luis Rafael, 2011 – La formación de una red urbana en el Campo de Calatrava (siglo XIII), em Cherubini, Giovanni (ed.) – *Uomini, paesaggi, storie. Studi di Storia Medievale*. Siena: Salviati & Barabuffi, I, pp. 323-338.
- VORAGINE, Jacobo de, 1900 – *The Golen Legend (Aurea Legenda)*, Englished by William Caxton, 1483, Londres: Temple Classics [Disponível em <<http://www.fordham.edu/halsall/basis/goldenlegend/>>] [consult. 2013.10.10]].
- WOLFRAM, Mélanie, 2011 – A Cristianização do mundo rural no Sul da Lusitânia. Lisboa. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Université Paris IV – Sorbonne École Doctorale VI – Histoire de L'Art et Archéologie.

Lista de Ilustrações

Tipo de ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Mapa 1	Comendas de Ordem do Hospital em Portugal	Baseado em COSTA, 1993: 59-63. COSTA 1999/2000: 105.	73
Mapa 2	Ordem de Avis (séculos XII-XVI)	Baseado em CUNHA, 1989:114. PIMENTA, 1997: 188 - 191. PIMENTA, 2001:140-144. OLIVEIRA, 2009: 287-293.	91
Fotografia 1	Desenho da fortaleza de Noudar, vista de Norte	Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela, por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do Rei D. Manuel, fl. 11v-12r. Códices e documentos de proveniência desconhecida, nº 159 [PT/TT/CF/159] "imagem cedida pelo ANTT"	367
Fotografia 2	Planta da fortaleza de Noudar	Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela, por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do Rei D. Manuel, fl. 122. Códices e documentos de proveniência desconhecida, nº 159 [PT/TT/CF/159] "imagem cedida pelo ANTT"	368

Lista de Ilustrações

Tipo de ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Fotografia 3	Desenho da fortaleza de Noudar, vista de Sul	Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela, por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do Rei D. Manuel, fl. 10v-11r. Códices e documentos de proveniência desconhecida, nº 159 [PT/TT/CF/159] "imagem cedida pelo ANTT"	369
Fotografia 4	Ponteira de bainha de adaga (séc. XII/XIII)	Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos. BAR0017. Foto Miguel Rego	370
Fotografia 5	Vista geral do castelo de Noudar a partir de NE	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DSID: Coleção de Fotografias: FOTO.00986949	371
Fotografia 6	Torre de Menagem do castelo de Noudar	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DSID: Coleção de Fotografias: FOTO.00986924	372
Quadro 1	Noudar: total de diplomas (325) e sua distribuição por décadas (séc. XIII-XVI)		111
Gráfico 1	Noudar: distribuição da documentação por décadas (1240-1550)		112
Quadro 2	Noudar: distribuição da documentação por temas		113
Gráfico 2	Noudar: distribuição da documentação por temas		113
Gráfico 3	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1280-1299)		114
Gráfico 4	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1300-1319)		115
Gráfico 5	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1320-1339)		116
Gráfico 6	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1340-1359)		116
Gráfico 7	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1360-1379)		117

Lista de Ilustrações

Tipo de ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Gráfico 8	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1380-1399)		117
Gráfico 9	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1400-1419)		118
Gráfico 10	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1420-1439)		119
Gráfico 11	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1440-1459)		120
Gráfico 12	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1460-1479)		121
Gráfico 13	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1480-1499)		121
Gráfico 14	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1500-1519)		122
Gráfico 15	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1520-1539)		123
Gráfico 16	Noudar: distribuição cronológica dos documentos (1540-1559)		123
Mapa 3	A Comenda de Noudar (1527)	Desenho Joel Mata	140
Quadro 3	Inventário de armas existentes no castelo de Noudar (1364-1366)		142
Mapa 4	Áreas de conflito transfonteiriço nos séculos XIV-XVI	Desenho Joel Mata	157
Gráfico 17	Composição dos prédios urbanos da vila de Noudar	Desenho Joel Mata	162
Gráfico 18	Distribuição dos prédios por área da casa dianteira (Noudar)	Desenho Joel Mata	162
Gráfico 19	Distribuição dos prédios urbanos de Barrancos, por área da casa dianteira	Desenho Joel Mata	163

Lista de Ilustrações

Tipo de ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Gráfico 20	Composição dos prédios urbanos da Rua da Praça (Barrancos)	Desenho Joel Mata	164
Gráfico 21	Distribuição dos prédios urbanos, por área da casa dianteira (Barrancos e Noudar)	Desenho Joel Mata	165
Gráfico 22	Dimensões das estrebarias dos prédios urbanos de Barrancos	Desenho Joel Mata	165
Quadro 4	O castelo de Noudar e suas dependências (1607)		166
Gráfico 23	Titularidade dos prédios urbanos em Barrancos	Desenho Joel Mata	167
Quadro 5	Receita da comenda de Noudar em 1509		171
Quadro 6	Despesas da comenda de Noudar em 1509		172
Quadro 7	Comendadores e alcaides de Noudar (1312-1532)		183-184
Mapa 5	Algumas vias de comunicação do Sul de Portugal (séculos XV-XVI)	MAGALHÃES, 1970, figura 7.	205
Lápide A	Pormenor da inscrição da lápide da igreja de Vera Cruz de Marmelar onde se faz referência a frei Afonso Peres Farinha	Foto Paula Pinto Costa	213
Lápide B	Pormenor da inscrição da lápide da igreja de Vera Cruz de Marmelar onde se faz referência a frei Afonso Peres Farinha (onde se destaca a gravação da referência numérica)	Foto Paula Pinto Costa	214

Lista de Ilustrações

Tipo de ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Mapa 6	O senhorio de Portel (1258) e a comenda de Vera Cruz de Marmelar (1274). Reconstituição territorial		219
Quadro 8	Cronologia da comenda de Vera Cruz de Marmelar - 1ª Fase		225-226
Quadro 9	Distribuição das casas por grupos de área (Comenda de Marmelar)		237
Quadro 10	Distribuição geográfica dos prédios urbanos da comenda de Marmelar (1634)		237
Gráfico 24	Património urbano na Comenda de Marmelar	Desenho Joel Mata	238
Mapa 7	Distribuição geográfica dos prédios urbanos foreiros á Comenda de Marmelar	Desenho Joel Mata	239
Gráfico 25	Estado de conservação dos prédios rústicos	Desenho Joel Mata	242
Quadro 11	Distribuição dos olivais por número de árvores (comenda de Marmelar)		244
Quadro 12	Foros dos prédios urbanos (comenda de Marmelar)		246
Quadro 13	Foros dos prédios rústicos (comenda de Marmelar)		248-249
Quadro 14	Foros constituídos por numerário/outros (comenda de Marmelar)		250

Lista de Ilustrações

Tipo de Ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Quadro 15	Comendadores de Vera Cruz de Marmelar		257-258
Quadro 16	Paróquias da Vera Cruz em Portugal		275-276
Fotografia 7	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cabeceira e torre vistas do lado Sul	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Fotografias: FOTO.00188426	373
Fotografia 8	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Absidófolo Sul. Interior. Decoração da fresta	Foto Lúcia Rosas	374
Fotografia 9	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Absidófolo pré-românico e justaposição da torre. Exterior	Foto Lúcia Rosas	375
Fotografia 10	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Planta da Igreja	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Desenhos: DES.00001896	376
Fotografia 11	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Torre vista do lado Sul em 1958	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Fotografias: FOTO.00161964	377
Fotografia 12	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cabeceira. Exterior. Peças da época visigótica reaproveitadas	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Fotografias: FOTO.00161968	378
Fotografia 13	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Fachada Sul. Portal entaipado	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Fotografias: FOTO.00161967	379
Fotografia 14	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Torre vista do lado Nascente	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DSID: Coleção de Fotografias: FOTO.00545869	380
Fotografia 15	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Construções remanescentes do paço	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Fotografias: FOTO.00186250	381
Fotografia 16	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Planta da Igreja e das construções remanescentes do paço	IHRU/SIPA. PT DGEMN/DREMSul/DM: Coleção de Desenhos: DES.00001894	382

Lista de Ilustrações

Tipo de Ilustração	Legenda	Origem/fonte	Pag.
Fotografia 17	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Pentecostes e Santa Helena	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE. 1.001 pin.	383
Fotografia 18	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Santa Helena e a Ressureição da jovem	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE. 1.002 pin.	384
Fotografia 19	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Edícula da relíquia do Santo Lenho	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE.1.012 equ.	385
Fotografia 20	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Relíquia do Santo Lenho	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE. 1.019a our.	386
Fotografia 21	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Relicário do século XVIII	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE.1.005a our.	387
Fotografia 22	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cruz processional. Anverso	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE.1.021_our[2].	388
Fotografia 23	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cruz processional. Reverso	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE.1.021a_our[1].	389
Fotografia 24	Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cruz processional. Nó com as armas dos Pereiras	Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora. PO.VE. 1.021i our.	390

Agradecimentos

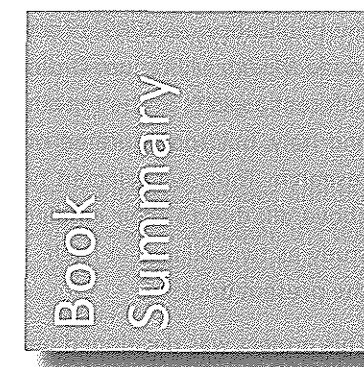
Agradecemos ao Senhor Cônego Eduardo Pereira da Silva, vigário geral da Arquidiocese de Évora e ao Padre José Lello, Pároco de Vera Cruz de Marmelar, todo o apoio que nos deram no sentido de podermos visitar a Igreja de Vera Cruz de Marmelar e o seu espólio artístico. Agradecemos também ao Dr. Artur Goulart a cedência das fotografias relacionadas com a Igreja de Vera Cruz de Marmelar e o seu património artístico, assim como ao Prof. Didier Martens as suas preciosas indicações a respeito do painel *Pentecostes*.

Lista de Autores

Antonella Pelletieri Istituto per i beni archeologici e monumentali. Consiglio Nazionale delle Ricerche. Itália. a.pellettieri@ibam.cnr.it
António Pestana de Vasconcelos CEPESE. Portugal a_pestvasc@hotmail.com
Carlos Barquero Goñi. Universidad Nacional de Educación a Distancia. Espanha cbarquero@geo.uned.es
Hermenegildo Fernandes Centro de História/Universidade de Lisboa-Faculdade de Letras. Portugal hermenegildo.f@fl.ul.pt
João Manuel de Moraes Lamas Silveira de Mendonça CEPESE. Portugal fsomas@sapo.pt
Joel Silva Ferreira Mata Universidade Lusíada do Porto. Portugal joel.mata@oninet.pt
José Ignacio Ruiz Rodríguez Universidad de Alcalá. Espanha jignacio.ruiz@uah.es

Lista de Autores

José Marques Universidade do Porto. Faculdade de Letras. CEPESE. Portugal josemarques.braga@gmail.com
Judite Antonieta Gonçalves de Freitas Universidade Fernando Pessoa. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. CEPESE. Portugal judisatier@gmail.com; jfreitas@ufp.edu.pt
Judith Bronstein Universidade de Haifa. Israel Judith_bronstein@hotmail.com
Julia Pavón Benito Universidade de Navarra. Espanha jpavon@unav.es
Lúcia Rosas Departamento de Ciências e Técnicas do Património Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEPESE. Portugal lrosas@letras.up.pt
Luís Adão da Fonseca Universidade do Porto. CEPESE. Portugal luisadaofonseca@netcabo.pt
Luís García-Guijarro Ramos Universidade de Zaragoza. Faculdade de Filosofia e Letras. Espanha luguizar@unizar.es
Luis Rafael Villegas Diaz Universidade de Granada. Espanha luisrafvillegas@gmail.com
Manuel González Jiménez Universidade de Sevilha. Espanha manugon@us.es
Maria Bonet Donato Universidade Rovira i Virgili. Espanha maria.bonet@urv.cat
Maria Cristina Pimenta CEPESE. Portugal cristina_pimenta@sapo.pt
Maria de Lurdes Rosa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. IEM. Portugal missi@oniduo.pt
Miguel Rego Câmara Municipal de Castro Verde mrego@aeiou.pt
Paula Pinto Costa Universidade do Porto. Faculdade de Letras. CEPESE. Portugal ppinto@letras.up.pt
Vítor Serrão Universidade de Lisboa. Portugal vit.ser@fl.ul.pt



BOOK SUMMARY

This volume, entitled *Commanderies of the Military Orders: national profil and international setting*, is a result of the project PTDC/HIS-HIS/102956/2008 approved by the Portuguese Foundation for Science and Technology. It was developed between 2010 and 2013 as part of the activities of the Research Group of Medieval and Renaissance Studies of the *Research Centre for the Study of Population, Economy and Society* (CEPESE. University of Porto). Its aim was to develop a monographic research of two Portuguese commanderies in the South of Portugal (Noudar and Marmelar, one belonging to the Order of Avis and the other to the Order of St John).

It was not the first time that this topic was object of specific attention by this group. In May/June 2007, a paper entitled *Commanderies of the Order of the Hospital in Portugal and Southern Italy: documentary sources and methodological frameworks* was presented at the University of Évora, in the 10th Anniversary of the *Mediterranean Studies Congress*¹²⁷⁸. And in the following year, it was also organized

¹²⁷⁸<<https://www.mediterraneanstudies.org/ms/evoraprogram.htm>>[consulted 2013.09.25]. Paper presented by Paula Pinto Costa, that was written by Maria Eugénia Cadeddu, Antonella Pellettieri, Nicola Montesano, Luís Adão da Fonseca and Paula Pinto Costa.

Book Summary

a Portuguese-Italian seminar in Oporto on this same theme, which resulted in the publication, in 2009, of a volume entitled *Comendas das Ordens Militares na Idade Média*, *Militarium Ordinum Analecta*, volume 11, Porto¹²⁷⁹. In this seminar, different aspects of the topic have been addressed, with special focus on Portugal and Italy, but soon became evident that it was necessary to go deeper into this research. Thus, we selected two commanderies, whose choice can be explained, above all, due to their emblematic role in a wider framework rather than by its study as two villages in itself. These commanderies constitute the main object of the present book.

This project was developed bearing in mind the simultaneous study of the history of each commandery, its social, institutional and economic evolution, and also the artistic and architectonic patrimony. In fact, in Noudar, we face a land of frontier directly related to the Castilian history (especially of the Andalusia region). In Marmelar, where a relic of the Holy Cross is venerated within the *protection* of an International Military Order, the region has been included in the *Peregrinatio* itineraries which gave this commandery a strong devotional profile. So, these two different characteristics allow us to achieve an interesting methodological approach, aiming at the study of important dimensions of the Military Orders in the Iberian Middle Ages: the problem of the border and the logic that underlies their territorial deploying.

Thus, according to these circumstances, two guidelines of research were defined in the working plan:

A. On the one hand, the publication of three source books where the documents gathered about the two commanderies are displayed. These sources will be available in form of e-books which access will be possible through the website of our research center (CEPESE), integrated in the collection *Militarium Ordinum Analecta* [<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/tt-militarium-ordinum-analecta>]. Thereby:

1. A first volume, comprising the publication of the documents regarding Noudar (from 1248 until 1554).
2. A second volume, comprising the publication of an exhaustive inventory of the patrimonial dimension of Noudar in 1606-1607.
3. A third volume, comprising the publication of the documents regarding Marmelar (from 1258 until 1640).

¹²⁷⁹ Available in <<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/publicacoes/moa-11>>[consult 2013.07.14].

Book Summary

B. On the other hand, the preparation and publication of a monographic volume about these two commanderies, which, with the collaboration of 21 authors, seeks to take advantage of the information on the three aforesaid e-books and to study the functioning of these two local entities in their different aspects, taking into account the overall framework of the Iberian Peninsula.

This volume opens with an introduction where the most important issues and the methodology adopted in the research are explained. After the introduction, the text is divided into three parts, the first being general, and the other two dedicated to each one of the two commanderies.

The first part, entitled *Commanderies of the Military Orders: Concepts and organization*, begins by a reflection about the real meaning of commandery of the Military Orders, in the Middle and Early Modern Ages (chapter 1). Then, two fundamental questions are addressed to the topic of this book: the relationship between the head of the Order and the commanderies (chapter 2) and the organization of commanderies in the kingdoms of the Iberian Peninsula (chapter 3). The Orders that are considered are the Military Hospitaller Order of Saint John of Jerusalem and the Military Order of Calatrava (and its Portuguese affiliate, the Order of Avis).

The next two sections are devoted to a detailed study about the two commanderies: first Noudar (Part 2) and then Marmelar (Part 3). The scheme adopted is similar, although some different chapters are introduced, according to the specificity of each commandery.

In the case of Noudar a chapter devoted to the material and the documentary aspects – entitled *Memories* (chapter 4) – starts by considering the castle and the small village that existed in the area. After, the available archival sources are presented, which leads us to better understand the representation of the past that is given by the written documentation.

The fifth chapter focus on the history of the commandery, and begins by presenting the main aspects of the history of the border in that region during the period preceding the integration of Noudar into the Portuguese Kingdom. For this reason, the next chapter (chapter 6) is fully dedicated to the definitions of boundaries and municipal limits. This second part ends with chapter 7, wherein it is studied its patrimonial, jurisdictional and social dimensions.

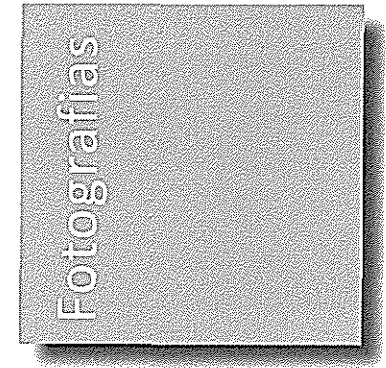
In the case of the Hospitaller commandery of Vera Cruz (Holy Cross) of Marmelar (Part 3), located in the middle of the Alentejo, it was considered important to begin by introducing the “reorientation” of communication links in the region after the Christian Reconquest (chapter 8). Then, it is presented the history of the commandery in its relation with the territory and its *immaterial* aspect (chapter 9). Chapter 10,

Book Summary

following the same scheme adopted for Noudar, is also dedicated to the patrimonial, jurisdictional and social aspects.

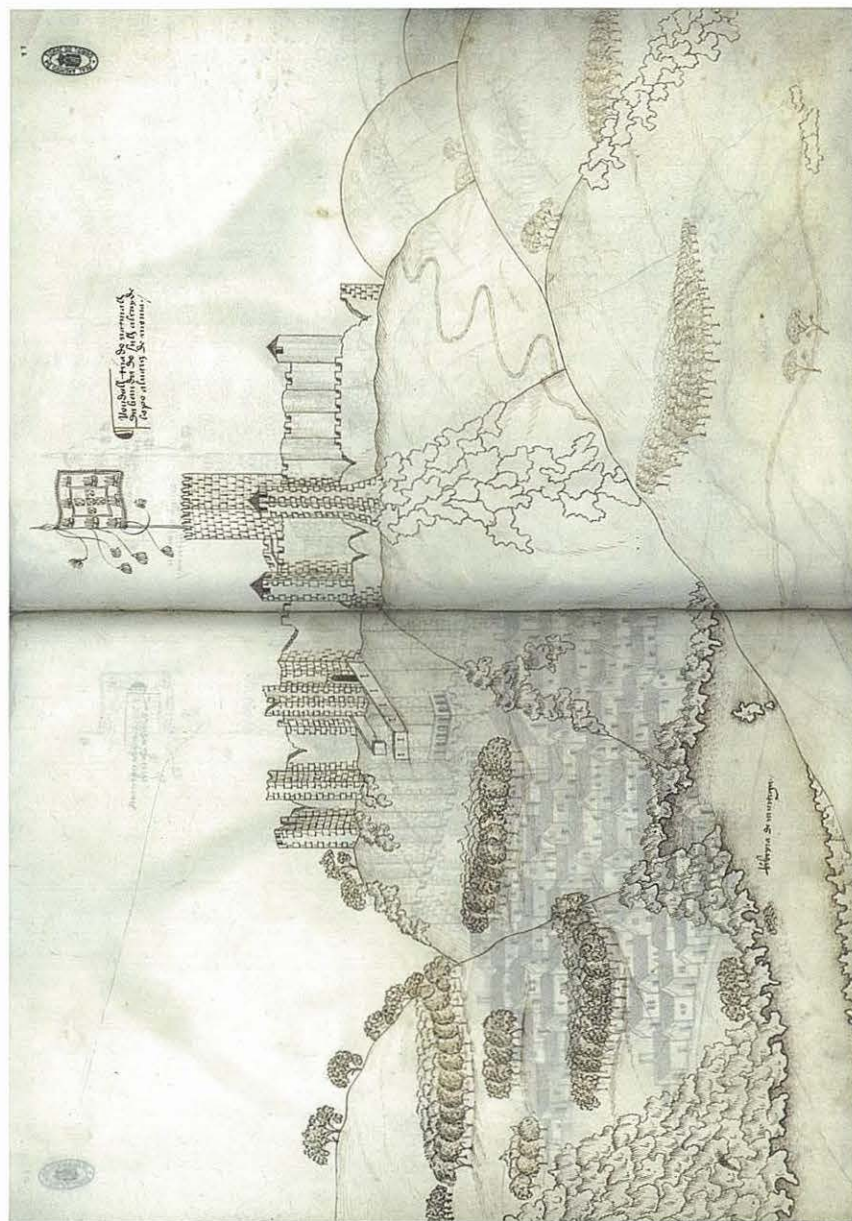
Because this commandery is a sanctuary where the relic of the Holy Cross is venerated, we could not fail to pay special attention to this cult and its relation to the religiousness of the South of Portugal in the medieval period (chapter 11). The 12th, is the last chapter of the book. It is entirely dedicated to the artistic aspects: the church architecture and the monumental complex, the paintings, the reliquary-coffer and the processional cross.

The book ends with the usual information devoted to acronyms and abbreviations, bibliography, list of illustrations and authors.



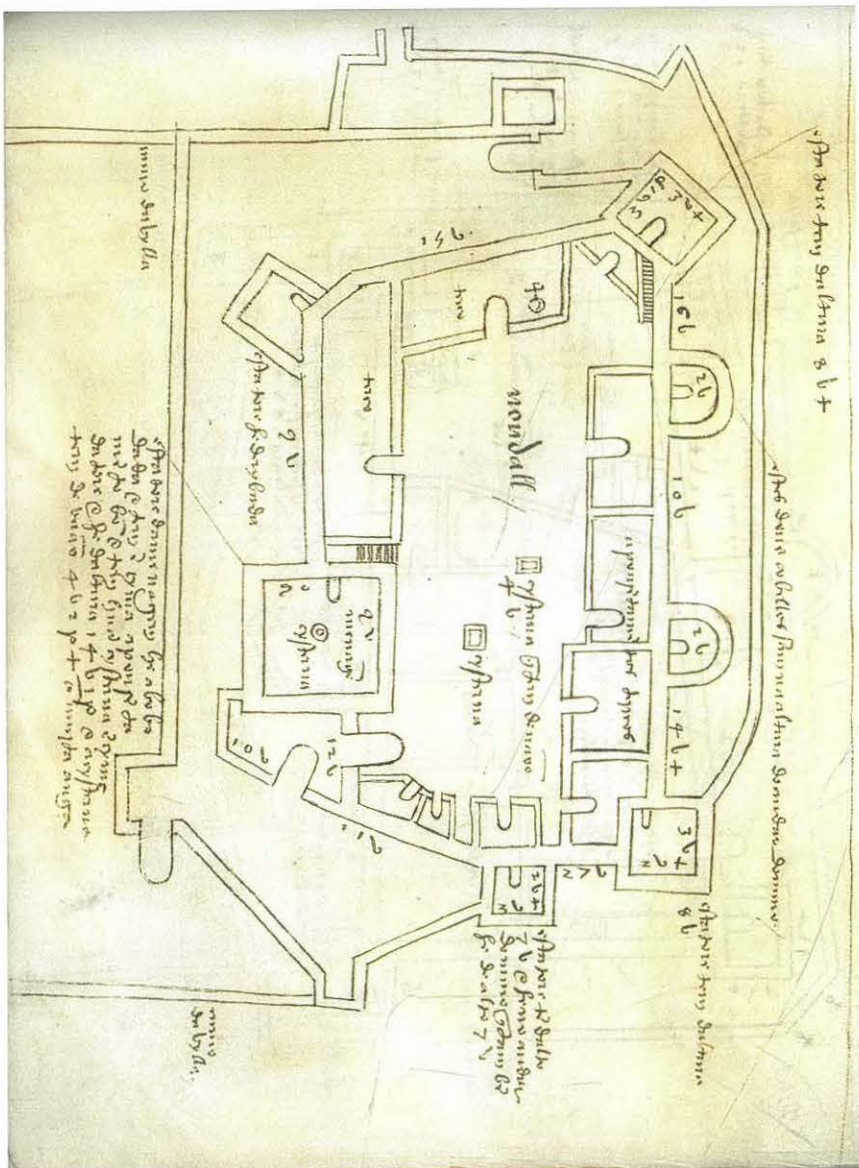
Fotografia 1 - Desenho da fortaleza de Noudar, vista de Norte





Fotografia 3 - Desenho da fortaleza de Noudar, vista de Sul

Fotografia 2 - Planta da fortaleza de Noudar



Fotografia 4 - Ponteira de bainha de adaga (séc. XII/XIII)



Fotografia 5 - Vista geral do castelo de Noudar a partir de NE



Fotografia 6 - Torre de Menagem do castelo de Noudar



Fotografia 7 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cabeceira e torre vistas do lado Sul



Fotografias

Fotografia 8 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Absidíolo Sul. Interior. Decoração da fresta



Fotografias

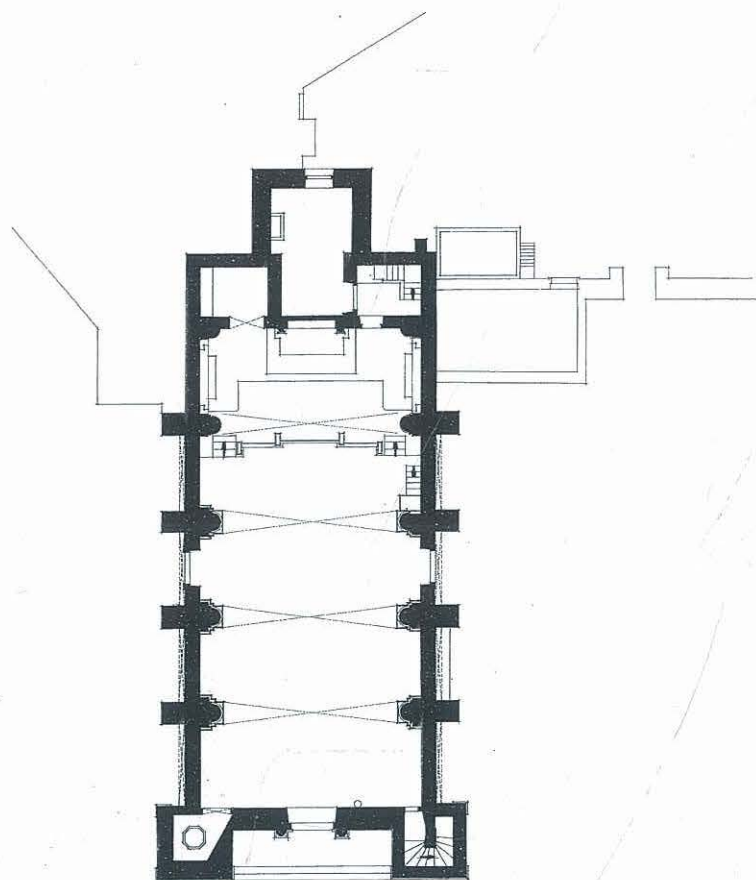
Fotografia 9 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Absidíolo pré-românico e justaposição da torre. Exterior



Fotografias

Fotografia 10 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Planta da Igreja

IGREJA DE VERA CRUZ
PLANTA NA ESCALA 2:100 DO 1974.



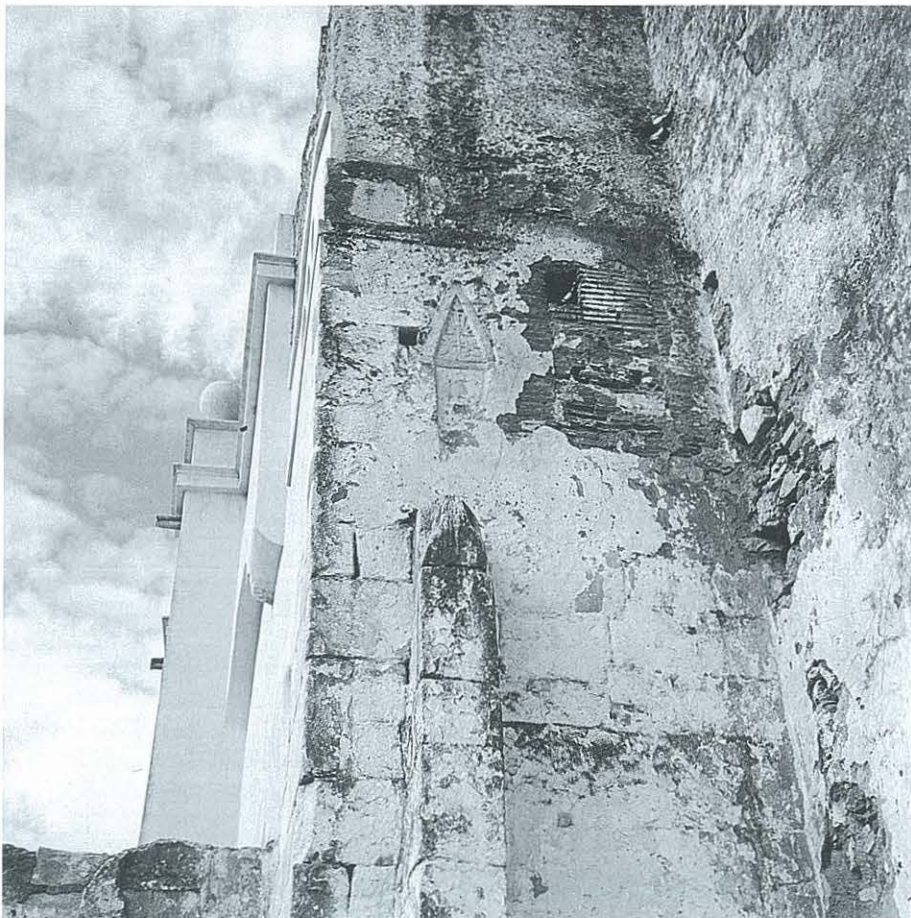
Fotografias

Fotografia 11 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Torre vista do lado Sul em 1958



Fotografias

Fotografia 12 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cabeceira exterior. Peças da época visigótica reaproveitadas



Fotografias

Fotografia 13 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Fachada Sul. Portal entaipado



Fotografias

Fotografia 14 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Torre vista do lado Nascente



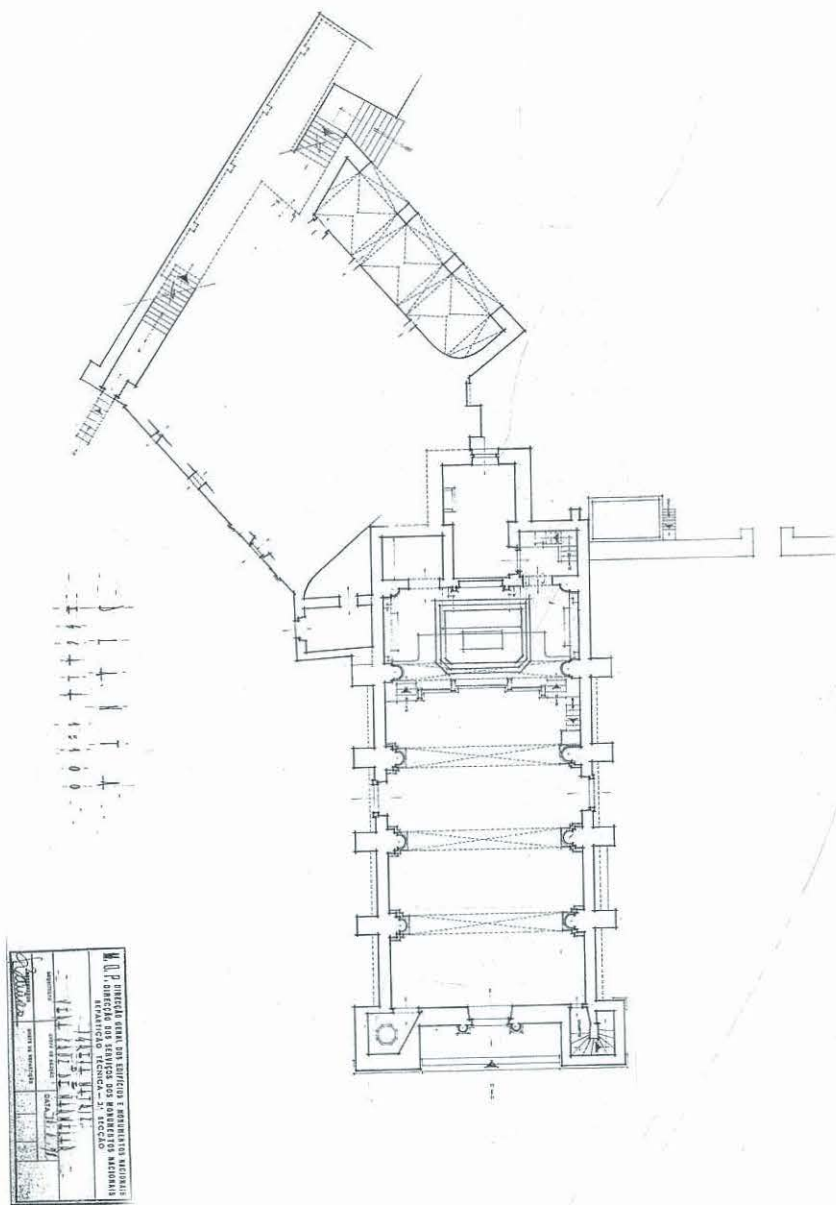
Fotografias

Fotografia 15 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Construções remanescentes do paço



Fotografias

Fotografia 16 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Planta da Igreja e das construções remanescentes do paço



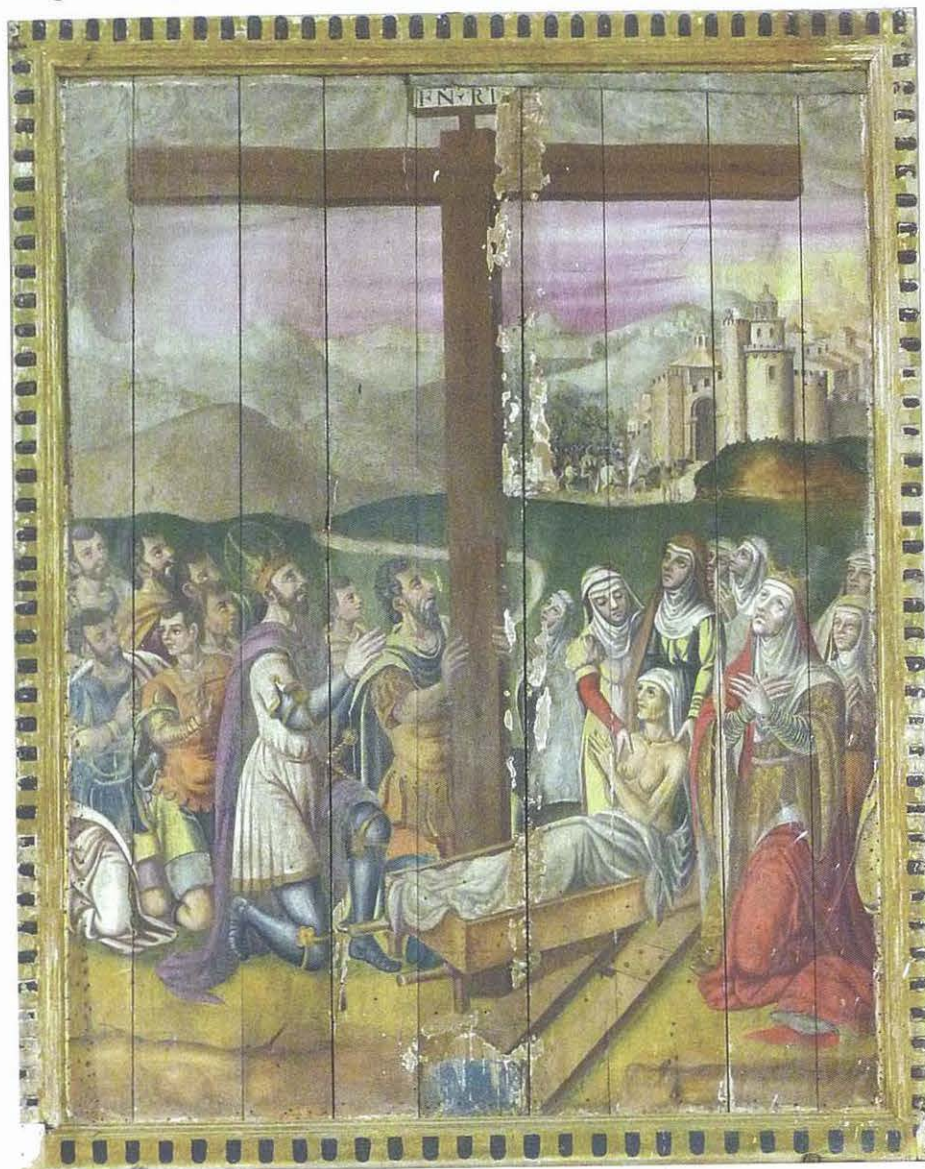
Fotografias

Fotografia 17 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Pentecostes e Santa Helena



Fotografias

Fotografia 18 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Santa Helena e a Ressureição da jovem



Fotografias

Fotografia 19 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Edícula da relíquia do Santo Lenho



Fotografias

Fotografia 20 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Relíquia do Santo Lenho



Fotografias

Fotografia 21 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Relicário do século XVIII



Fotografias

Fotografia 22 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cruz processional. Anverso



Fotografias

Fotografia 23 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cruz processional. Reverso



Fotografias

Fotografia 24 - Igreja de Vera Cruz de Marmelar. Cruz processional.
Nó com as armas dos Pereiras

